

1933

Jul
Ago

no. 39

**CENTRO DOM VITAL
BIBLIOTECA**

**A UNIÃO EUCHARISTICA
DA BAHIA**

“Só se justifica a acção social e politica, entre os catholicos, quando esteiada numa vida espiritual profunda. E só comprehendemos uma actividade cultural intensa quando ordenada para uma vida sobrenatural verdadeira... Não é como cupola do edificio que ella deve actuar e sim como fundamento de tudo mais. Sempre que haja uma vida sobrenatural intensa, haverá quasi que necessariamente, entre catholicos, uma vida cultural e politica adequada. Ao passo que a reciproca não é exacta... A actuação politica e cultural dos catholicos, portanto, no momento actual, está dependendo de sua posição sobrenatural. E essa depende eminentemente da frequencia aos sacramentos. Uma vida de oração ardente e de comunhão frequente é a base de toda a actuação dos catholicos na vida *pratica* da nacionalidade... Ha em todas as comunidades catholicas do mundo uma concentração de esforços em torno de uma “Cruzada Eucharistica”, que seja por toda a parte o estímulo a uma vida sobrenatural mais activa. No Brasil essa necessidade ainda é maior. Pois entre nós os males do catholicismo *não praticante* se estenderam de modo tal, que hoje a recatholicização dos catholicos é tanto ou mais necessaria, entre nós, que a evangelização dos incredulos” (1).

Essas palavras, ditas ha um anno ao publico de Bello Horizonte, continuam a representar para nós a essencia de toda acção catholica no Brasil. Só dessa reposição de nossa vida em suas bases verdadeiras, poderemos esperar a pacificação dos espiritos e a ordem social christã por que nos batemos. Pois a vida social, em todas as suas modalidades, é um reflexo da vida espiritual. E o homem, como centro vivo de toda vida social, só poderá ser o factor de equilibrio e de superação, que por natureza representa na sociedade, se recompuzer em sua vida interior a hierarchia normal de valores.

Cada vez mais esbarramos, em nosso esforço de acção catholica, deante de tres males que levantam verdadeiras barreiras em nosso caminho:

(1) — Tristão de Athayde — *Politica*, 1932 pag. 285-286.

a indifferença do meio,
a divisão de esforços,
o desanimo interior.

E se examinarmos cada um delles procurando penetrar um pouco abaixo da superficie, o que vamos sempre encontrar é a ausencia de vida espiritual e sobrenatural. É onde a natureza não se espiritualiza, não actua a graça sobrenatural, chave de toda a vida humana.

A *indifferença do meio*, em face de nossa obra, provém justamente desse catholicismo exterior, que grassa na sociedade elegante, onde infelizmente se encontram, em regra geral, as fontes em que vamos buscar os meios materiaes para sustentar as nossas obras.

Por mais que tenhamos martelado sobre esses males da burguezia, que se preza de culta e se arroga o direito de governar a nação, é preciso sempre malhar no mesmo ferro, por mais frio que pareça, por mais indifferente que se mostre ás ameaças dos inimigos e ás advertencias dos amigos.

Bem sabemos que são injustas as condemnações em massa. Bem vemos que nem todas as senhoras elegantes se limitam ás missas. . . elegantes, que nem todas se affastam dos sacramentos por não terem coragem de cumprir com os deveres da lei catholica (que só é facil e relaxada para os que a criticam de longe, cuidadosamente installados em suas poltronas de scepticos e displicentes). Mas a regra geral, nessa sociedade que frequenta o Municipal ou o "grill-room" do Copacabana, que joga "golf" ou "Bridge" e toma banho de sol nas praias, que só conhece o mundo atravez dos vidros do seu automovel ou dos romances pornographicos, que saboreia com malicia, — a regra é o *egoismo* em todos os sentidos: *egoismo domestico*, que se recusa á maternidade, sob todos os falsos sophismas em que são mestres os pseudo-moralistas e pseudo-scientistas da eugenia e da hygiene modernas; *egoismo economico*, que fecha a bolsa, com avareza mal disfarçada pelas queixas hypocritas aos máos negocios, e só pensa em accumular miseraveis fundos que serão engulidos amanhã nas especulações infelizes ou nas oscillações do cambio ou em gastar, com a mão direita ou, mais frequentemente ainda, com a mão esquerda, num desperdicio criminoso de luxos e prazeres; *egoismo politico*, que fomenta as revoluções para dellas se aproveitar, namora os communistas intellectuaes e persegue os communistas proletarios, defende o liberalismo e a democracia, emquanto forem esteios do capitalismo mas já se prepara para a adhesão ao integralismo, de importação fascista ou hitlerista, se elle se mostrar forte bastante para succeder ao liberalismo, ainda predominante; *egoismo intellectual*, que aguarda avidamente a chegada das ultimas malas do correio para aprender a ultima lingua que Joyce inventou, para saber qual a ultima palavra de Bertrand Russel sobre

as novas modalidades de união sexual; qual o juízo de Gide sobre a questão operaria; de Gentile sobre a *synthese a priori* e o acto puro; de Mencken sobre a crise norte-americana; de Emil Ludwig sobre Hitler, e passar depois entre as idéas com o mesmo sorriso dos tempos da defunta disponibilidade gidiana, que ainda floresce em nosso meio ou floresceu pelo menos até o dia da conversão de Corydon a Stalin... E assim por deante.

Todos esses egoismos grassam em nosso meio e o catholicismo vae delles recebendo as emanações venenosas. E as senhoras se aproveitam dos falsos moralistas, para adaptar-se aos novos tempos no que lhes convem e os homens, os moços sobretudo, em que a fé bruxoleiava, se deixam vencer pela sedução dos mestres perfidos e malabaristas, temendo passar por pouco intelligentes se forem pegados em flagrante de crer em Deus...

Para corrigir toda essa contaminação moral e intellectual que vae corroendo os meios catholicos, mais ricos, mais elegantes e mais cultos, só a volta aos sacramentos, só uma vida espiritual profunda, só uma renovação pelas raizes.

E o mesmo que se dá com a *indifferença do meio*, provocada por essa descatholicização subrepticia dos catholicos, pelos varios egoismos da civilização *moderna*, — dá-se com os dois outros obstaculos que apontamos a toda acção rechristianisadora do nosso néo-paganismo social: a divisão dos esforços e o desanimo interior.

E' justamente a tibieza de nossa vida religiosa que provoca essas dissenções, impede a unidade de acção, estimula os preconceitos, fecha cada um em sua "ordem terceira" ou em sua "congregação mariana" sem contacto com mais nada, alimenta a estreiteza de espirito e a maledicencia, males tão frequentes em nosso meio.

Só uma vida sobrenatural intensa póde vencer todos esses defeitos tão humanos e fazer dos nossos esforços um feixe unico de luz.

E individualmente, no fundo de nossas consciencias, esses desanimos tão frequentes, essa falta de tenacidade em nossas tentativas, essa incapacidade de vencermos os obstaculos, de resistirmos á tentação do desespero, de largar tudo ao primeiro obice encontrado, — individualmente em nossa vida interior, ainda tão falha e deficiente, o que impede a formação da vontade é justamente a falta de espiritualidade verdadeira, de união com a *vida* de Christo.

E tudo se resume numa palavra: a Eucharistia. Dahi tudo deriva e para ahi tudo converge. Com a Eucharistia, podemos esperar corrigir pouco a pouco essas contaminações que o meio catholico recebeu dos meios paganizados, universitarios, politicos, ou mundanos. Sem a Eucharistia, todos os esforços serão inuteis e perdidos.

Por isso mesmo é que o acontecimento central de toda a vida catholica brasileira deste momento, é o Congresso Eucharistico da Bahia.

Ahi, na grande metropole do Catholicismo brasileiro, — onde infelizmente, já penetrou profundamente tambem, e de modo particular nas classes cultas e mundanas, como no Rio ou S. Paulo, o veneno do néo-paganismo, — ahi se vae levantar, dentro em poucos dias o brado eucharistico. Ahi se vae lembrar de novo, aos povos esquecidos do nosso Brasil, que a vida catholica sem a Eucharistica é uma vida mais perniciosa que a vida francamente pagã. Ahi se vae levantar a bandeira branca do dogma capital de nossa Fé, sem o qual é vão esperar qualquer renovação moral e qualquer progresso estavel da nossa patria.

A' Bahia, portanto, devem ir todos os brasileiros. Uns pela presença effectiva, outros pela palavra e todos pelo pensamento e pelas orações. Que a Semana de 3 a 10 de Setembro reuna na velha cidade que tem o mais bello, o mais suggestivo, o mais esperançoso dos nomes, na cidade do Salvador, todo o catholicismo brasileiro. Em torno da Presença Real de Nosso Senhor se unirão ali todos os esforços com que humildemente O servimos. Deante d'Elle estaremos unidos num só feixe para recebermos a coragem necessaria para vencer todos os obstaculos e o amor sufficiente para nos dispormos a todos os sacrificios.

Que a Bahia, portanto, nessa primeira semana de Setembro, seja o grande traço luminoso de união eucharistica, de todos os brasileiros, que dentro ou fóra da Igreja, visivel ou invisivelmente unidos á Cruz de Christo, querem pugnar pela civilização christã no mundo, defendendo o christianismo ameaçado de nossa patria.

A PROPOSITO DA MAÇONARIA NO BRASIL

LUCIO JOSE' DOS SANTOS

A oportunidade se nos offerece para manifestarmos aqui o nosso apreço pela figura do professor Lucio dos Santos, que, pelas suas qualidades de catholico exemplar, de latinista e historiador consumado, de professor eminente e de homem de raras qualidades moraes, merece a nossa amizade fraterna e a admiração mais viva de todos os seus compatriotas.

Somos felizes nesta redacção onde o professor Lucio dos Santos só conta amigos, discipulos e admiradores, em render, de publico, esta minima homenagem a um brasileiro e a um catholico que por todos os titulos honra ao Brasil e á Igreja de Christo.

Nos numeros 29, 30 e 31 de Julho, Agosto e Setembro, d'A ORDEM, veio publicado um trabalho meu sobre a Maçonaria no Brasil. Contra as idéas ali expendidas, ergueu-se o Sr. Bartholomeu de Almeida, em artigo recheiado de *amabilidades* com o meu endereço.

Si o meu adversario se tivesse limitado a discutir o assumpto, oppondo facto a facto, argumento a argumento, não teria eu melhor cousa a fazer do que pedir ao leitor um novo exame do meu escripto, em confrontação com o que agora publicou o Sr. Bartholomeu de Almeida, pois, muito facil seria verificar que este nada demonstrou e nada destruiu.

Tal, porém, não foi o processo seguido pelo Sr. Bartholomeu de Almeida, que julgou preferivel enfileirar affirmações gratuitas e considerar-me simplorio, ingenuo, superficial e falho de senso.

Até ahi, entretanto, não pegaria o carro. Cousas peiores tenho ouvido. Mas, não ficou nisso o meu contradictor, porquanto, sem perceber a contradicção em que cahia, depois de julgar-me simplorio, affirmou estar eu animado de grande maldade, e chegou a dar o brado de *alerta!*, porque, diz elle, *in cauda venenum!*

Simplicidade e malicia não vão juntas, no mesmo assumpto; e ahi tenho já uma prova da desorientação com que me combate, quem taes armas emprega.

E' dever meu fazer a defeza de minha probidade como historiador e de minha consciencia como catholico. E, quando mais não fosse, seria essa defesa uma prova de respeito para com os leitores d'A ORDEM.

Vou, portanto, levar em conta, ponto por ponto, as affirmações e negações de Bartholomeu de Almeida.

Preliminarmente, contarei a origem do caso.

Ha seis annos, talvez mais, foi-me pedido parecer sobre a Maçonaria no Brasil, sua influencia, prestigio, finalidades e possibilidades. Um parecer dessa natureza exigia o exame historico do assumpto. Foi o que fiz; e Deus sabe, quanto me custou o pouco, que escrevi.

Em 1931 accrescentei algumas linhas ao manuscrito primitivo.

Entregue ao destinatario o meu parecer, julgou este que conviria publica-lo. Mas, por circumstancias varias, algumas bem dolorosas, ficou esquecido em uma gaveta o manuscrito, sendo pena que lá não continuasse, porquanto, si assim fora, não estaria tão cheia de sustos pela consciencia alheia, a consciencia do Sr. Bartholomeu de Almeida.

Mas, *habent sua fata libelli!* aqui estando o nosso Tristão de Athayde, dei-lhe o meu trabalho para que o publicasse, si assim julgasse conveniente, condição *sine qua non*.

Benevolente, resolveu Tristão dar ao meu trabalho a honra das paginas d'A ORDEM. *Inde irae Bartholomei*.

Voltemos, porém, ao assumpto.

I

Diz Bartholomeu de Almeida:—“Antes de tudo, muito mal impressiona tratar o autor da origem da Maçonaria sem a minima referencia ao Judaismo. Quem do judeu prescinde no estudo da Maçonaria não pode della formar um conceito exacto, nem medir o alcance da sua acção, ha de ser superficial. Sem origem judaica e direcção judaica não se comprehende da Maçonaria a duração, nem o seu character cosmopolita de aspiração universal”.

Assignalo, primeiramente, o descuido do Sr. Bartholomeu, pois, logo nas minhas primeiras linhas, fiz referencia á versão da origem judaica da Maçonaria, embora para não accental-a; e essa opinião, só pode impressionar mal a quem, como elle, ainda acredita em semelhante balela.

E como sou muito simplorio e ingenuo perante o meu adversario, vou dar a palavra a autoridades que valem mais que nós ambos.

No magnifico *Lexikon fur Theologie und Kirche*, recentemente publicado sob a direcção do Dr. Michael Buchberger, Bispo de Ratisbona, trabalho recebido com os mais calorosos elogios na Allemanha e na França, encontra-se a seguinte versão, no artigo *Freimaurerei*.

Em 1175, introduziu-se na Inglaterra, imitado na França, o estylo gothico. Para manter em sigilo os planos e processos de construcção, especialmente na parte relativa ás abobadas e arcos que caracterizam esse estylo, organizaram os pedreiros uma sociedade secreta, que tinha como patrono S. João Baptista. Com a introducção do protestantismo na Inglaterra, começou a ser perseguida essa Maçonaria, supprimindo-a Eduardo VI, em 1547. Dos seus destroços formou-se a *Society of freemasons*, sociedade meramente educativa, a qual, só posteriormente a 1650, se transformou, vindo a dar na actual Maçonaria.

O notavel theologo e historiador, Dr. J. Burg, no seu excellente *Kontroverslexikon*, no artigo — *Freimaurer*, affirma ser fóra de duvida que a Maçonaria não tem origem anterior ao XVI ou mesmo XVII seculo, e que, sob a sua forma actual data de 24 de Junho de 1717, em que se fundou a Grande Loja de Londres; não acredita, porem, que tenha procedido das sociedades de pedreiros: *Heute gilt es als ausgemacht, dass der Freimaurer—Bund im modernen Sinne in keinem Falle uber das 17. oder 16. Jahrhundert zuruckreicht. In seiner jetzigen Gestalt leitet er sich von der am 24. Juni 1717 begründeten Londoner Grosslog ab. Die Meinung der Bund stamme aus den altendeutschen Steinmetzverbindungen, ist irrig.*

No interessante *Dictionnaire Infernal* (Paris 1844), de J. Collin de Plancy, artigo *Franc-Maçonnerie*, se diz que os Maçons fazem remontar ao tempo de Salomão a origem de sua sociedade, quando, entretanto, ella nasceu na Inglaterra e teve por objectivo a construcção de templos christãos. Mais tarde, transformou-se a Maçonaria, ficando apenas, da antiga ordem, os symbolos e allegorias, todos relativos á construcções. Com o seu character actual, foi a Maçonaria fundada por Lord Montagne, na Inglaterra, no começo do seculo passado.

Segundo um auctor anonymo (*La Franc Maçonnerie par un ancien Rose-Croix*), para o proprio Ragon, um dos principaes historiadores maçonicos, a Maçonaria philosophica actual se derivou da antiga Maçonaria constructiva, no seculo XVIII. A Grande Loja de Londres reuniu-se pela primeira vez, em assembléa geral, a 24 de Junho de 1717.

No seu magistral livrinho, cuja leitura muito recomendaréi — *Notions de Sociologie*, H. du Passage, o notavel director da revista *Les E'tudes*, nos diz, referindo-se á tenebrosa seita: *La Franc-Maçonnerie se targue d'origines lointaines et s'entoure de mystères qu'elle voudrait impressionants. En réalité elle date du XVIII siècle et nous est arrivée, en France, d'Angleterre où elle avait évolué des corporations professionnelles aux sociétés philosophiques et politiques. Cette évolution, á travers une histoire assez chaotique, un ordre assurément dis-*

persé, se continua sur le continent, pour aboutir, en 1773, à l'union de la majorité des Loges sous l'enseigne du Grand Orient"

Por ultimo, consultemos o grande *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique*, de A. D'Alés, obra monumental, em cinco grandes volumes, no artigo — *Franc-Maçonnerie*.

As origens da Maçonaria, diz o autor do citado artigo, são ferteis em mythos. A Maçonaria actual, completamente differente da antiga, constructiva, não é anterior a 1696 datando propriamente do começo do XVIII seculo. Na França, entrou em 1730. A theoria da origem judaica está abandonada, mostrando mesmo o autor que os judeus eram excluidos da Maçonaria; e diz: *Que les juifs soient heureux des destructions qui s'accomplissent et qu'ils cherchent, qu'ils réussissent même à en tirer profit, c'est incontestable; mais, que les loges soient une emanation de leur puissance, c'est historiquement indémontré.*

Eis ahi opiniões valiosissimas. Será simplicidade minha seguir essa gente?

Uma prova indirecta nos é fornecida pela propria Encyclica *Etsi multa luctuosa*, de 1873, de Pio IX, em que chama *Synagoga de Satanaz* á Maçonaria; pois, ahi lembra o Pontifice as condemnações proferidas pelos seus antecessores, desde 1738. Quer dizer que os Papas estiveram vigilantes, desde as origens da Maçonaria.

Si a Maçonaria fosse uma seita judaica, como sustenta, por exemplo, I. Bertrand no seu opusculo — *La Franc-Maçonnerie secte juive née du Talmud* (collection "Science et Religion"), teriamos um enigma. Com effeito, o simples bom senso (releve-me Bartholomeu de Almeida o imita-lo) está a dizer, que sendo a Maçonaria omnipotente e universal, e tendo sido os judeus perseguidos e escorraçados em toda a parte, não era possivel que fossem estes os creadores e dominadores d'aquella.

Errando tão crassamente quanto á origem da Maçonaria, perde Bartholomeu de Almeida a auctoridade que reclama na materia. Mas, vamos adiante.

II

Diz Bartholomeu de Almeida: "Dar á seita a importancia de factor permanente e preponderante em todas as grandes transformações da sociedade é exaggero nocivo, diz elle (1), e importa na derrocada dos factores historicos que determinam os acontecimentos. Da hypothese de serem maçonicos os factores historicos, não ha cogitar; ou acção maçonica ou factores historicos. A antimonía é irreductivel, não ha conversão possivel".

(1) — eu, Lucio José dos Santos.

Isto é da cabeça de Bartholomeu de Almeida; não está no meu escripto e nem d'elle se deprehende. Entre os factores historicos incluo a acção maçonica; contesto, porém, que esse factor tenha a importancia formidavel que se lhe attribue, e de que expertamente se gabam os filhos da viuva, reduzindo a zero a influencia dos outros factores. Dei-me até ao trabalho de exemplificar.

III

Diz Bartholomeu de Almeida: "Acontecimento humano, facto humano, quer dizer acção humana, acto praticado pelo homem... Portanto, são os factores historicos um recurso de quem não quer dar ao facto humano causa intelligente e livre, causa humana. Um recurso de quem tenta esconder a causa real, da eficiencia directa no facto: a causa intelligente que idealisa, calcula, prepara, aproveita as circumstancias, remove os obstaculos e leva a idéa até o desfecho final que a torna realidade historica. Sem acção individual, sem acção humana não ha causa real para eficiencia de um facto".

Para apontar-me como partidario do determinismo materialista, assim argumenta Bartholomeu de Almeida!

Como diz muito bem Mercier, resumindo Santo Thomaz, a causalidade de uma causa eficiente é a acção: *Efficiens est causa in quantum agitur* (2). Chama-se *actividade* o poder de agir.

Assim, pois, para que se realize um facto qualquer humano, e portanto o facto historico, é necessaria a acção humana. Esta acção, porem, tem causas.

Nihil in terra sine causa fit, et de humo non oritur dolor (Job V-6), já dizia a sabedoria antiga.

Resta saber que especie de causalidade é essa, cuja eficiencia é a acção humana.

Acto livre é aquelle que, em presença de todos os antecedentes necessarios á sua producção, fica dependente da vontade quanto a realizar-se ou não. Ha, pois, em nós um principio capaz de não se deixar determinar necessariamente por antecedentes materiaes: a liberdade. Como diz Bouyssonie, a liberdade é o poder supremo de escolha e de direcção da actividade (3).

Mas, o livre arbitrio não consiste na indeterminação, na indiferença. No individuo normal, a volição é sempre motivada, sem deixar de ser livre.

A vontade, porém, não é o factor unico da acção. Com effeito, o *querer* é consecutivo ao *julgar*: *Nihil volitum nisi praecognitum*. A natureza da volição é, pois, condicionada pela do julgamento. Em ultima analyse, temos a razão.

(2) — Mercier: *Psychologie et Metaphysique*.

(3) — *Solution spiritualiste du probleme moral*, 1924.

A regra da vontade humana, segundo Santo Thomaz, é dupla: uma, regra proxima e homogenea, é a razão mesma do homem; a outra, regra suprema, é a lei eterna, que é como a razão de Deus. É a razão que apresenta o bem á vontade, na qualidade de objecto: *bonum per rationem repraesentatur voluntati ut objectum*. Assim, a regra da moralidade do objecto é a razão. Mas, alem da moralidade objectiva, que pertence ao objecto, ha uma moralidade subjectiva, isto é, um julgamento da consciencia, que pode ser contrario á moralidade objectiva. A regra da moralidade subjectiva é a consciencia (4).

E porque podem não coincidir esses dous aspectos da moralidade?

Como justamente observa Tischleder (5), este é um dos pontos em que mais claramente se manifesta a superioridade da doutrina moral de Sto Thomaz sobre a de Kant. A razão e a vontade não são as unicas forças do ser humano e nem manifestam a sua actividade em sublime intangibilidade e incontrastavel arbitrio. Ellas tem uma base sensivel, que é o homem, formado de corpo e alma em união substancial; e dessa base sensivel procedem impulsos e estorvos, auxilios e obstaculos.

Em resumo, a vontade é livre, mas depende de varios elementos, de varios factores: immediatamente, do organismo, e mediatemente das outras condições materiaes. As disposições naturaes e hereditarias, as influencias moraes da tradição e da educação, o clima, regimen, habitos, character, sexo, idade, etc., são factores que influem na vontade, porque influem no julgamento.

Não tem, pois, sentido falar na acção humana em absoluto.

“Inviolavel e absoluta em si mesma, a liberdade é condicionada em seu exercicio pelos motivos, pelos moveis, por tudo isso a que se pode chamar o tom physiologico, psychologico e moral do nosso ser” (6).

Systematizando as explicações esparsas na grande obra de Sto. Thomaz, quanto ás causas das variações da moral, Deploige as reune em trez grupos: a) a influencia das paixões; b) o desigual desenvolvimento da razão, das luzes, da cultura; c) a diversidade dos meios, das situações e das circumstancias (7).

Assim, pois, como observa Du Passage, no seu já citado livro, Sto. Thomaz se explica de modo completo sobre o fundo immutavel da moral, e ao mesmo tempo, sobre as suas

(4) — *La Raison règle de la moralité d'après Saint Thomas*: Leonard Lehu.

(5) — *Die geistesgeschichtliche Bedeutung des Heiligen Thomas von Aquin für Metaphysik, Ethik und Theologie*, 1927.

(6) — *Fondements de la Morale* — E. Thomiry.

(7) — *Le Conflict de la Morale et de la Sociologie*.

variações, reaes, é certo, mas que não justificam o relativismo sociologico de uns nem o determinismo naturalista de outros.

Contrariamente, pois, ao que pensa Bartholomeu de Almeida, admittir a influencia de factores historicos, não é negar a causa livre, humana. Outra cousa seria admittir que, em Sociologia e em Historia, haja leis inflexiveis como no dominio das sciencias naturaes. Não affirmei semelhante cousa.

Sigo, nesta parte, um guia, que reputo muito seguro e cujas idéas resumi: Sto. Thomaz de Aquino. Para elle, por livre arbitrio, liberdade da vontade, entende-se a faculdade de comprehender e escolher os meios adequados á obtenção de um objectivo predeterminado.

A negação dessa liberdade não viola somente os principios da Ethica; é tambem uma herezia, porque inconciliavel com a fé.

Essa vontade, porém, está sujeita a muitas limitações, em varios pontos de vista: — *Metaphysico*, porque o homem, como creatura, depende da ultima e mais elevada causa — Deus; *Ethico*, porque ha uma determinação á vontade na ordem moral submettida á lei eterna; *Anthropologico* e *psychologico*, porque a capacidade da liberdade, como disposição natural, depende da evolução e esta é sujeita ás leis anthropologicas e psychologicas, e aos influxos internos e externos (8).

Ha, pois, factores varios, que contribuem para o modo de agir do homem. E o que se diz do individuo, diz-se dos agrupamentos, das massas, das raças, dos povos.

Existem, pois, factores historicos, causas determinantes dos acontecimentos. Ninguem poderá negar a influencia que exercem, em todas as epocas, as doutrinas philosophicas, sociaes e religiosas, o exemplo e a acção das grandes individualidades, as correntes provocadas por inspirações vigorosas e desinteressadas (como na Inconfidencia), pelos factores economicos, etc. etc. (9).

A Maçonaria é um factor historico, mas não é o unico, nem o preponderante.

Seguindo a magnifica exposição de Sawicki (10), distribuo em quatro grupos esses factores:

1.º — A causa immediata do facto historico é o *homem*. Aqui, temos a considerar diversas influencias relativamente ao individuo, ás massas, aos povos, etc. 2.º — O segundo factor é a *natureza*. Em muitos pontos de vista, o homem é dependente da *natureza*, tanto interna como externa, em todos

(8) — Sto. Tomaz: *Sum Theol.* 1, q. 82; *De malo*, q. 6; *De veritate*, q. 22-24; Otto Schilling; *Lehrbuch der Moral theologie*; Mausbach: *Grundlage u. Ausbildung des Characters nach dem Hl. Thomas von Aquin.*

(9) — H. Du Passage: *Notions de Sociologie.*

(10) — *Geschichtsphilosophie.*

os seus modos de sentir, pensar e agir, embora não seja exclusivamente determinado por ella. 3.º — Em terceiro lugar, temos o *meio cultural*, as idéas, moralidade, religião, sciencias, artes, factores economicos e sociaes, etc. 4.º — Finalmente, temos o *factor superhumano*.

Aos trez primeiros grupos se reduzem os factores historicos, segundo a escola naturalista, excluindo-se delles a vontade livre do homem. Esses factores determinam os acontecimentos com a mesma fatalidade que os factores physicos e biologicos. Si não é possivel ainda conhecer seguramente as leis que regem os acontecimentos e prever o futuro de accordo com esse determinismo, procede isso da complexidade do problema.

Si não admittem esses materialistas o livre arbitrio, meanos ainda admittem a acção da Providencia e o influxo da graça.

Aquelle, porém, que, com imparcialidade e conhecimento dos factos, examina a Historia, não pode deixar de reconhecer que os tres referidos factores, mesmo admittida a liberdade do homem, não esgotam a realidade, sendo forçado a admittir o factor superhumano.

O determinismo absoluto não é, em summa, um objecto de experiencia, e seria ultrapassar os direitos mesmos da sciencia fazer delle um principio geral do pensamento (11).

E' necessario distinguir, diz Mercier, duas interpretações do determinismo, uma materialista, subjectiva aliás, outra baseada sobre a experiencia e em harmonia com a *Philosophia espiritualista* (12).

Posso agora concluir: Si a Maçonaria é o factor preponderante e muitas vezes exclusivo, nos acontecimentos, por terra vão os outros factores historicos.

Bartholomeu de Almeida engana-se a meu respeito, e engana-se voluntariamente, porque o meu pensamento ficou bem claro. A sua negação quanto á influencia de factores historicos, é completamente erronea.

IV

Diz Bartholomeu de Almeida: "O ponto de vista do Sr. Dr. Lucio J. dos Santos, estudando a Maçonaria no Brasil, não é bem catholico, mas é republicano. . . Dahi resulta que no estudo da Maçonaria é bom arriscar um olho só, é bom ser superficial, por outra, o ponto de vista deve ser republicano e por conseguinte maçónico".

Superficialidade é ver a Maçonaria em tudo e em toda a parte. Isso dispensa o estudo, a reflexão, o trabalho. O

(11) — Lacroix: *Ecclesia*.

(12) — *Psychologie*.

resultado, quando não for o desanimo e consequentemente a inercia, será a acção errada, desorientada e improficua.

Cousa semelhante se deu, entre nós, em Medicina. Tudo era syphilis. Dizia-se mesmo: "O medico deve pensar syphiliticamente". Hoje, porém, medicos notaveis nos falam em erros gravissimos, que resultaram desse modo unilateral de estudar as doenças.

Deduzindo do meu trabalho sobre a Maçonaria, que o meu ponto de vista é mais republicano que catholico, e que, *sendo republicano, é por isso mesmo maçónico*, Bartholomeu de Almeida está julgado.

V

Affirmei que: 1.º — A Maçonaria teve entrada em Portugal em 1736; 2.º — O celebre intendente de Policia Pina Manique, empregou todos os esforços no sentido de impedir a propagação da tenebrosas seita, no reino luzitano, sendo forçado a fugir de lá o famigerado Conde Cagliostro, caixeiro-viajante do illuminismo; 3.º — Apesar disso, em 1795, havia lojas no Porto; em 1797, já estava definitivamente installada no reino a Maçonaria; 4.º perseguida em Portugal, era mais difficil á Maçonaria penetrar no Brasil, pois, a vigilancia era mais facil na colonia que na metropole.

Que diz a isso o meu amavel contradictor?

"Infeliz parto de imaginação!" affirma elle. "Suppor no Brasil alfandegas vigilantes incumbidas de negar desembarque á Maçonaria é de uma ingenuidade infantil, para não dizer chimera, sonho *tacitae noctis imago*. Basta um pouco de bom senso para destruir a argumentação do Reitor.

Na Europa, nas vespersas da Revolução, havia fogosos trabalho nas lojas. "E' bom tambem recordar que desde 1750 foi Pombal ministro de D. José, para logo mais inteirarmos que é rematado utopista imaginar por esse tempo perseguida com violencia a Maçonaria em Portugal. Além disso anterior á Inconfidencia Mineira é a expulsão dos Jesuitas do Brasil".

Até ahi o Sr. Bartholomeu de Almeida. Vamos por partes.

1.º — Citei varias autoridades, inclusive a de escriptores maçonicos brasileiros, examinei e interpretei factos; e tirei conclusões.

Conjecturas vagas, affirmações sem base, exclamações pejorativas, ares de superioridade não bastam para destruir isso.

2.º — Falar em alfandegas a proposito de idéas maçonicas é apenas querer fazer-se de engraçado.

3.º — Affirmei que a Maçonaria foi introduzida em Portugal em 1736; é, pois, um cochilo vir contar-me, que lá já existia ella em 1750.

4.º — A perseguição contra a Maçonaria em Portugal, no tempo de Pina Manique, é um facto historico, que se não destroe por simples negação (13). O Governo portuguez tratava de precaver-se contra as idéas revolucionarias, agitadas nas lojas.

Concluir que a Maçonaria não podia ser perseguida em Portugal em 1790, porque lá florescia em 1750, é uma prova de grande *penetração* e profundo *sensu*.

Negar á o Sr. Bartholomeu que a Maçonaria dominasse em Roma; ignorará quanto soffreu, até bem pouco tempo, o Papa, insultado mesmo á vista das janellas dos seus aposentos? Quando lá estive em 1908, vi a acção nefasta do Sindaco da cidade, o judeu maçon Nathan, contra a Igreja.

Pois bem, não é exacto que, hoje, não tem mais a Maçonaria a mesma situação em Roma, e que valentemente a tem desancado o grande Mussolini?

5.º — A Maçonaria já existia no Brasil antes da Inconfidencia, porque anterior á Inconfidencia é a expulsão dos Jesuitas.

Com essa brilhante argumentação se provará, que a Maçonaria já existia no Brasil antes de descoberto este, ou, pelo menos, é coeva do descobrimento, pois, desde o inicio foram perseguidos os Jesuitas, maxime por Duarte da Costa.

6.º — E' outra superficialidade, outra attitudo commoda, attribuir tudo ou mesmo o principal á Maçonaria, na politica anti-religiosa de Pombal. Evidentemente, não posso examinar aqui essa questão. Mas, si Bartholomeu de Almeida não tomar como ingenuidade minha o dar-lhe um conselho, indicar-lhe-ei um estudo magistral sobre o assumpto, devido ao eminente redactor da "Croix", valente leader catholico Jean Guiraud, na sua *Histoire partiale. Histoire vraie*, de que já estão publicados quatro volumes.

Poderá consultar tambem o Pe. Galanti, na sua já citada obra, no mesmo volume III.

VI

Bartholomeu de Almeida falla em *constrangimento* meu, "quando com *um parece fóra de duvida*, allude a possibilidade de terem sido maçonicos os conjurados da Inconfidencia que haviam estudado na Europa".

Bartholomeu de Almeida affirma e nega, sem base e sem documentação, e, por isso, suppõe constrangido aquelle que, não tendo completa segurança, usa a expressão: parece fóra de duvida. Com elle não seria assim; affirmaria ou negaria

(13) — Ver Pe. Galanti *Historia do Brasil*, III, pag. 426-430.

e a quem não o acompanhasse, passaria o attestado de simplorio, ingenuo, superficial ou cousa peor.

Entretanto, não foi bem isso, o que eu disse. Escrevi: "Parece fóra de duvida que aquelles dentre os conjurados, que haviam estudado na Europa, lá se iniciaram nas lojas maçonicas. De um, pelo menos temos a certeza de que era maçon — José Alvares Maciel".

Referi-me a dous, e estudei-lhes o papel na Inconfidencia.

Que fez o meu antagonista? Provou alguma cousa? Não. Zombou e affirmou que a Maçonaria não tem por habito collocar na estacada os seus principaes agentes. Que vale isso?

VII

Diz Bartholomeu de Almeida: "Não passa tambem de ingenua simplicidade julgar possivel encontrarem-se em processos crimes vestigios da acção maçonica. Quanto mais maçonico for o crime, o réo, o juiz, maior ha de ser a dissimulação, o disfarce, a hypocrisia, para melhor successo da pretensão maçonica. No interrogatorio do culpado, na qualificação das testemunhas, muita cousa se pergunta, tudo se quer saber, mas si é F... M..., a que Loja pertence, quando e por que rito se iniciou são cousas de que ninguem cogita indagar".

Suppor alguém capaz de esperar esse interrogatorio maçonico é, talvez, dar prova de simplicidade ainda mais ingenua.

Vejamos.

1.º — Num processo-crime, a melhor prova não é frequentemente, a testemunhal, e sim a circumstancial. Portanto, mesmo sem as perguntas que Bartholomeu suppõe esperadas pela minha simplicidade, será possivel apurar a influencia maçonica.

2.º — Si não fica vestigio algum de influencia maçonica num processo, especialmente nos processos em que mais intensa foi, como sabe Bartholomeu de Almeida que essa influencia existiu? Não posso attribuir-lhe a simplicidade de crer, que advinhe ou que receba revelações do outro mundo. Certo é, pois, que alguns vestigios, inda os mais leves, ficam.

Não falla o meu contradictor, e nisso eu o acompanho, que intensa foi a agitação maçonica no preparar a Revolução? Pois, não diz isso, baseado nos vestigios que ficaram? Si não, em que se firma?

Disse que *o acompanho*, poderia dizer que *o precedo*; e, como prova commetterei a impertinencia de aconselhar a Bartholomeu de Almeida a leitura de minha "Inconfidencia Mineira".

3.º — Neste caso da Inconfidencia, a minha situação de imparcialidade é muito especial. Quando, em 1911, escrevi para a "Memoria Historica do Bicentenario de Ouro Preto",

o capitulo sobre a Conjuração Mineira, bati a tecla maçonica, seguindo Machado de Castro (14) e Felicio dos Santos (15).

Mais tarde, incumbido de escrever uma memoria sobre esse assumpto, para o Congresso de Historia e Geographia de 1922, li todo o processo da Inconfidencia no original, no Archivo Nacional e na Bibliotheca Nacional; compulsei innumerous outros documentos; reli tudo que havia sido publicado sobre a materia; desenvolvi um grande esforço, e escrevi a obra mais completa, que ha sobre esse episodio da nossa Historia colonial. Em contrario ás minhas idéas anteriores, conclui que a Inconfidencia não foi obra da Maçonaria.

É a tudo isso que o meu adversario acredita poder destruir com um simples piparote.

VIII

Diz Bartholomeu de Almeida que, em 1780, houve uma Assembléa maçonica em Wilhelmsbad; a esse congresso, conta Barruel, "compareceram deputados da Europa toda, da Asia, da Africa, e até... *du fond même de l'Amérique*. Quem sabe se estes confins da America não seria Villa Rica ou o Tejuco?"

Affirmei que a Maçonaria foi introduzida nos Estados Unidos em 1729, não admirando, portanto, que, em 1780, enviasse emissario á Europa. Concluir, porém, que podiam ser deputados das Minas Geraes, é realmente exhibir uma prova muito *ingenua*.

IX

Diz Bartholomeu de Almeida: "Obstinadamente affeita em zelar pelo prestigio de suas lojas, é perfeitamente explicavel o papel da seita em se dizer ausente do Brasil em 1789. Que interesse pode ter a Maçonaria em fazer sua uma conspiração que não vingou? Encampar um movimento cujo desenlace foi levar o Tiradentes ao patibulo?"

Exalta e exaggera a sua acção e preponderancia num feito a Maçonaria quando dahi lhe advem vantagem, benemerencia".

O que vem ahi affirmado, não serve como argumento, porque não é exacto. A Maçonaria se gaba de haver feito a revolução de Pernambuco, em 1817, cujo insuccesso foi completo e cujo desenlace tragico é bem conhecido. Não é, pois, verdade, o que Bartholomeu affirma.

Ainda quando fosse verdadeira em these a affirmação do meu critico, poderia eu perguntar-lhe: "Si a Maçonaria não tinha interesse nem vantagem no dizer-se inspiradora da Inconfidencia em 1789, porque esta deu em desastre, não os teria hoje? Não os teria pelo menos depois de 1889? Não os

(14) — *Inconfidencia Mineira — Narrativa Popular*.

(15) — *Memorias do Districto Diamantino*.

teria mesmo por occasião da independencia, quando viu glorificadas como Augustos e Dignissimos Representantes da Nação, duas das victimas: Conselheiro José de Rezende Costa e Pe. Manoel Rodrigues da Costa ?

X

Diz finalmente Bartholomeu de Almeida: "Por ultimo resta o triangulo do devoto Tiradentes, de Tiradentes santamente animado por motivos muito alheios a quaesquer preoccupações maçonicas. E' o caso de bradar: alerta ! In cauda venenum. E' uma vereda de grande redução que se offerece aos catholicos filiados á seita. Por ahi hão de tranquilizar-se muitas consciencias que nas Lojas mineiras vão encontrar a memoria do devoto heroe da Inconfidencia entrelaçada, confundida com a lembrança do Veneravel... protagonista do advento da Maçonaria na Comarca do Serro".

Na sua irritação, nem percebe o meu adversario as contradicções, em que vae cahindo. Começou julgando-me ingenuo, simplorio, superficial, phantasista e falho de senso e termina attribuindo-me inqualificavel malicia, innominavel maldade, perigoso veneno que se occulta na cauda !

Affirmou que a Maçonaria não encampava a Infidencia, e agora nos mostra o Tiradentes glorificado nas lojas, de cambulhada com os veneraveis, que o inspiraram ! o que vem neste final do artigo a que respondo, é uma insinuação malevola, absolutamente injustificada.

Releia-se o que escrevi, e ver-se-á que de modo algum attenuiei o papel da Maçonaria, facilitando aos catholicos o caminho para as lojas ou tranquillizando a consciencia dos que lá já se encontram. Attenuar a força e o prestigio não é attenuar o papel, os intuitos, as tendencias.

Está bem claro, no meu escripto, que a Maçonaria é uma sociedade secreta, cosmopolita, inimiga da Igreja, condemnada pela Igreja, que exige dos seus adeptos obediencia absoluta. Relembrei as condemnações, que contra ella lançaram varios Pontifices. Historiei os males que nos tem feito. Mostrei que ella sabe disfarçar-se, no seu odio á Igreja. Não sustentei que seja inoffensiva, e até aconselhei que permanecemos vigilantes, porque, de subito, poderá ella provocar novas luctas religiosas.

"Penso, disse eu, que os catholicos, attribuindo á Maçonaria uma intervenção permanente e quasi sempre efficaz, na obra dos nossos governos, commettem duplo erro. Em primeiro logar, augmentam-lhe o prestigio e a audacia. Em segundo logar, diagnosticando erradamente a molestia, empregam remedios errados, inadequados ou mesmo contraproducentes, que aggravam os males em vez de sanal-os".

Si é justificado affirmar, que estou favorecendo a Maçonaria, facilitando a entrada e a permanencia de catholicos

nas lojas, sel-o-á também sustentar que o escriptor, que me attribue semelhante papel é um emissario dessas mesmas lojas, para defender o prestigio e as glorias da ordem maçonica por mim depreciadas, e convencer os catholicos de que contra ella nada podem.

O que precisamos é acabar com o nosso systema superficial e commodo de ver em tudo a Maçonaria, de acreditar na mythologia maçonica e acceitar a balela de que ella vem dominando invencivelmente o mundo, desde Salomão, talvez Abraham, ou mesmo antes.

Si é derrotado um candidato nosso — obra da Maçonaria! Si não temos uma imprensa catholica na altura — obra da Maçonaria! Si uma lei de ensino vem opprimir a nossa consciencia — obra da Maçonaria!

E' muito bom assim. Isso é que tranquillisa a consciencia dos tibios e abala a dos fervorosos. É a nossa inercia? É a nossa falta de união? É a nossa fraqueza de zelo? É a nossa desobediencia á voz dos nossos chefes espirituaes?

Ah! Isso não vemos nem com um olho só, porque os dous olhos quer Bartholomeu de Almeida que os reservemos para a Maçonaria.

Vamos, portanto, gemendo e arrastando, consolando-nos em passar á Maçonaria as nossas proprias culpas.

Como quer que seja, posso estar errado, mas sou absolutamente sincero, no meu modo de ver; e a ninguem, menos ainda a um catholico, seja embora a pretexto de zelo, assiste o direito de ir alem do simples combate ás minhas idéas no terreno historico, para attribuir-me outro intuito que não o de servir a minha religião e a minha patria.

Bello Horisonte, 10 de Junho de 1933.

P. S. — Estavam escriptas e já entregues á redacção d'A ORDEM estas linhas, quando me foi dado ler o segundo artigo de Bartholomeu de Almeida. Eis porque só posso enviar agora um *post scriptum*. Esse artigo veio confirmar-me na suspeita, de que Bartholomeu é mais monarchista que catholico e menos affeito ás discussões honestas do que ao bate bocca soez, em que, pela grossura da voz e grosseiria dos termos, acreditam os *valientes* reduzir ao silencio o adversario, menos preocupados em convencer que em intimidar. Continuarei reduzindo ao justo valor as affirmações do meu contradictor, não querendo ver nos processos, que usa contra os que lhe não seguem o rumo, senão fructos do momento historico que atravessamos, ou talvez do meio em que elle vive.

L. S.

Rio, 20-7-33.

PSYCHOLOGIA EDUCACIONAL (*)

D. XAVIER DE MATTOS, O. S. B.

PRIMEIRA PRELECCÃO

Convidado a dirijir um curso de pedagogia neste Instituto e tendo me sido dada a liberdade de escolher o criterio que devia presidir a este mesmo curso, hesitei por algum tempo sobre si devia dar-lhe um cunho eminentemente philosophico e especulativo ou uma orientação predominantemente scientifica e expositiva.

Os dois termos desta alternativa são, pelo seu merito intrinseco, de grande actualidade para nós.

De um lado um curso projectado sobre bases eminentemente philosophicas que nos orientasse com segurança numa investigação aprofundada e paciente dos fundamentos especulativos da pedagogia catholica, que realçasse com nitidez os valores permanentes que ella encerra e os confrontasse com as tendencias mais accentuadas da pedagogia moderna.

Do outro lado, um curso de feitio objectivamente scientifico e de theor experimentalista que nos familiarizasse directamente com as bases experimentaes sobre as quaes se alicerça a pedagogia moderna.

Pezando bem os termos desta alternativa, resolvemo-nos afinal, por este ultimo, tanto porque é, para a maioria de nossos professores, um terreno mais accessivel e de interesse mais immediato e directo, como porque, dadas as circumstancias em que nos achamos, nos parece ser mais opportuno.

Resolvemos, assim, dar um curso de Psychologia Educacional. Nesse curso, antes de entrarmos na analyse dos problemas da assim chamada Psychologia Applicada, taes como as varias theorias sobre a aprendizagem em geral, a aprendizagem motriz, automatica, emocional, e ideativa, leis de sua effectivação, de sua economia e de sua apuração quanti-

(*) Aula inaugural do Curso de Psychologia Educacional no Instituto Catholico de Estudos Superiores

tativa, theorias do transfer absoluto e do transfer relativo e demais problemas da Psychologia Applicada, intentaremos fazer um apanhado dos resultados positivos a que tem chegado até agora a Biologia e a Psychologia Genetica a respeito da natureza infantil, seu acondicionamento hereditario e ambiental, factores de sua variação biologica e psychica, suas leis de crescimento physico e de evolução mental. Fazendo assim, avançaremos methodicamente neste terreno vastissimo da Psychologia Educacional, evitando de ante-mão os inconvenientes de termos que suspender frequentemente a discussão dos problemas educacionaes para verificarmos a exactidão dos seus presupostos geneticos.

Como bem podeis ver, a tarefa que nos propomos é vastissima, e o tempo de que dispomos é assaz limitado: 15 prelecções apenas.

Em taes circumstancias, as nossas prelecções não poderão ter aquelle character propedeutico e expositivo nos moldes de um curso de Escola Normal; aliás tal orientação não se enquadraria na mentalidade de um auditorio já formado em sua profissão como este a que tenho a honra de me dirigir, nem tampouco com as finalidades superiores deste Instituto Catholico, sob cujos auspicios nos reunimos.

Julgo portanto que este curso só satisfará as expectativas tanto do Instituto como do illustrado auditorio, si a submettermos ao criterio superior de uma critica imparcial e objectiva que nos ponha acima das varias escolas que disputam entre si a primazia neste terreno ainda pouco conhecido da natureza infantil. Ganharemos assim um ponto de vista mais independente e synthetico que nos porá acima da confusão duplamente babelica que reina actualmente no terreno da Psychologia Educacional; digo uma confusão duplamente babelica porquanto esta sciencia resulta da fusão das tres maiores confusões que existem na esphera do pensamento contemporaneo isto é, a Biologia, a Psychologia e a Pedagogia que por sua vez reflectem mais agudamente, em par com a sociologia, a falta de uma solida concepção philosophica do universo e da vida.

Passaremos assim criticamente em revista os dados experimentaes em que se baseiam, por inducção, as novas theorias que actualmente campeiam no terreno da pedagogia; só assim poderemos aquilatar o grau de certeza que taes theorias apresentam e descobrir, em muitos casos, a precariedade de suas tão decantadas credenciaes de absoluto rigor scientifico. Como teremos o ensejo de verificar repetidas vezes, atravez deste cursos, muitas das theorias que em nosso meio pedagogico são apregoadas como tendo um valor absolutamente seguro e definitivo, se baseiam na realidade em fundamentos bastante frageis e precarios, não passando

de formulas meramente hypotheticas e provisórias que dão margem a interminaveis discussões.

Seguindo esta orientação creio que nos enquadramos perfeitamente com as finalidades deste Instituto, que visa desempenhar em nosso meio a mesma funcção que nos paizes mais adeantados desempenham os grandes centros universitarios, isto é, a dupla funcção de estimular por todos os meios a pesquisa scientifica e ao mesmo tempo de informar as classes intellectuaes sobre a medida exacta dos progressos realizados, e sobre o valor intrinseco dos resultados obtidos. Como é notorio, estes não correspondem em absoluto ao numero e quantidade das pesquisas que se fazem nos varios campos das sciencias experimentaes. Ha uma grande differença entre pesquisas scientificas, progresso scientifico e resultados definitivos obtidos pela sciencia. São estes tres momentos ou estagios completamente distinctos na actualização da sciencia e que não devem de forma alguma ser tomados como equivalentes. Tomemos em particular a nossa esphera bio-psychologica, Nella o pesquisador desempenha o papel de pioneiro, de desbravador aventureiro que se embrenha pelas vastas regiões desconhecidas deste campo scientifico e volta para nos relatar o que, do seu restricto angulo visual, lhe foi possivel apurar. As conclusões a que elle chegar não serão já os resultados positivos da sciencia; longe disso; não o serão tampouco as conclusões da primeira centena de investigadores que lhe seguirem as pegadas nesse terreno; são apenas as primeiras informações que chegam, muito vagas e fragmentarias, quasi tacteantes.

Em qualquer novo horizonte que se descortine ao mundo scientifico, as conclusões do terceiro e quarto investigador quasi que infallivelmente se distanciarão ou estarão mesmo em aberta contradicção com as conclusões a que chegaram o primeiro e o segundo pesquisador; e esta confusão vae augmentando á medida que cresce o numero de investigadores. E' a phase nebulosa da sciencia, a phase da pesquisa scientifica; é, sem duvida alguma uma phase fecunda e importantissima, necessaria mesmo. Por meio della, começamos a saber já algo de positivo sobre os problemas que eriçam esse novo campo da sciencia, a sua natureza e a sua complexidade. Mas quaes serão as soluções definitivas, qual será a verdadeira correlação global de todas as soluções parciaes obtidas nesse terreno nem de longe podemos ainda suspeitar.

Pois bem; boa parte dessas pesquisas terão apenas o merito negativo de terem demonstrado que não é por esse caminho que iremos encontrar as procuradas soluções, que não é por meio desses methodos que poderemos estabelecer a verdade real e definitiva. As demais pesquisas vão então gradualmente se alinhando em varios sentidos, formando theorias e escolas. Tanto umas como outras contribuem

e a quem não o acompanhasse, passaria o attestado de simplorio, ingenuo, superficial ou cousa peor.

Entretanto, não foi bem isso, o que eu disse. Escrevi: "Parece fóra de duvida que aquelles dentre os conjurados, que haviam estudado na Europa, lá se iniciaram nas lojas maçônicas. De um, pelo menos temos a certeza de que era maçom — José Alvares Maciel".

Referi-me a dous, e estudei-lhes o papel na Inconfidencia.

Que fez o meu antagonista? Provou alguma cousa? Não. Zombou e affirmou que a Maçonaria não tem por habito collocar na estacada os seus principaes agentes. Que vale isso?

VII

Diz Bartholomeu de Almeida: "Não passa tambem de ingenua simplicidade julgar possivel encontrarem-se em processos crimes vestigios da acção maçônica. Quanto mais maçônico for o crime, o réo, o juiz, maior ha de ser a dissimulação, o disfarce, a hypocrisia, para melhor successo da pretensão maçônica. No interrogatorio do culpado, na qualificação das testemunhas, muita cousa se pergunta, tudo se quer saber, mas si é F... M..., a que Loja pertence, quando e por que tudo se iniciou são cousas de que ninguem cogita indagar".

Suppor alguém capaz de esperar esse interrogatorio maçônico é, talvez, dar prova de simplicidade ainda mais ingenua.

Veamos.

1.º — Num processo-crime, a melhor prova não é frequentemente, a testemunhal, e sim a circumstancial. Portanto, mesmo sem as perguntas que Bartholomeu suppõe esperadas pela minha simplicidade, será possivel apurar a influencia maçônica.

2.º — Si não fica vestigio algum de influencia maçônica num processo, especialmente nos processos em que mais intensa foi, como sabe Bartholomeu de Almeida que essa influencia existiu? Não posso attribuir-lhe a simplicidade de crer, que advinhe ou que receba revelações do outro mundo. Certo é, pois, que alguns vestigios, inda os mais leves, ficam.

Não falla o meu contradictor, e nisso eu o acompanho, que intensa foi a agitação maçônica no preparar a Revolução? Pois, não diz isso, baseado nos vestigios que ficaram? Si não, em que se firma?

Disse que *o acompanho*, poderia dizer que *o precedo*; e, como prova commetterei a impertinencia de aconselhar a Bartholomeu de Almeida a leitura de minha "Inconfidencia Mineira".

3.º — Neste caso da Inconfidencia, a minha situação de imparcialidade é muito especial. Quando, em 1911, escrevi para a "Memoria Historica do Bicentenario de Ouro Preto",

o capitulo sobre a Conjuração Mineira, bati a tecla maçonica, seguindo Machado de Castro (14) e Felicio dos Santos (15).

Mais tarde, incumbido de escrever uma memoria sobre esse assumpto, para o Congresso de Historia e Geographia de 1922, li todo o processo da Inconfidencia no original, no Archivo Nacional e na Bibliotheca Nacional; compulsei innumerous outros documentos; reli tudo que havia sido publicado sobre a materia; desenvolvi um grande esforço, e escrevi a obra mais completa, que ha sobre esse episodio da nossa Historia colonial. Em contrario ás minhas idéas anteriores, conclui que a Inconfidencia não foi obra da Maçonaria.

É a tudo isso que o meu adversario acredita poder destruir com um simples piparote.

VIII

Diz Bartholomeu de Almeida que, em 1780, houve uma Assembléa maçonica em Wilhelmsbad; a esse congresso, conta Barruel, "compareceram deputados da Europa toda, da Asia, da Africa, e até... *du fond même de l'Amérique*. Quem sabe se estes confins da America não seria Villa Rica ou o Tejuco?"

Affirmei que a Maçonaria foi introduzida nos Estados Unidos em 1729, não admirando, portanto, que, em 1780, enviasse emissario á Europa. Concluir, porém, que podiam ser deputados das Minas Geraes, é realmente exhibir uma prova muito *ingenua*.

IX

Diz Bartholomeu de Almeida: "Obstinadamente affeita em zelar pelo prestigio de suas lojas, é perfeitamente explicavel o papel da seita em se dizer ausente do Brasil em 1789. Que interesse pode ter a Maçonaria em fazer sua uma conspiração que não vingou? Encampar um movimento cujo desenlace foi levar o Tiradentes ao patibulo?"

Exalta e exaggera a sua acção e preponderancia num feito a Maçonaria quando dahi lhe advem vantagem, benemerencia".

O que vem ahi affirmado, não serve como argumento, porque não é exacto. A Maçonaria se gaba de haver feito a revolução de Pernambuco, em 1817, cujo insuccesso foi completo e cujo desenlace tragico é bem conhecido. Não é, pois, verdade, o que Bartholomeu affirma.

Ainda quando fosse verdadeira em these a affirmação do meu critico, poderia eu perguntar-lhe: "Si a Maçonaria não tinha interesse nem vantagem no dizer-se inspiradora da Inconfidencia em 1789, porque esta deu em desastre, não os teria hoje? Não os teria pelo menos depois de 1889? Não os

(14) — *Inconfidencia Mineira* — *Narrativa Popular*.

(15) — *Memorias do Districto Diamantino*.

teria mesmo por occasião da independencia, quando viu glorificadas como Augustos e Dignissimos Representantes da Nação, duas das victimas: Conselheiro José de Rezende Costa e Pe. Manoel Rodrigues da Costa?

X

Diz finalmente Bartholomeu de Almeida: "Por ultimo resta o triangulo do devoto Tiradentes, de Tiradentes santamente animado por motivos muito alheios a quaesquer preocupações maçonicas. E' o caso de bradar: alerta! In cauda venenum. E' uma vereda de grande redução que se offerece aos catholicos filiados á seita. Por ahi hão de tranquilizar-se muitas consciencias que nas Lojas mineiras vão encontrar a memoria do devoto heroe da Inconfidencia entrelaçada, confundida com a lembrança do Veneravel... protagonista do advento da Maçonaria na Comarca do Serro".

Na sua irritação, nem percebe o meu adversario as contradicções, em que vae cahindo. Começou julgando-me ingenuo, simplorio, superficial, phantasista e falho de senso e termina attribuindo-me inqualificavel malicia, innominavel maldade, perigoso veneno que se occulta na cauda!

Affirmou que a Maçonaria não encampava a Infidencia, e agora nos mostra o Tiradentes glorificado nas lojas, de cambulhada com os veneraveis, que o inspiraram! o que vem neste final do artigo a que respondo, é uma insinuação malevola, absolutamente injustificada.

Releia-se o que escrevi, e ver-se-á que de modo algum attenuiei o papel da Maçonaria, facilitando aos catholicos o caminho para as lojas ou tranquillizando a consciencia dos que lá já se encontram. Attenuar a força e o prestigio não é attenuar o papel, os intuitos, as tendencias.

Está bem claro, no meu escripto, que a Maçonaria é uma sociedade secreta, cosmopolita, inimiga da Igreja, condemnada pela Igreja, que exige dos seus adeptos obediencia absoluta. Relembrei as condemnações, que contra ella lançaram varios Pontifices. Historiei os males que nos tem feito. Mostrei que ella sabe disfarçar-se, no seu odio á Igreja. Não sustentei que seja inoffensiva, e até aconselhei que permanecamos vigilantes, porque, de subito, poderá ella provocar novas luctas religiosas.

"Penso, disse eu, que os catholicos, attribuindo á Maçonaria uma intervenção permanente e quasi sempre efficaz, na obra dos nossos governos, commettem duplo erro. Em primeiro logar, augmentam-lhe o prestigio e a audacia. Em segundo logar, diagnosticando erradamente a molestia, empregam remedios errados, inadequados ou mesmo contraproducentes, que aggravam os males em vez de sanal-os".

Si é justificado affirmar, que estou favorecendo a Maçonaria, facilitando a entrada e a permanencia de catholicos

nas lojas, sel-o-á também sustentar que o escriptor, que me attribue semelhante papel é um emissario dessas mesmas lojas, para defender o prestigio e as glorias da ordem maçonica por mim depreciadas, e convencer os catholicos de que contra ella nada podem.

O que precisamos é acabar com o nosso systema superficial e commodo de ver em tudo a Maçonaria, de acreditar na mythologia maçonica e acceitar a balela de que ella vem dominando invencivelmente o mundo, desde Salomão, talvez Abraham, ou mesmo antes.

Si é derrotado um candidato nosso — obra da Maçonaria! Si não temos uma imprensa catholica na altura — obra da Maçonaria! Si uma lei de ensino vem opprimir a nossa consciencia — obra da Maçonaria!

E' muito bom assim. Isso é que tranquillisa a consciencia dos tibios e abala a dos fervorosos. É a nossa inercia? É a nossa falta de união? É a nossa fraqueza de zelo? É a nossa desobediencia á voz dos nossos chefes espirituaes?

Ah! Isso não vemos nem com um olho só, porque os dous olhos quer Bartholomeu de Almeida que os reservemos para a Maçonaria.

Vamos, portanto, gemendo e arrastando, consolando-nos em passar á Maçonaria as nossas proprias culpas.

Como quer que seja, posso estar errado, mas sou absolutamente sincero, no meu modo de ver; e a ninguem, menos ainda a um catholico, seja embora a pretexto de zelo, assiste o direito de ir alem do simples combate ás minhas idéas no terreno historico, para attribuir-me outro intuito que não o de servir a minha religião e a minha patria.

Bello Horisonte, 10 de Junho de 1933.

P. S. — Estavam escriptas e já entregues á redacção d'A ORDEM estas linhas, quando me foi dado ler o segundo artigo de Bartholomeu de Almeida. Eis porque só posso enviar agora um *post scriptum*. Esse artigo veio confirmar-me na suspeita, de que Bartholomeu é mais monarchista que catholico e menos affeito ás discussões honestas do que ao bate bocca soez, em que, pela grossura da voz e grosseiria dos termos, acreditam os *valientes* reduzir ao silencio o adversario, menos preocupados em convencer que em intimidar. Continuarei reduzindo ao justo valor as affirmações do meu contradictor, não querendo ver nos processos, que usa contra os que lhe não seguem o rumo, senão fructos do momento historico que atravessamos, ou talvez do meio em que elle vive.

L. S.

Rio, 20-7-33.

PSYCHOLOGIA EDUCACIONAL (*)

D. XAVIER DE MATTOS, O. S. B.

PRIMEIRA PRELECCÃO

Convidado a dirijir um curso de pedagogia neste Instituto e tendo me sido dada a liberdade de escolher o criterio que devia presidir a este mesmo curso, hesitei por algum tempo sobre si devia dar-lhe um cunho eminentemente philosophico e especulativo ou uma orientação predominantemente scientifica e expositiva.

Os dois termos desta alternativa são, pelo seu merito intrinseco, de grande actualidade para nós.

De um lado um curso projectado sobre bases eminentemente philosophicas que nos orientasse com segurança numa investigação aprofundada e paciente dos fundamentos especulativos da pedagogia catholica, que realçasse com nitidez os valores permanentes que ella encerra e os confrontasse com as tendencias mais accentuadas da pedagogia moderna.

Do outro lado, um curso de feitio objectivamente scientifico e de theor experimentalista que nos familiarizasse directamente com as bases experimentaes sobre as quaes se alicerça a pedagogia moderna.

Pezando bem os termos desta alternativa, resolvemo-nos afinal, por este ultimo, tanto porque é, para a maioria de nossos professores, um terreno mais accessivel e de interesse mais immediato e directo, como porque, dadas as circumstancias em que nos achamos, nos parece ser mais opportuno.

Resolvemos, assim, dar um curso de Psychologia Educacional. Nesse curso, antes de entrarmos na analyse dos problemas da assim chamada Psychologia Applicada, taes como as varias theorias sobre a aprendizagem em geral, a aprendizagem motriz, automatica, emocional, e ideativa, leis de sua effectivação, de sua economia e de sua apuração quanti-

(*) Aula inaugural do Curso de Psychologia Educacional no Instituto Catholico de Estudos Superiores

tativa, theorias do transfer absoluto e do transfer relativo e demais problemas da Psychologia Applicada, intentaremos fazer um apanhado dos resultados positivos a que tem chegado até agora a Biologia e a Psychologia Genetica a respeito da natureza infantil, seu acondicionamento hereditario e ambiental, factores de sua variação biologica e psychica, suas leis de crescimento physico e de evolução mental. Fazendo assim, avançaremos methodicamente neste terreno vastissimo da Psychologia Educacional, evitando de ante-mão os inconvenientes de termos que suspender frequentemente a discussão dos problemas educacionaes para verificarmos a exactidão dos seus presupostos geneticos.

Como bem podeis ver, a tarefa que nos propomos é vastissima, e o tempo de que dispomos é assaz limitado: 15 prelecções apenas.

Em taes circumstancias, as nossas prelecções não poderão ter aquelle character propedeutico e expositivo nos moldes de um curso de Escola Normal; aliás tal orientação não se enquadraria na mentalidade de um auditorio já formado em sua profissão como este a que tenho a honra de me dirigir, nem tampouco com as finalidades superiores deste Instituto Catholico, sob cujos auspicios nos reunimos.

Julgo portanto que este curso só satisfará as expectativas tanto do Instituto como do illustrado auditorio, si a submettermos ao criterio superior de uma critica imparcial e objectiva que nos ponha acima das varias escolas que disputam entre si a primazia neste terreno ainda pouco conhecido da natureza infantil. Ganharemos assim um ponto de vista mais independente e synthetico que nos porá acima da confusão duplamente babelica que reina actualmente no terreno da Psychologia Educacional; digo uma confusão duplamente babelica porquanto esta sciencia resulta da fusão das tres maiores confusões que existem na esphera do pensamento contemporaneo isto é, a Biologia, a Psychologia e a Pedagogia que por sua vez reflectem mais agudamente, em par com a sociologia, a falta de uma solida concepção philosophica do universo e da vida.

Passaremos assim criticamente em revista os dados experimentaes em que se baseiam, por inducção, as novas theorias que actualmente campeiam no terreno da pedagogia; só assim poderemos aquilatar o grau de certeza que taes theorias apresentam e descobrir, em muitos casos, a precariedade de suas tão decantadas credenciaes de absoluto rigor scientifico. Como teremos o ensejo de verificar repetidas vezes, atravez deste cursos, muitas das theorias que em nosso meio pedagogico são apregoadas como tendo um valor absolutamente seguro e definitivo, se baseiam na realidade em fundamentos bastante frageis e precarios, não passando

de formulas meramente hypotheticas e provisórias que dão margem a intermináveis discussões.

Seguindo esta orientação creio que nos enquadramos perfeitamente com as finalidades deste Instituto, que visa desempenhar em nosso meio a mesma função que nos países mais adiantados desempenham os grandes centros universitários, isto é, a dupla função de estimular por todos os meios a pesquisa científica e ao mesmo tempo de informar as classes intellectuaes sobre a medida exacta dos progressos realizados, e sobre o valor intrinseco dos resultados obtidos. Como é notorio, estes não correspondem em absoluto ao numero e quantidade das pesquisas que se fazem nos varios campos das sciencias experimentaes. Ha uma grande diferença entre pesquisas scientificas, progresso scientifico e resultados definitivos obtidos pela sciencia. São estes tres momentos ou estagios completamente distinctos na actualização da sciencia e que não devem de forma alguma ser tomados como equivalentes. Tomemos em particular a nossa esphera bio-psychologica, Nella o pesquisador desempenha o papel de pioneiro, de desbravador aventureiro que se embrenha pelas vastas regiões desconhecidas deste campo scientifico e volta para nos relatar o que, do seu restricto angulo visual, lhe foi possível apurar. As conclusões a que elle chegar não serão já os resultados positivos da sciencia; longe disso; não o serão tampouco as conclusões da primeira centena de investigadores que lhe seguirem as pegadas nesse terreno; são apenas as primeiras informações que chegam, muito vagas e fragmentarias, quasi tacteantes.

Em qualquer novo horizonte que se descortine ao mundo scientifico, as conclusões do terceiro e quarto investigador quasi que infallivelmente se distanciarão ou estarão mesmo em aberta contradicção com as conclusões a que chegaram o primeiro e o segundo pesquisador; e esta confusão vae augmentando á medida que cresce o numero de investigadores. É a phase nebulosa da sciencia, a phase da pesquisa scientifica; é, sem duvida alguma uma phase fecunda e importantissima, necessaria mesmo. Por meio della, começamos a saber já algo de positivo sobre os problemas que erijam esse novo campo da sciencia, a sua natureza e a sua complexidade. Mas quaes serão as soluções definitivas, qual será a verdadeira correlação global de todas as soluções parciaes obtidas nesse terreno nem de longe podemos ainda suspeitar.

Pois bem; boa parte dessas pesquisas terão apenas o merito negativo de terem demonstrado que não é por esse caminho que iremos encontrar as procuradas soluções, que não é por meio desses methodos que poderemos estabelecer a verdade real e definitiva. As demais pesquisas vão então gradualmente se alinhando em varios sentidos, formando theorias e escolas. Tanto umas como outras contribuem

assim substancialmente para o real progresso scientifico. São tendencias que se esboçam cada vez mais nitidas e vigorosas.

Do cahos original começa a surgir a ordem. A sciencia começa então a ter uma visão mais nitida e comprehensiva dessa nova esphera de sua investigação; não tem ainda a luz de uma evidencia meridiana, mas está de posse de um bom numero de soluções parciaes que já permitem algumas correlações valiosas.

Finalmente chegamos ao estagio derradeiro dos resultados indiscutivelmente positivos e seguros com os quaes podemos então intentar fazer applicações concretas nas outras espheras da realidade em proveito da humanidade.

As verdadeiras conquistas scientificas se apresentam assim como o resultado precioso de um longo e paciente trabalho de rigorosa depuração, eliminação e selecção de valores reaes, destacados criteriosamente da vasta e miscellanea contribuição de uma ou varias gerações de cientistas pesquisadores.

Pois bem, este estagio final ainda está bem longe de ser attingido pela Biologia e pela Psychologia Experimental moderna, e portanto mais longe ainda está da Psychologia Educacional que dellas depende em grande escala. E o que diremos então da Pedagogia? Até bem pouco tempo estiveram estas sciencias na phase francamente nebulosa e cahotica, e só mui recentemente é que estão entrando na phase intermediaria de organização dos dados de comprovado valor objectivo. Não entrarei aqui em detalhes para provar o que vos acabo de dizer. Isto resaltarão espontaneamente ao espirito de quem quizer nos acompanhar atravez do curso que ora iniciamos.

Declarar, como fizeram os respeitaveis signatarios do Manifesto Educacional, que "O desenvolvimento das sciencias lançou as bases das doutrinas da nova educação, ajustando á finalidade fundamental e aos ideaes que ella deve proseguir, os processos *apropriados* para realiza-los", ou então que "A extensão e a riqueza que actualmente lança por toda a parte o *estudo* scientifico e experimental da educação, a libertaram do empirismo, dando-lhe um caracter nitidamente scientifico..." (A Reconstrucção Educacional no Brasil, Comp. Editora Nacional, pag. 53) equivale ou a desconhecer a medida exacta dos progressos até hoje feitos por essas sciencias ainda muito novas e recentes, ou então a ignorar por completo a verdadeira natureza do processo scientifico, tal como o acabamos de esboçar.

Aliás esta attitude um tanto precipitada e entusiasta dos signatarios do Manifesto Educacional, se explica perfeitamente á luz da psychologia humana.

Como este thema é para nós de grande actualidade, seja-nos licito fazer aqui uma pequena digressão em torno d'elle.

Na segunda edição do seu livro *Educação Nacional*, publ. 1906, diz-nos já José Verissimo que: "A escola brasileira, isolada na esphera de uma pura e estreita acção de rudimentar instrucção primaria, não teve a minima influencia nem na formação do character nem no desenvolvimento nacional" (p. LVI) e acrescenta: "a nossa instrucção publica é uma especie de conjuncto amorpho, perfeitamente inutil como factor da civilização nacional" (pag. 10) e conclue dizendo que ella "exige uma reforma radical e completa; não a reforma aqui costumeira e sempre improficua dos regulamentos, os bysantinismos das leis, e do papelorio, mas uma transformação profunda dos costumes, da inspiração, da comprehensão e da practica do nosso ensino publico" (p. XXX). E, continua José Verissimo: "Podendo e devendo apoiar-se hoje em principios scientificos, a Educação entrou tambem em sua phase positiva. A Educação não é uma panacéa, um remedio infallivel para todos os males, mas é um poderosissimo modificador e director de almas" (p. XLV).

Este estado de cousas que José Verissimo com seu estylo lucido e incisivo, descrevia e deplorava em 1906, continuou a ser o statu quo da pedagogia brasileira quasi até os nossos dias. Até mui recentemente se descuraram por completo os estudos pedagogicos em nosso paiz. As nossas poucas Escolas Normaes, unicos e acanhados centros de taes preocupações, limitavam-se a preparar levas de professores que dellas saham, ainda em menoridade, sem madureza e sem a devida formação com um minimo mais que insufficiente de conhecimentos puramente didacticos para applica-los na rotina escolar tradicional. A nossa literatura pedagogica, se assim se pode chamar a centena, quando muito, de minusculos compendios de psychologia e pedagogia que circulavam em nosso paiz até 1930, revela, com rarissimas excepções, um character falho e elementarissimo. E' que os lentes de nossas Escolas Normaes, os unicos que se preocupavam perfunctoriamente com essas questões, se resentiam em geral da falta de preparo provando inequivocamente a sua incompetencia technica; quasi todos elles auto-didactas apressados, arvorados pela nossa politica administrativa em pedagogos improvisados, eram elles, não obstante, considerados como os expoentes maximos, porque unicos, de nossa cultura pedagogica.

Finalmente nos ultimos 5 ou 6 annos, uma duzia de moços logrou a rara oportuna de fazer um estagio mais ou menos breve de tirocinio technico e de especialização pedagogica nos grandes centros de cultura pedagogica dos Estados Unidos e da Europa; uns por um semestre apenas, outros por um anno e meio; apenas tres que eu saiba em todo

o nosso Brasil, dedicaram mais de dois annos a esse tirocinio de especialização.

Com a volta desses elementos a nosso paiz, vemos nos ultimos poucos annos operar-se uma transformação radical na mentalidade educacional do nosso paiz. Por toda a parte verifica-se um sopro de intensa renovação educacional; por toda a parte discutem-se com enthusiasmo os nossos problemas educacionaes. São as conferencias nacionaes e regionaes, são as associações educativas; é o radio, a imprensa, a revista e o livro. Vemos em pouco tempo surgirem no Districto Federal em São Paulo e em Minas Geraes grandes centros de cultura pedagogica, onde milhares de jovens, sob a orientação de um numero reduzido de technicos dedicados e entusiastas, agitam e discutem entre si os innumerados e complexos problemas de que está erigido o terreno pedagogico, e se familiarizam com as ultimas novidades educacionaes.

As reformas escolares succedem-se com rapidez em quasi todos os Estados visando melhorar não somente o lado administrativo (como era a praxe tradicional entre nós desde o Acto Addicional de 1833, que descentralizou o nosso ensino) mas tambem e de um modo especial, o lado technico do nosso ensino primario, profissional e normal (realizando-se assim as aspirações de José Verissimo em 1906).

Por toda a parte o professorado formado nos velhos moldes educativos, frequenta cursos de ferias e se reúne em associações especiaes da classe, organiza commissões de estudos, mantem cursos livres mais ou menos extensos de aperfeiçoamento, e convida o maior numero possivel de conferencistas para lhe expor succintamente os novos rumos da pedagogia e elucidar-lhe os pontos "nevralgicos" das novas technicas educativas.

Finalmente no anno passado um grupo de assim chamados "Pioneiros da Educação Nova" lança "Ao Povo e ao Governo" um vibrante manifesto em que affirma vigorosamente a sua nova mentalidade e suggere atravez (para não dizer "apezar") da ultima Conferencia Nacional de Educação em Nictheroy, as directrizes basilares da projectada reconstrucção educacional do paiz.

Estamos assim no arrebol poetico de uma nova era educacional, e como em todo arrebol, ha tambem neste um forte matiz cor de rosa e vermelho de enthusiasmo, de lyrismo e de radicalismo. O enthusiasmo é sempre sadio e fecundo! O radicalismo é sempre exagerado, perigoso e potencialmente nocivo! O lyrismo enfim, é sempre illusorio e ephemero, e por isso mesmo, o mais innucuo destes tres coloridos.

O enthusiasmo corresponde mais propriamente ao terreno pedagogico, o radicalismo ao sociologico, e o lyrismo ao

scientifico; pois é exactamente da combinação deste como fundamento, daquelle como finalidade e daquelle outro como meio, que resulta todo o movimento escola-novista de nossos dias.

E' só deste ultimo que vos quero fallar aqui.

Atravez de toda a symphonia deste movimento de renovação educacional, ouvimos constantemente o mesmo diapazão do rigor objectivo e da certeza dos seus fundamentos scientificos. A *Scientia Experimental* é o novo Oraculo infallivel e os seus veredictums a nova e grandiosa Revelação. Vae-se assim formando entre nós uma forte corrente de lyrismo scientifico que dentro em pouco penetrará em todas as camadas do nosso professorado.

Esta corrente tende a idealizar o poder omnipotente e o alcance infinito da pesquisa soberana e subordinar ao seu tribunal infallivel não só a didactica, não só a pedagogia, não só a sociologia, mas até mesmo a moral e a religião, e com tudo isto os proprios destinos de toda a nacionalidade.

Esta corrente tende assim a transferir do sobrenatural para o experimental o eixo central da nossa civilização e a exigir da humanidade para este, não sómente o mesmo "obsequium rationabile" da fé que a humanidade tributou até agora á Revelação Divina, mas ainda o seu assentimento incondicional a todas as novidades que tragam o rotulo magico da *Scientia Experimental*.

Este lyrismo scientifico exaggerado que sob os nossos olhos está invadindo o terreno pedagogico não é mais do que uma prova cabal da deploravel inercia e atrazo em que até bem pouco tempo jaziam os estudos pedagogicos em nosso paiz. E' o phenomeno produzido infallivelmente pelas primeiras impressões da novidade, de todo esse mundo de factos e de problemas que até agora desconheciamos, e de cuja existencia nem siquer suspeitavamos. Este phenomeno pode ser observado em todo o individuo e em todas as collectividades. As nações mais adiantadas já passaram por esta phase inicial e obrigatoria de sua evolução cultural, e a deixaram muito atrás. Nós começamos a entrar nella agora.

Mas como vos dizia ainda ha pouco, este lyrismo scientifico é, como todo o lyrismo, illusorio e ephemero.

Passado o primeiro entusiasmo, veremos que nem toda a informação que a *Scientia Experimental* nos póde fornecer, é só por isso absolutamente exacta e de valor permanente, e si conseguirmos penetrar sacrilegamente atrás dos bastidores da *Scientia Experimental*, esse lyrismo se nos desvanecerá da mesma forma que surgiu entre nós:—como por encanto.

Quanto á pedagogia vem bem ao caso citar-vos um trecho tirado do recente livro de Anisio Teixeira, "A Educação Pro-

gressiva”, que vale pelo livro todo. A’ pag. 21, depois de exemplificar os grandes progressos da engenharia moderna, diz-nos este autor :

“Em educação o problema de reconstrucção escolar não póde ser visto com essa objectividade, porque *o desenvolvimento das sciencias... é tão recente e tão incompleto*, que não póde, ainda conciliar todas as intelligencias. As divergencias são inevitaveis, como inevitaveis as confusões, as espectativas exaggeradas, os enthusiasmos e os desanimos, as audacias e os temores, as alas direita e esquerda de *uma transformação inevitavel*, mas *de que não se tem ainda os elementos integraes para definir*, em toda a amplitude, *o objectivo e o alcance e traçar*, com nitidez, *os caminhos e os processos*”.

De facto, este autor nisto tem toda a razão. A Sciencia Experimental não é um Oraculo Infallivel, nem uma nova Revelação divina á humanidade pela humanidade.

Como teremos occasião de verificar constantemente no decorrer deste curso, o que ella nos pode fornecer de positivamente certo é ainda muito pouco. A vasta maioria dos assim chamados “resultados positivos” a que tem chegado apresenta apenas uma garantia hypothetica sobre a certeza dos seus enunciados, sendo de um character provisorio e instavel.

O verdadeiro cientista ainda discute seriamente a validade dos methodos em voga na pesquisa scientifica. A sciencia ainda está procurando determinar quaes são os meios, ou processos mais adequados para apurar a verdade objectiva e impessoal. A falta de ethica scientifica atraz dos bastidores da Sciencia ainda consegue illudir os ingenuos e os credulos que exercem a funcção subalterna de assimiladores de segunda ou terceira mão, e de vulgarizadores dogmaticos de toda a novidade que surge no terreno das sciencias experimentaes, emquanto discute-se ainda entre os verdadeiros cientistas a legitimidade de muitas illações e interpretações claudicantes. O elemento pessoal e o seu consequente unilateralismo ainda grassa no terreno scientifico difficultando-lhe o verdadeiro progresso.

Por fim, o principio ultimo e decisivo das “*garantias multiplas*” ou “da comprovação plurilateral” até agora quasi não tem sido applicado.

Não é meu intento desprestigiar a Sciencia Experimental no que ella tem de realmente positivo e promissor para o futuro, mas sim de colloca-la no logar em que ella merece ser collocada pelo que ella tem de valores permanentes em suas conquistas.

Portanto, um dos objectivos especiaes do curso que ora inauguramos, é o de moderar criteriosamente essas "espectativas exaggeradas... esses entusiasmos... e essas audacias" de que nos adverte o Sr. Anisio Teixeira, mas de que, paradoxalmente, essa sua mesma obra é o exemplo mais flagrante que temos em lingua portugueza.

D. Antonio de Macedo Costa e o Seminario Brasileiro em Roma

E. VILHENA DE MORAES

E' hoje brilhante realidade um Seminario brasileiro em Roma.

Si, desandando no tempo, fossemos buscar entre nós o germe dessa feliz idéa, iriamos descobri-lo, logo ao primeiro alvor da catechese, lançado á terra pelas mãos do proprio chefe da christandade brasilica. Tres annos apenas amanhara o solo, com o suor da fronte, e já tinha o *Pe. Manoel Nobrega*, como "*primicias*" para mandar a Portugal dois meninos *pregadores* "para aprenderem lá virtudes um anno e um pouco de latim, para se ordenarem como tiverem idade" (1).

O primeiro germe, dissemos, pois se tratava já de transplantar á outra riba do Atlantico os talentos promissores, uma vez que não havia "cá mais que aprender". E essa deve ter sido a pratica por muito tempo adoptada, porquanto, si o famoso "*Collegio Todos os Santos*", onde estudou, na Bahia, o *Pe. Antonio Vieira* data de 1556, os Seminarios, propriamente jesuiticos, ou não, são todos posteriores á segunda metade do seculo dezesete.

Na segunda metade, exactamente, no seculo dezenove, um seminarista bahiano, sob os auspicios do grande *Romualdo de Seixas*, cruza os mares, aos vinte annos, para completar na França, em S. Sulpicio, a sua formação ecclesiastica.

Brasileiro até a raiz dos cabellos, amando extremamente a propria terra, a propria gente e a propria lingua, transido de horror á só idéa de se continuar um dia com a lepra do galicismo, contra a qual levava, no seu alforge, como preventivos, *Jacyntho Freire de Andrade* e *Pe. Antonio Vieira*, mal chega á terra do Bossuet esse filho de Maragogipe, *Antonio de Macedo Costa*, ao mesmo tempo que deletreia o grego, vae tratando de fazer aprender aos gallos a doce lingua portugueza.

(1) — Cartas do Brasil (1594 - 1500), pag. 121. Publicações da Academia Brasileira - 1931.

Querido de todos, admirado, festejado, fez um curso brilhantissimo o que devia ser mais tarde um dos grandes luzeiros da Igreja americana. Não sei dizer si antes delle algum outro brasileiro tinha já alisado em Issy os bancos onde pouco antes, assentara Renan. O facto é que, depois de completar o seu curso, o *Pe. Antonio de Macedo Costa* desejou ardentemente pudessem outros gosar da mesma ventura que lhe tinha cabido. Assim foi que, em 1858, conseguiu do então Superior *Pe. Corriére* que a casa do *Padre Olier* fosse aberta com vantajosas condições aos jovens brasileiros aspirantes ao sacerdocio. De 800 foi para elle reduzida a pensão a 400 francos annuaes. A legação brasileira communicou, em Setembro daquelle anno, oficialmente, o facto ao Ministro da Justiça, para que tivesse pela imprensa a necessaria divulgação. Do proprio Summo Pontifice Pio IX, foram ouvidos estas palavras:

O Padre Antonio de Macedo Costa prestou ao seu paiz optimo serviço. (2).

Muito mais longe ia, porém, o seu ideal. Sonhava elle, mal subidos os degraus do altar, ha quasi oitenta annos, literalmente, o que é hoje esplendida realidade: um Seminario brasileiro em Roma.

Tambem nesse ponto foi um precursor e um tal florão de glorias creio de que não se pode pretender arrebatat, como tantos outros, a radiosa frente do Chrysostomo Brasileiro.

Tem por isso toda a oportunidade a reproducção que vamos fazer agora de uma carta sua — que bem poucos entre nós hão de ter lido exhumada de um velho jornal bahiano: o “Noticiador Catholico” de 1859.

Roma, 29 de Dezembro de 1858.

Ao Rv. Conego F. L.

A vista disto (continuo o que ia dizendo na carta passada e que fui obrigado a interromper para pol-a a tempo no correio) não é de admirar que haja actualmente em Roma, alem do Apollinario, e do Seminario Pio para a diocese de Roma e os Estados Pontificios, um collegio ou Seminario Germanico (magnifica instituição fundada por S. Ignacio de Loyola) outro Irlandez, outro Escossez, outro Inglez, outros estabelecimentos para os Austriacos e para os Belgas, dous para a França (sem contar S. Luiz); agora ultimamente os dous Seminarios Americanos, não falando de outras instituições de menos vulto destinados aos jovens italianos de todas as provincias, e do grande e celeberrimo Seminario da Propaganda, estabelecimento colossal que acolhe meninos e moços de todas as zonas do globo.

(2) “Noticiador Catholico”, Bahia. n. 36, de 5 de Março de 1859.

Eu não desespero de ver em pouco o Brasil representado aqui por um seminário ou collegio seu proprio, onde se fale portuguez, e cujos alumnos piedosa e sabiamente dirigidos, figurem com seus trajos proprios nos grandes estabelecimentos scientificos do mundo christão. ()*

É por que não? Eu só vejo immensas vantagens, e nenhuma impossibilidade. Vantagem no ponto de vista da direcção séria e segura que este estabelecimento poderia dar aos estudos ecclesiasticos no Brasil. Vantagem no ponto de vista da rejeneração do clero ao qual se abre assim uma fonte nova e abundantissima de instrucção e de moralidade. Vantagem no ponto de vista moral e religioso de nossas populações, que folgariam de ter mais esse fio de communicações com o fóco e centro do catholicismo, que sei eu? Vantagem até no ponto de vista politico, pois seria um optimo meio de que se poderia servir o governo para começar a rehabilitar o paiz no conceito da Europa, e a tira-lo emfim da ignominiosa obscuridade em que até aqui tem jazido.

Para não desenvolver senão este ultimo ponto devemos confessar, gemendo, mas é um facto desgraçadamente patente de mais para que possamos occultal-o ou dissimulal-o: — o nosso Brasil gosa ainda de mui pouca consideração cá pela Europa. Ou somos desconhecidos inteiramente, ou só conhecidos pelo que temos feito de mal. Fala-se de nós, pouco mais ou menos, como da China e do Japão, como de um povo barbaro, ou o que é ainda peor, como de um povo apenas nascido á civilisação e já enervado e abatido, um pouco composto de escravos e de selvagens.

E como não seria assim si exteriormente nenhum signal damos do que somos?

Que tem feito nosso governo para se fazer conhecer e se acreditar fóra do paiz?

Até aqui tem elle vivido concentrado em si só, occupado de si, ou das cousas que lhe estão entre mãos; suas vistas não se tem estendido alem dos nossos horizontes (e prouvera a Deus que ellas os abrangessem em toda sua extensão) e assim vamos vivendo mui contentes e satisfeitos, crendo que todo o mundo se acha a nossos pés contemplando-nos num extase de admiração!

Illusão pueril que poderá ser afagada em alguns espiritos pelo orgulho nacional, mas que a triste realidade ahi está desmentindo. Algum nosso patricio em sua rapida passagem pela Europa pode talvez interpretar alguns cumprimentos, por ventura interessados, como expressão da estima geral de que gosa por cá o Brasil. O certo é que somos uma nação obscura e desconsiderada em toda a Europa, a começar de Lisboa a continuar por Paris e a acabar em Roma. Eis o facto que ahi está,

(*) Quasi todos os collegios ou seminarios tem adoptado o vestido talar, mas cada um com sua distincção ou na côr, ou na forma.

enorme, incontrastavel como uma cadeia de montanhas; não o explico; attesto-o somente.

Que fazer? Levantar com desdem as espaldas, dizendo: — que nos importa? Fôra parvo! O que devemos fazer e já, é sair de nossa inercia, fazer alguma cousa no exterior que attrahia a attenção e a consideração sobre nós, que prove á Europa, não só que vivemos, mas que temos fé no glorioso porvir que se desdobra diante de nós, e que temos em mira occupar um lugar distincto entre as demais nações.

Ora a fundação de um seminario Brasileiro em Roma, no centro da Catholicidade, no ponto de reunião em que vêm se encontrar todos os povos da Terra, me parece um dos meios mais proprios para começar esta obra de reabilitação, que é incontestavelmente uma das mais palpitantes necessidades do nosso paiz.

Ahi temos as vantagens: quanto ás impossibilidades, como eu dizia, não as ha, antes summa facilidade. Não pude ainda saber em quanto orçou a fundação do nosso Seminario americano; mas sei que o Seminario Francez, em que resido, comprehendida compra de boa casa no centro da cidade, despesas de separação, de installação, de moveis, e uma magnifica capella fundada de seu pó, não custou mais de 120:000\$000. Ponhamos para o nosso 150:000\$000. O que é isto para um paiz como o nosso que dispende todos os annos centenas de contos em pura perda, que paga 20 e 30 contos só com a planta de um theatro, e outras e outras...

Em verdade, difficuldades, se as ha serias, não são deste lado. Seria optimo que o Noticiador Catholico ventilasse esta idéa, mostrando o bem que d'ahi resultaria ao governo, ao paiz, ao clero, á Religião em geral, e a immensa consolação que receberia com isto o coração de Pio IX, innundado de tantas amarguras.

Poderia o mesmo jornal tambem observar que as despesas de intretenimento seriam muito menores do que as que faz lá o governo com qualquer seminario, pois não teria que pagar tanto, frequentando os alumnos as universidades e academias da cidade...

Não contente, procurando reforçar as proprias palavras feria, dahi a pouco, D. Antonio a mesma tecla, com uma nova carta, em que reproduz sobre o assumpto alguns topicos de uma pastoral do Cardeal O'Connor, documento esse, abaixo transcripto, e que, atravez de uma distancia de tres quartos de seculo, nada perdeu da sua efficacia e actualidade:

Roma, 26 de Janeiro de 1859.

Ao Romo. V. Conego F. L.

Depois do que escrevi a vez passada sobre a utilidade de um seminario brasileiro aqui em Roma, deparei no Univers

de 6 do corrente com o extracto de uma magnifica pastoral de Monsenhor O'Connor, bispo de Pittsburg na Pennsylvania (Estados Unidos) que completa admiravelmente o que eu escrevi a tal respeito. Eis como se exprime o eloquente prelado:

“Impossivel é enumerar todas as vantagens de uma educação ecclesiastica em Roma, principalmente em um estabelecimento nacional onde a disciplina será especialmente adaptada á nossa mocidade, e a preparará para o campo que ella terá que rolear.

“Na cidade eterna acha-se o joven clerigo rodeado de tudo o que pode elevar o gosto, deleitar o espirito e confortar a fé. As galerias e egrejas desdobram diante delle todas as maravilhas da arte christã e da arte pagã; nas bibliothecas, as melhores do mundo, achará elle a seu dispor quantas obras forem autorisadas nas sciencias positivas e abstractas, e bem assim em muitos outros ramos de conhecimentos, obras que debalde se procurariam em outra parte. Os museus, ricos em monumentos do passado, lhe dão vivissimo interesse pelos estudos historicos e archeologicos, ao mesmo tempo que lhe facilitam o accesso a esses mesmos estudos.

“Sua louvavel ambição de distincção é estimulada em Roma pelo nobre impulso de patriotismo; pois em Roma tem o alumno do Sanctuario de medir sua força intellectual com concurrentes de todas as nações. Numerosos collegios, mosteiros e academias lhe offerecem frequentes occasiões de ouvir argumentações de philosophia e de theologia, e assistir ás licções dos professores mais distinctos nas sciencias, na historia e na litteratura. Aprende a conhecer a organização e usos dos differentes tribunaes ou Relações que decidem difficuldades propostas por todas as Egrejas do mundo, em materias de disciplina e de doutrina. São sempre os professores homens de abalizado saber, e muitas vezes de universal renome, o curso dos estudos longo, serio, e eminentemente proprio a alargar o espirito e a consolidar o juizo. É como n'este centro das luzes evangelicas todos os espiritos parecem illuminados, as relações familiares do joven seminarista com os membros do clero romano o acostumarão a regular em tudo suas proprias idéas conforme os principios elevados das verdades catholicas.

“Depois o que não vê elle em Roma para excitar sua devoção e fazel-o gloriar-se na Cruz do Salvador? Numerosas caridades que attingem todas as necessidades e enfermidades do pobre—e do enfermo—a piedade do povo; as festas frequentes; o esplendor dos templos; a grandeza das ceremonias, dão ao jovem levita um sentimento profundo dos deveres e da dignidade de sua religião. Inexgotavel alimento acha para sua piedade ao pé das reliquias dos santos, e para animar a sua coragem christã junto aos tumulos dos Apostolos e dos martyres. Mostram-lhe as ruinas a força da fé christã, assim como as collosaes proporções dum poder, que trabalhou durante seculos por des-

truir a Igreja, em quanto testemunhas mudas, mas eloquentes, sahidas das catacumbas, lhe dizem o que podem soffrer os homens pelo reino do céu.

“Em Roma tambem e em nenhuma outra parte, pode elle verificar que a Igreja é a unica organização capaz de offerecer a redempção, pelos merecimentos de Jesus Christo, ao mundo degradado. Os milhares de fieis de todas as nações que visitam os sanctuarios da alma cidade; os missionarios que della partem para levar o Evangelho aos mais remotos paizes, ou que d’elles voltam para dar conta de seus trabalhos; a voz do Summo Pontifice fallando com autoridade a todas as Igrejas da Christandade; os Bispos que acodem em epocas fixas, afim de apresentarem suas homenagens á Cadeira de Pedro; tudo lhe dá a idéa mais exaltada da unidade da Igreja e da Catholicidade.

“Estas vantagens da educação ecclesiastica recebida em Roma, são sem duvida infinitamente preciosas para os sacerdotes que dellas gozam, mas muito mais importantes são ellas ainda para os povos entre os quaes esses mesmos sacerdotes são chamados a exercer o santo ministerio. Os que beberam a largos sorvos na fonte da verdade apostolica a derramarão pura e abundantemente nas almas, e os que tiverem aprendido a amar Roma, não só por principio, mas ainda pelos vinculos das mais caras recordações, saberão dirigir a fé e as affeições dos outros para este centro immutavel e sagrado da verdade evangelica.

“Roma é a capital do mundo christão, a nova Jerusalem do povo de Deus. O sacrificio é agora offerecido do nascente ao poente, mas a Arca da Alliança está em Roma. De Roma tambem podemos dizer com o propheta: a Lei virá de Sião e a palavra do Senhor de Jerusalém. Tem a Igreja de Roma por missão instruir todas as igrejas na sã doutrina; esclarecer-lhes as duvidas, guial-as nas difficuldades e perigos. Porque é Pedro que na pessoa do soberano Pontifice é o Supremo Pastor do rebanho inteiro de Jesus Christo, pastores e ovelhas. Com esta Igreja todas as mais têm vivido e devem viver na unidade da fé, e n’esta unidade tem todas achado segurança e prosperidade, emquanto que separadas de Roma têm as mais florescentes igrejas cahido na heresia e até na barbaria.

“Deploravel excesso de amor proprio nacional n’um homem ou n’uma nação fôra o desconfiar de uma união de fé demasiado intima com Roma, ou desdenhar quanto tende a estreitar esta união. Só ha um sol para alumiar toda a Terra; só uma verdade para esclarecer todos os espiritos. A Igreja de Jesus Christo é essencialmente una e de todas as nações. Seu governo deve ser um e gozar de uma jurisdicção universal. A séde d’este governo lá onde elle se acha estabelecido é devida a homenagem de todos os crentes esparsos sobre a superficie do globo.

“Ninguém pretende que um collegio americano em Roma seja necessario para procurar ao nosso clero uma boa educação ecclesiastica, ou para manter nossa união com a Santa Sé! Mas certo estamos de encontrar bem poucos contradictores afirmando que esse collegio muito contribuirá a assegurar estes resultados, ao passo que desenvolverá entre nós os estudos ecclesiasticos superiores, e ajunctará uma nova graça á nossa Igreja nacional. O clero e o povo dos Estados Unidos a nenhum outro cedem na terna adhesão á Roma e no zelo em promover a instrucção secular e religiosa; e são justamente estas disposições que nos induziram a pedir ao Santo Padre um favor que fruem já tantas nações da Europa e do Oriente, e que fruirão dentro em pouco os catholicos d’America Meridional. Um collegio nacional em Roma augmentará, estamos certo d’isto, o numero dos sabios nas fileiras do nosso clero, e será um poderoso meio, com a graça de Deus, de perpetuar a orthodoxia de nossa Joven Igreja, que nunca foi até aqui manchada por macula alguma d’heresia”.

Perdoe ,meu bom amigo, este longo extracto. Quem dera que estas eloquentes palavras do Illustre Prelado Americano retinissessem por lá, e determinassem o nosso Episcopado e governo a realisarem de concerto esta proficua idéa da criação em Roma de um seminario nacional!

O proprio Monsenhor O’Connor está indicado para ser o director do Seminario Americano da Umiltá. Alquebrado pelos annos e pelas fadigas de um longo apostolado S. Excia. se regosija de poder passar seus ultimos dias á sombra do throno pontifical empregando-se numa obra menos laboriosa, mas eminentemente util ao seu paiz.

A nomeação de um coadjuctor para a Sé de Pittsburg tem encontrado algumas difficuldades, que se espera todavia serão em pouco aplanadas.

Esse sacerdote, assim preocupado, desde os mais verdes annos, com a regeneração do clero da sua terra, soube pagar como um nababo os grandes beneficios que na sua formação tinha recebido. Bispo do Pará, foram dezenas e dezenas dos sacerdotes que para se formarem enviou a França para que de lá voltassem cheios de zelo, como os seus mais prestimosos auxiliares no apostolado aquelles vastissima e até então, quasi abandonada diocese do Extremo Norte.

Julho, 30-1933.

ESTUDOS SOBRE A PSYCHOLOGIA FORENSE NO BRASIL

PE. J. DE CASTRO NERY

Não me consta que haja, no Brasil, estudos especializados de psychologia forense. Emquanto os povos de lingua allemã citam Stern, Sommer, Birnbaum, Goring, Lipmann, Marbe e Stohr; emquanto os de lingua franceza se firmam em Gorphe, Des Bancels, Binet e Claparéde, emquanto a Italia conta com Altavilla, Fiore, Dattino, Pende e Lacasagne; quando a Inglaterra e os Estados Unidos põe á mostra os trabalhos de Smith e Brasol, e a propria Hespanha se envaidece ao pronunciar os nomes de Emilio Mira e de Funes, — o Brasil, segundo creio não pode apresentar nenhuma indagação particular neste capitulo. O que existe, si existe, vem de mistura com as defesas dos réus ou com os livros de criminologia.

Dentre os trabalhos que merecem attenção do leitor, ou que mais se adaptam ao fito especial destas linhas, deveria salientar-se o livro *Uma definição biologica do crime*, da lavra do dr. Dyonello Machado. Pela documentação abundante e escolhida, pela frequente allegação dos psychiatras e psychologos modernos, o livro do medico riograndense justifica a sua propria inclusão nestes estudos de psychologia juridica.

A julgar pelo titulo, a these deveria conduzir-se até a conclusão dentro da bitola abertamente materialista. Quer-me parecer que o autor foi, neste particular, sempre coerente comsigo mesmo. Não se poderia dizer outro tanto a respeito de certos pormenores. Encontrar, de facto, uma “anti-naturalidade” no homicidio é incidir numa dessas contradicções philosophicas nas quaes não tiveram tempo de atentar os corypheus da escola positivista. Não basta allegar o sr. Ferri para que se dê por terminada toda a contenda. Nem seria esta a unica oportunidade em que o advogado do positivismo e do socialismo andou aos trambolhões pela sciencia. Quem admitte a “anti-naturalidade” do homicidio passa de contrabando uma noção de “Direito natural”, que, evidentemente não estava nas intenções revolucionarias dos seus autores.

Não é esta a unica excentricidade positivista perfilhada pelo sr. Dyonello Machado. Continua na doce illusão lombrosiana de que "não é possível estudar o crime como phenomeno privativo da especie humana". Parece-lhe natural e incontestavel que aos animaes se estenda a criminalidade. Pudera não, quando o cabeça da escola descobriu delictos na propria innocencia da flora ! Si o notavel medico dos pampas intentasse um dia destramar o processo creativo dos autores que adora, haveria de chegar a esta conclusão edificante: Lombroso e seus caudatarios querem espantar o burguez pato, attribuindo, por um lado, os estigmas do crime aos bichos e ás plantas, e negando, por outro, as marcas do delicto á especie humana. Ferri, para citar um exemplo (1), nem por um instante reflexionou na real contradição desta these: "mentre infatti lo scopo di quelle ricerche fu soprattutto di provare l'esistenza di vere e proprie uccisioni criminose anche fra gli animali; per i selvaggi invece occorre uno studio psicologico, che ci dimostri non solo l'esistenza, per sé evidente, di quelle e di altre forme di uccisione criminosa, ma il modo ancora con cui l'umanità primitiva considera, moralmente e giuridicamente, l'omicidio stesso. Bisogna cioè, che noi prestiamo attenzione, in questa rassegna, alla mancanza, alla nascita e agli svolgimenti successivi di quel senso morale e giuridico, che oggi proclama l'omicidio il massimo e piú obbrobrioso fra tutti i reati". Habitudo pelas arengas do forum ás prestidigitações das idéas, pensou que deslumbraria a platéa com malabarismos de paradoxos. As digressões zoológicas de Lombroso e de Ferri podem ser lidas como anedoctas ou novellas. Desobedecem ao sabio principio de Morgan, ao de "jamais interpretar uma acção como effeito duma faculdade mental superior, quando puder ser considerada como produzida por uma faculdade inferior na escala psicologica".

Tão apegado como está ás fontes da escola antropologica italiana, não é para admirar que o novo estudo sobre o crime queira partir da psychologia do homem primitivo. Mas a psychologia do primitivo é um problema. Tomá-la como base da psychologia do homem adulto, branco e civilizado, é pelo menos largamente contestavel. Em se tratando do homem pre-historico, a difficuldade, na etapa actual da sciencia, é intransponivel. Reconheceu-o lealmente o nosso autor, ao sustentar que a pre-historia é um "periodo para sempre sosobrado, sem documentos assaz fidedignos para o reanimar". Toda a attenção do autor vae ser, pois, polarizada em derredor do selvagem contemporaneo. Mas aqui vão encontra-lo novas difficuldades. Este selvagem, ou soffreu a influencia das in-

(1) — Enrico Ferri, *L'omicida nella psychologia e nella psicopatologia criminale*, Torino 1925, 2.^a p. 18 e passim.

curções civilizadas, ou não. Na primeira hypothese, os subsidios procurados para o exame evolucionista do crime perdem tres quartos, senão tudo, do seu interesse historico. Na segunda, para que as observações não fossem destituídas de valor, seria necessario uma pesquisa paciente, *in loco*, sem preconceitos de qualquer especie. Ora o que tem succedido é o contrario. Os forgicadores de systemas, naturistas e animistas, fetichistas e magistas, deixam se pagar com os anedotarios dos exploradores e turistas. Creio que a observação é do proprio Andrew Lang. O sr. Machado não reparou nesta fragilidade dos systemas primitivistas. Acceitou, de mão beijada, todas as informações que lhe forneceram suas leituras.

Eis a proposição inicial, fulcro sobre o qual repousam quasi todas as suas deduições: “o homem primitivo não conhece limites psicologicos ou internos á satisfação das suas necessidades”. A asserção espantaria o proprio Salomon Reinach, um dos padrinhos do autor. E já que o argumento de autoridade tem um valor insuperavel para o criminalogista gaúcho, que se recorde da seguinte conclusão: “Aussi loin que nous remontions dans les cours des ages, *l'homme subit, á coté des contraintes exterieures, une contrainte interieure*” (2).

Mas o sr. Machado não irá perder tempo com phraseologias. Vae aos factos, deturpados ou não, que encontrou nos seus mentores. E desfia o seu rosario de perversões primitivas: os selvagens seminús atassalhando a bons dentes a carne crua, ou lambusando a bocca nas gorduras dos animaes podres, ou ainda devorando brutalmente um naco de coxa humana; os pais que torcem o pescoço aos filhos e os filhos adultos que eliminam as boccas inuteis dos pais idosos; as habitações construídas no oco das cavernas ou dos rochedos, o “yurt” dos siberianos, os “wigwons” dos indios americanos, os “igloos” dos esquimós, o casamento pelo rapto, sem a minima sombra de consentimento por parte da esposa, entre os Tungures e Kamchadales, Mandinoos e Caraibas, Samoyedos e Esquimós, entre Mongóis, Polinésios, Vitianos, Arabes e Circasianos. . . E conclue: “tudo nos autoriza a crer que a sua vida, nos primeiros annos da humanidade, não differia da que levam os animaes”. Collocados em parallelo, os animaes levariam vantagem aos homens porque “algumas especies mostram maior espirito social e respeito mais accentuado para com o semelhante”.

Tal é a conclusão do materialismo evolucionista. A verdade, entretanto, é bem outra. A antropophagia tem, a principio, um caracter meramente communal. Somente mais tarde, com o advento da magia, inimiga da religião e da sciencia, ella assumia o feitio de uma assimilação da coragem do adversario. Mas o que vae contrariar as citações do sr. Machado

(2) — S. Reinach, *Cultes, Mythes et Religions*, intr. II, pg. 18-22.

é a seguinte declaração da antropologia moderna e dos estudiosos que mais tempo permaneceram entre os chamados primitivos. Negrilos mais atrasados têm uma moral mais pura do que muitos civilizados, enquanto os intelligentísimos Bondjos de Oubangui, famosos pela sua organização política e postos num nível de civilização mais elevado, são formidáveis antropophagos que levam o requinte da sua perversão a transformarem os entrepostos de carne humana em verdadeiros açougues, com freguezes para a coxa, para o peito para um braço (3).

Mata-se, é verdade, o adversario; mas em casos de legitima defesa que seriam ex-culpados nas proprias sociedades civilizadas. Os incidentes de envenenamento e outras formas secretas de homicidio devem-se, na sua quasi totalidade, ás sociedades magicas que não são um producto primitivo, mas uma degenerescencia comprovada da primitiva religião. O suicidio, que augmenta com a civilização, é quasi desconhecido entre os selvagens. O infanticidio nasce de uma falsa applicação das regras da moral; (foram os pais que "fizeram" os filhos; logo, são seus donos absolutos). A sexualidade do primitivo, para o qual o sr. Machado, não encontrou limitação de especie alguma, é das mais contrariadas pelas proibições moraes. Existem entre os selvagens impedimentos de consanguinidade mais rigorosos do que entre nós. O decálogo nosso, com todas as suas restricções, encontra-se na integra, essencialmente, entre populações retrogradadas, ainda impermeaveis á civilização, como as do Ba-villi do Congo. O sentimento da Justiça é dos mais acendrados; a responsabilidade é nelles a base da recompensa ou do castigo; é em nome da Justiça que se pune o perjurio, o adulterio, a trahição, o assassinio; em homenagem á Justiça é que se inventaram as ordalias, os proprios envenenamentos e supplicios. As regras de moral são as mesmas; apenas as suas applicações é que se descaminham. Quando o selvagem elimina o pae já velho, elle age não com vistas á diminuição das bocas ociosas, mas tendo em mira a compaixão para com o progenitor e a felicidade que este irá gozar noutra existencia.

O proprio sr. Machado não se esqueceu de reconhecê-lo numa phrase que merece commentada. "No nosso entender, diz, — fundado no estudo evolutivo do selvagem, trata-se de uma explosão de uma idéa melancolica, dum verdadeiro sentimento de *culpabilidade*". Assim chama ás numerosas maneiras de purificação, traduzindo a vernaculo uma expressão que inconscientemente roubou a Freud, a *Straffbedurfnis*.

(3) — Le Roy, *La religion des primitifs*, Paris, Beauchesne, pag. 356 e passim. Cfr. tambem W. Schmidt, *Grundlinien einer Vergleichung der Religionem und Mithologien der austronesischen Volcher*, Wien, 1910.

Mas este sentimento de culpabilidade é mais uma prova do sentimento moral do primitivo. A consciencia do peccado existe nelle como entre nós. Chamem-lhe como quizerem, com nomes polynésios ou com nomes europeus. O facto é sempre o mesmo. Em termos christãos, elle seria a revelação do remorso. A necessidade da remissão dos peccados é tanto dos civilizados como dos selvagens. Ainda ha pouco, se descobriu essa curiosissima *Kotahikio*, nada menos que um substituto da confissão, entre os Kikuryu, até hoje fechados a toda tentativa de civilização.

Nada mais anti-scientifico do que assimilar o selvagem com os animaes. Desde o inicio a intelligencia do pre-historico se distinguiu, por natureza e não somente por grau, dos processos psychicos rudimentares dos bichos. O homem pre-historico legou-nos armas, utensilios, artefactos, monumentos funerarios que embalde procuraremos nas collecções de historiolas de Romanes e de Lubock. A acha chelense, a mais elementar dos instrumentos humanos, demonstra uma infinidade de actos de intelligencia que embalde irão esgaravatar os evolucionistas na psychologia dos animaes; ha na citada acha, calculo, apreciação de materiaes, disposição de meios para um fim determinado. O homem pre-historico inventou ainda o talho do silex, o fogo que até hoje nenhum animal soube utilizar a não ser industriado pelo homem, a navegação, a architectura, a propria metallurgia...

O selvagem actual não é um primitivo, mas um degenerado, um retrogrado. A prova mais convincente é tomada a linguistica. O australiano do Sul, ao parecer, inferior physica e moralmente, tem segundo um investigador, M. Hale, dialectos de uma riqueza notavel, com sete declinações e dez ou doze casos, prefixos e sufixos para dar todas as tintas ao pensamento. Os denné-djindjié, que vegetam pobremente entre a bahia de Hudson e a peninsula de Alaska, têm uma lingua bastante rica, com interessantes flexões e uma variedade de verbos auxiliares. Os malsinados Fuegianos, que Darwin collocava no baixo nivel de civilização, tem igualmente uma lingua opulenta, e, mais que isto, uma religião notavel (4).

Todos elles são capazes de progresso intellectual, moral e artistico. Os collegios bantús podiam servir de modelos aos europeus. São conhecidos os adeantamentos a que chegaram os boróros por intermedio dos salesianos, os selvagens da costa occidental da Nova Zelandia por intervenção dos benedictinos, os homens brancos da ilha solitaria de Wallis, na Oceania, por meio dos maristas. Igualmente, não é novidade que foi a civilização islamita que trouxe ás populações do Alto-Congo, ás immediações do Tchad e do Sudão, a ruina

(4) — Guibert — Chinchole, *Les Origines*, Barcelona, 1925, pag. 520 ss.

material, os desregramentos alcoolicos, as degradações da escravatura e as mazelas vergonhosas da syphilis.

Ha nos autores amigos do sr. Machado uma intenção inconsciente de rebaixar o primitivo, esquecendo-se de que em plena civilização européa ou americana, no coração das nossas capitaes, apodrece toda uma casta de homens, infinitas vezes mais degenerados do que os selvagens. E' ás portas de Berlim ou nas margens ultracivilizadas do Senna que se to-pam os vampiros, os necrophilos immundos e os estranguladores de creanças; é no "bas fond" de New York, a cidade do futuro, que se encontram os bandidos da peor nomeada, os raptos de meninos e de moças, os assassinos que usam fraque e cartola, os ladrões mais intelligentes do mundo.

Moral como intellectualmente, o primitivo nada tem que o desmereça perante o civilizado. "Nada ha,— dizia um velho missionario que passara vinte annos entre os selvagens",— nada ha que se assemelhe tanto aos civilizados como os selvagens". A phrase poderia ser ironica se não fosse a confirmação do que vimos argumentando. Ainda ha pouco, em plena Sorbonna, nas barbas do Sr. Levy-Bruhl, um professor da Universidade do Nebraska (5) tinha a coragem scientifica de clamar, ao fim da sua serie de conferencias: "Sem duvida, muitos dos nossos sabios são de parecer que isto não passa de um caracter proprio do pensamento primitivo, onde quer que elle se encontre, que todos os barbaros mostram o mesmo espirito, e que este espirito não é mais do que uma phase inevitavel da infancia mental da nossa raça. Mas é justamente essa idéa que venho refutar. E' essa uma idéa que, segundo me parece, nasceu de uma simples supposição,—supposição de que a superioridade da raça européa sobre todas as outras formas da razão é illimitada e que a significação deste mundo onde nós, homens, nos encontramos, estacionando sobre um dos bordos longinquos do tempo e do espaço, deve ser sufficiente a todos os pendores e inclinações da intelligencia".

A partir destas observações menos firmes a respeito da psychologia do primitivo, o autor se lembra de que era urgente reatar as pontas ao livro e reentrar no assumpto. E' seu proposito "trazer uma contribuição de natureza pessoal á etiologia e ao mecanismo do delicto" e utilizar "de preferencia elementos colhidos individualmente no commercio com os observandos". Não sei se um critico imparcial veria, no restante do livro, a confirmação destes intentos. A contribuição de natureza pessoal sossóbra na enchente de citações estrangeiras. Os elementos colhidos no commercio com os observandos resume-se a tres casos de interpretação pelo menos pro-

(5) — Hartley Burr Alexander, *L'art et la philosophie des indiens de l'Amérique du Nord*, E'ditions Ernest Leroux, Paris, 1926, pag. 96.

blematica. Mas, aqui, não me preocupa o aspecto medico da questão. Continuemos em psychologia.

Ao ver o nosso autor falar em "aptidão possessiva", em erotismo anal como creador da pontualidade e do autoritarismo, tem-se a presentimento de que o livro se irá nortear, daqui por diante, pelas mais temerarias directrizes da escola freudiana. Os periodos, de facto, se succedem amanteigados naquelle estylo cloacino em que se deliciam os funcionarios da psychanalyse. Mas depois de gastar muita tinta, em derredor do problema, acaba por confessar, quasi ao fim do trabalho, que a concepção psychanalytica, bem como a adlerista e quejandas, é uma "concepção puramente accidental". Vemo-lo então atirar-se aos braços de Lombroso. Os mythos do criminoso-nato e dos estygmias somaticos desfilam, pesadamente, sob as suas roupagens surradas. Mas o entusiasmo é curto. O autor não pode deixar de registrar "o exaggero da escola querendo grupar as anomalias dos delinquentes num typo morphologico definido". Ferri offerece-lhe, nessa hora, o seu hombro de amigo. Mas aqui mesmo a familiaridade não vae além das classificações e dalgumas observações insuladas. O factor social que o criminalista italiano alcandorava não merece consagração. "O homem, como animal, orienta-se por si, sem necessidade da sociedade".

Tal é o livro do sr. Dyonello Machado nos capitulos centraes da sua these. Hesitando entre diversas escolas, tomando aos seus patrões a medulla das theorias, sem atinar em que muita vez se contradiziam entre si, mas sempre probo na citação das fontes e modesto na apresentação dos seus pontos de vista, elle justifica a leitura dos estudiosos e poderá resistir ao tempo, desde que se lhe aparem certos exaggeros e se lhe rectifiquem algumas inexactidões.

Bem diversa é a attitude do sr. Afranio Peixoto. O autor dos livros *Tánatoscopia judiciaria*, *Epilepsia e crime*, *Psychopathologia forense*, quizenriquecer-nos tambem com uma *Criminologia*. Fê-lo com aquelle brilho de que se reveste o seu talento polymorpho e com aquella amenidade em que se adoçam quasi todos os seus romances. O estylo ainda tem os engodos que Araripe Junior lhe encontrava, — fluido, correntio e cantante, — aqui, naturalmente, carregado de surpresas e, de tempo a tempo, para variar, atravancado de algumas repetições irresgataveis. Emquanto o sr. Machado é um dogmatico que acredita piamente nas opiniões e nos sentimentos europeus ainda quando a prudencia scientifica o mandaria criticar melhor, o sr. Peixoto tem um sorriso de malicia para cada uma das escolas criminalistas até quando seria mister acceitar alguma cousa aproveitavel. O sr. Machado deleitase ás vezes um pouco mais do que devia em carregar os mestres sobre andores: diverte-se o sr. Peixoto em passar rasteiras nos paredros da criminologia e é certo que, se levanta os me-

dalhões é para melhor espanca-los, exactamente como os mo-
leques no sabbado de alleluia erguem mais alto os judas para
ter o sadismo de queima-los.

O scepticismo risonho do autor estampa-se logo nas pri-
meiras paginas. Que será crime e criminalologia? — Pergunta
historicamente perturbadora, porque as definições são perigo-
sas e as que appareceram no tempo não puderam resistir á
critica. “Foram vãos todos os esforços por definir o crime”
e ainda não temos esperanza fundada de que, um dia, se che-
gue a um accordo entre criminalistas. Theoricamente, pois,
é ocioso insistir nesta exigencia. Praticamente, o aspecto é
outro:—o crime “é um tabú immotivado”. Se alguém, por
mero desfastio, ousasse objectar ao sr. Peixoto que os tabús
não são immotivados e que ha nelles uma philosophia e até
mesmo uma theologia, o dissertante se riria de novo com esse
riso claro e desconcertante dos Montaigne e dos France. E
atalharia com esta facecia do seu livro: “Deus prohibiu a
Adão comer de certo fruto do Eden... Porque? Tabú”.
Exactamente como os meninos que respondem á pergunta:
Por que bateu na irmãzinha? — Porque sim. A Criminalologia
é “um equivoco. O crime, o criminoso, as prisões, as penas,
a defesa social, a prevenção juridica... Construcções sobre a
areia”. Becaria, Lombroso, Tarde, Garofalo, Sergi e caterva
não passam de romancistas. Ferri é uma excepção. O autor
do poliedro biologico-physico-social arranca um “muito bem”
inesperado. Mas é apenas um cochilo. O autor desforra-se
da generosidade intempestiva, averbando as classificações
deste e de outros criminalistas como de simples “jogos de
paciencia”.

A psychanalise e a endocrinologia são capitulos á parte.
Sigismundo Freud é um “philosopho” em toda a extensão
da palavra, só comparavel talvez a Hobbes e a Locke. “A
psychologia profunda deve ser attendida”. E o autor se apressa
a traduzir o “Eu”, o “Sub-eu” e o “Super-eu” que o nosso
Porto Carrero achara melhor latinizar. Vae mesmo rebuscar
na *A Esfinge* uma intuição prophetica dos tres “egos”. Chega
a convencer-nos quando affirma que “criminosos seremos to-
dos... prisões ambulantes, cheias de criminosos aferrolhados,
e que buscam escapar-se”. As ficções do freudismo pullulam:
os cleptomanos descendem em linha recta das delongas no
aleitamento e os revolucionarios são frutos serodios das fal-
tas educativas no periodo anal. Nada mais logico que o autor
conclua a exposição do systema com este fecho de louvor:
“Ha no freudismo, muito, *muitissimo*, a considerar. E a
aproveitar”. O mesmo enthusiasmo para com a incretologia.
Elle nota a correlação palpavel entre as funcções das glandu-
las de secreção interna e o desenvolvimento do individuo, prin-
cipalmente a harmonização do systema nervoso. O corpo e a
vida dependem do endocrinismo; delle a vivacidade ou a apa-

thia, o maior ou menor tamanho do esqueleto, as funcções vegetativas e tambem as cerebrais. "Alegria e magua, intelligencia e cretinismo, virtude e vicio, honesto ou criminoso, revoltado ou pacifico, patriota ou cosmopolita, sceptico ou sciente... tudo são nomes leigos de determinantes endocrinos". A fé é uma questão de temperamento, a revolução é um resultado do hypo-tiroidismo; a castidade, a honra... dependencia dos hormonios. Mas que os leitores não se illudam. O sr. Peixoto não está levando tudo isto a serio. A psychanalise e a endocrinologia não passam de "duas recémvindas". Merecem dois minutos de cortezia porque são moças. A ellas se poderia applicar o dito do esculapio impressionado com a vida ephemera do remedio: applicuemo-lo enquanto cura.

Por aqui já se pode prever em que irá parar a psychologia do livre arbitrio. Os imponderaveis que possivelmente pesarão no acto terminal de um homem não são considerados como simples influencias, mas como causas e determinantes. Apenas "por ironia" é que elle "se julga livre". "Evidentemente é preciso ter fé para crer no livre arbitrio". O sr. Peixoto lembra-se a tempo de que lhe não convem estes ares dogmaticos e professoraes. E por isso tonteia o leitor com alternativas e gingas. Nota, pois, numa pagina, que não existem criminosos natos e que os famosos "estigmas" são apenas criminalizados por idéas tendenciosas", muito embora se affirmasse o contrario iria corroborar o seu determinismo. Folhas adeante, concluirá com a maxima despreocupação da logica, que "do exposto se deduzem alguns principios assentados: a personalidade physica do criminoso é determinante de suas acções anti-sociaes pela degeneração hereditaria". O jogo da gangorra continua. Agora dirá que "A criminologia e o Direito penal presumem livre arbitrio", só para ter o deleite de dizer, minutos depois, ao considerar as duas mil influencias avoengas e o magma de impressões anteriores, que o homem é "reconhecivelmente dependente e determinado". Como o livro começa e finda por affirmações deterministas, poderia um critico caturra sentenciar que o sr. Peixoto é determinista. Engano ainda. "O determinismo absoluto não tem, tampouco, confirmação scientifica". Ora, a sciencia! "O que se chama sciencia é uma verdade relativa, certeza de um momento, emendada, successivamente rectificada, por outra melhor (ou menos incerta) certeza".

Daqui, para a Religião. Porque, se nas suas conferencias ha lugar até para a criminologia (6), ha necessariamente lugar até para religião. A fé como temperamento é uma phrase de effeito. E os oradores precisam de phrases de effeito. Demais, a theologia não anda muito bem com a sciencia quando affir-

(6) — *Estado de S. Paulo*, 29 de Abril de 1933.

ma a immutabilidade de Deus. "O proprio Deus muda". Mandamentos, tabús. A religião é culpada da propaganda do crime. "Preocupa-se muito" com elle. Emfim a religião não anda isenta de formas perfeitamente morbidas. São Paulo, por exemplo "é um innocente epileptico". "Demonomas, possessas, extaticas, súcubos, incubos, auto-accusadores, martyres e santos... figuram na historia do espirito humano doente". A propria Historia Ecclesiastica tem passagens que não cheiram bem ao nariz de um criminalista. A "Igreja collaborou com o poder temporal para levar a fogueira a heretica, feiticeira Joanna d'Arc". Não queiram lembrar ao sr. Peixoto que o processo de 1431 não foi um processo canonico, mas um processo politico e inglez, em que o governo inicia a causa, escolhe juiz e faz todo o custeio; não lhe cansem a memoria lembrando que o bispo de Beauvais não tinha poderes de jurisdicção sobre Joanna nem mesmo accidentalmente; não lhe recordem que um processo fóra das leis divinas e humanas, em que se negou até mesmo um advogado á ré, em que houve redacção fraudulenta e a ignominia de uma falsa abjuração, é um processo inteiramente nullo; não o aborreçam provando que a Santa Sé não entrou por nada na questão, nem mesmo soube do andamento senão quando Joanna já era cinza... O sr. Peixoto sorriria. E como um dos personagens de Shakespeare, colhido em flagrante delicto de imaginação, não perderia o seu bom humor, mas diria: *Gallants, lads, hearts of gold... What, shall we be merry? Shall we have a play extempore?*

Algumas vezes, porém, para se distrair, o Sr. Peixoto enterra na cabeça a gorra de juiz e assume um ar circumspecto de sacerdote. Desaba sobre o romantismo com um zelo de apostolo. Rousseau, La Mettrie, Novalis, Chateaubriand, Byron e Goethe ficam soterrados. A sua indignação chicoteia os proprios criticos, cúmplices negativos do delirio sentimental. "Para julgar a paixão, nesse seculo XIX, até os homens de talento ficavam estupidos". Reivindica,—com a tacita approvação de todos os homens sensatos,—os poderes da razão sobre o sentimentalismo. Zurze a vagabundagem elegante e o ocio, pai dos crimes passionaes. Mas para não pensarem que elle defende pontos de vista igreigeiros, o sr. Peixoto se apressa a informar-nos de que o crime passional é uma consequencia do capitalismo burguez. Quando passar esta etapa economica da historia universal, tambem passará o amor e o crime de amor. "O homem amará, amará a mulher simplesmente, decentemente... Será uma funcção da vida como as outras" como o beber, o comer e o dormir. Nessa moral materialista do medico de Lençois, tão baboso pelos russos, a mão grossa e sensual de Rasputine aperta os dedos suaves e divinos de Jesus. Tal camaradagem nada tem de novo. Não pregaram ambos os prophetas: "Pequemos, comtanto que nos arrependamos" (p. 146)?

A ESCOLA UNICA

EVERARDO BACKHEUSER

Na complexa theoria da "escola nova" é a "escola unica" o aspecto mais debatido nestes ultimos tempos. E' o ponto nevralgico da nova pedagogia.

Em torno dessa *expressão* agitam-se os debates, corre tinta dos articulistas, estragam-se as cordas vocais dos oradores. E, no entretanto, quer nos parecer, toda essa confusão dos que applaudem e dos que condemnam a *escola unica* é fructo apenas da multiplice synonymia que a expressão comporta.

A escola unica admite, de facto, varias accepções.

Para alguns, "escola unica" é tão somente a *escola official obrigatoria*, a ser frequentada por todos sem distincção de classe, sexo, credo religioso, possibilidades financeiras ou opinião politica em um mesmo e unico padrão. Para outros, por "escola unica" se deve entender o regimen de serem todas as escolas estandardizadas por um mesmo typo embora estando em estados, provincias ou regiões diversas e até antagonicas. Outros ainda consideram como escola unica o *curso unitario* percorrido sem solução de continuidade do jardim de infancia até o diploma de capacidade profissional superior.

No primeiro caso, a escola unica investe contra a *escola particular*: no segundo, contra a *escola regional*: e no terceiro, contra as separações que tornam estanques e independentes entre si os diversos grãos do ensino.

No Brasil não existe para o ensino primario a *escola unica* em nenhum desses tres aspectos. Não temos o padrão official imposto a todos; nem o poder central obriga os Estados ao mesmo programma de estudos, e ainda menos ha continuidade nos estudos que se destacam por largos hiatos de um gráo para outro.

Examinemos cada um desses aspectos da *escola unica*.

I — A ESCOLA UNICA COMO ESCOLA OFFICIAL OBRIGATORIA, ISTO É O MONOPOLIO DO ENSINO

Que o Estado deve dar o ensino *primario* gratuito e *obligatorio* é doutrina pacifica em philosophia pedagogica.

Isto não quer dizer, porém, que se deva conceder ao Estado o *monopolio* desse ensino. São coisas que se não devem confundir.

Precisando elementos efficientes para a bôa marcha da sua machina, interessa ao Estado que todos os cidadãos sejam alfabetizados. Si assim é, cumpre que o Estado ponha o ensino ao alcance de todos, isto é, cumpre faze-lo *gratuito*. Não podendo, por outro lado, permittir dentro do corpo do Estado elementos indesejaveis e nocivos como são os analphabetos, cumpre lhe exigir de todos a frequencia a estabelecimentos de ensino, isto é, cumpre que o ensino seja *obrigatorio*. Tem assim o Estado ao lado de um dever, o *ensino gratuito official*, um direito — o *ensino obrigatorio*.

Aos cidadãos deve paralelamente ser tambem concedido um direito e exigido o dever correspondente. O dever que o Estado pede ao cidadão é o de se instruir (*ensino obrigatorio*); e o direito que lhe deve conceder, é o de adquiri-lo onde melhor lhe pareça, isto é, permittir o *ensino particular* ao lado do *ensino official*.

Nem todos pensam deste modo, a nosso ver, logico e hialino.

Ha quem entenda que só o poder publico pode ministrar o ensino.

Crêa-se, assim, o odioso *monopolio* do Estado. Para justificar esse ponto de vista, os que lhe são favoraveis, argumentam que se não houver uma escola unica, official e obrigatoria, consolidar-se-á a diversidade de classes, pois que os pobres irão para a escola publica gratuita e os ricos para as escolas particulares retribuidas. Esquecem-se porém, que a troca desta pseudo vantagem, de resto não muito grande, o *monopolio* do Estado em materia de ensino tem gravissimos e insanaveis inconvenientes.

Attendendo a isto, formou-se um terceiro grupo menos rigorista que transige em não haver o *monopolio* total do Estado. Ao lado das escolas officiaes permittindo ao lado das officiaes, escolas particulares, *com a condição porem* “de obedecerem seus programmas e methodos de ensino rigorosamente ao *padrão official*, fixado pelo Governo para seus estabelecimentos”.

Argumentemos.

Só admitte o *monopolio* absoluto do Estado em materia de tal relevancia quem dá ao Estado capacidade de Omniciencia, quem lhe confere infallibilidade, isto é, os partidarios dessa maneira extremada de considerar a escola unica são apenas os communistas e os socialistas da esquerda.

Admitida a infallibilidade da autoridade civil são logicos os que opinam pela perfectibilidade do modelo official. Quem, mesmo sendo sinceramente democrata, entende, todavia, que o progresso social vem mais da iniciativa particular que das

esphéras governamentaes ou, pelo menos, vem em grande parte daquela iniciativa, hade se amedrontar com os perigos de uma escola unica entendida neste estreito senso.

A verdade é que em educação como em tantas coisas mais, o progresso sempre se origina da iniciativa particular. Para não citar a infinidade de exemplos que estão na memoria de todos, em outros campos de actividade social, lembremo-nos da propria pedagogia, lembremo-nos da propria escola nova. A escola nova veio da iniciativa particular. Só recentemente, isto é, só muito tardiamente os governos estão tomando conta della para impô-la e torná-la obrigatoria.

PESTALLOZ⁷¹, o grande precursor do moderno movimento educacional, agiu em estabelecimento particular. Do mesmo modo, as *new-schools* inglêzas onde se esboçou o typo do ensino em voga hoje em dia. Da mesma sorte, na Allemanha. Dos famosos *Landerziehungsheine* do Dr. Lietz em Hamburgo a escola de *Paul Geheeb* a agitação se manifesta em estabelecimentos particulares ou pelo menos são frutos da iniciativa privada. Até agora os governos do Reich e dos diversos paizes que o formam ainda não n'a acceitaram: continúam *experimentando-a* em varias das suas *Versuchschulen*. Do mesmo modo, nos Estados Unidos a iniciativa privada tem predominio conhecido. Na Austria, o poder publico limitou-se a perfilha-la. *Perfilhou-a* — note-se bem a palavra — porque a idéa da sua adopção partiu do proprio corpo professoral: o movimento galgou do magisterio até o conselho de ministros. Sua aceitação foi pois verdadeiramente um movimento popular. A *Ecole des Roches* em França é particular, como particular é o estabelecimento da *rue de l'Érmitage* em Bruxéllas onde Decroly ensaia seu método. Ferrière e seu grupo fazem, na Suissa, tentativas em "laboratorios" não officiais. A escola nova não está imposta em nenhum desses paizes. Em nenhum paiz. Perdão, está sendo imposta na Russia.

Só na Russia, paiz que se debate nas garras do comunismo, onde o Estado monopoliza tudo, e portanto tambem o ensino, foram tornados obrigatorios os processos da escola nova. Foi imposta a escola nova como teria sido imposta a escola tradicionalista se esta tivesse cahido no agrado do communismo.

Só portanto um paiz — e que paiz! — implantou os methodos novos em toda sua plenitude, tornando-os compulsorios.

Mas essa excepção russa não pode apagar da historia da escola nova a longa serie de tentativas extraofficiaes a que fizemos allusão, tentativas que lhe deram corpo e vida, a fortaleceram, a enrijaram, a tornaram victoriosa nas esphéras educacionais.

Feita pela iniciativa privada deve a escola nova defender sempre e nobremente a sua fonte de origem. Os monopolistas do Estado não têm direito de agora, na hora da victoria, virem a campo para, locupletando-se com o *boutin* recolhido pela iniciativa privada, manietá-la, entorpecê-la, absorvê-la, prohibi-la.

Todos sabem (para que seja necessario demonstrá-lo,) quão perigosas são as intervenções do Estado em qualquer genero de actividade. Com as suas teias burocraticas perturba as iniciativas; com os seus rigidos preceitos e regulamentos anemisa os projectos bem intencionados.

Quando os povos ponderados e prudentes a administração não decide de afogadilho; sujeita as innovações a longas experiencias, attenua até certo ponto o maleficio da intervenção. Quando, porém, os governos são soffregos como os do Brasil, o perigo é immenso. Aqui entre nós mal uma idéa aflora á cabeça de uma das nossas Minervas Reformadoras é logo traduzida em lei.

Isto que é grave para o caso geral, ainda mais o é quando essas intromissões de governo se fazem em materia de ensino. O ponderado governo da ponderada Allemanha por exemplo, ainda está estudando como dissemos as novas theorias pedagogicas chamadas da escola nova, apesar de lá terem tido seu berço. Os novos methodos estão ainda, sendo submettidos a maduro exame. Essas experiencias começadas desde 1918 em estabelecimentos officiais e desde 1906 em institutos privados ainda não foram consideradas com tempo sufficiente para acceitação. O governo allemão ainda não disse a ultima palavra.

Ao lado disto o que se tem dado no Brasil em questões educacionais é do dominio publico, e o infeliz magisterio official bem sabe disso de sciencia propria. De quadriennio em quadriennio, ou de semestre em semestre, ou de trimestre em trimestre são feitas renovações devastadoras no methodo, nos processos, no proprio regimen educativo, renovações que anniquilariam tudo se não fôra a valiosa contribuição da inercia. A *inercia* — e tomamos a palavra no sentido mathematico, isto é, como a *força do habito antigo* — é quem tem salvo o Brasil de maiores males educacionais.

Na confusão actualmente reinante em quasi todos os estados depois que os administradores ingenuos se enthusiasmaram pela escola nova, ás vezes sem lhe conhecerem os principios, sem lhe determinarem as finalidades, e sem aquilatarem dos seus methodos algo complicados, o ensino publico não póde ser modelo. Os professores officiais sabem quanto lhes é difficil agora o magisterio, pela instabilidade das leis e pela instabilidade das theorias de educação.

Quão doloroso seria — ou terá de ser! — o spectaculo de balburdia educacional quando tambem os collegios parti-

culares — o pouco de estavel que ainda nos resta — houver de entrar na sarabanda convulsa e endemoniada das adaptações e das remodelações. Hontem Decroly, hoje Dewey! E amanhã? Talvez Lunacharsky!

Em paizes como o nosso com uma população de psychologia timida e inconstante é obrigação do poder publico prestigiar e encorajar a iniciativa privada. Em todos os terrenos; em todas as espheras; em todos os campos de actividade.

Ora, das poucas manifestações dessa precaria iniciativa brasileira, o collegio particular é uma dellas. Creado e mantido ás vezes com intuitos simplesmente commerciaes e muitos ainda nos moldes da velha pedagogia, são todavia como que um respiradouro para o atrazo geral, em que por culpa dos governos tem ficado a instrucção publica. São, sem duvida elementos para a instrucção da população. Devem ser incrementados, prestigiados e nunca restringidos em sua acção. Della muito pode e deve esperar o Brasil.

Se, sob certos prismas, no Districto Federal e em alguns Estados ha uma certa superioridade pedagogica do ensino publico, sobre o ensino particular, em outros muitos se dá exactamente o contrario. Mas, naqueles casos, com a docilidade de animo da nossa gente e o proprio interesse commercial dos proprietarios, o collegio particular procurará se adaptar logo aos moldes do ensino dado nos *bons* estabelecimentos publicos.

E só isto se póde lhes pedir — é de esperar que, em qualquer caso, conscios da sua responsabilidade entrem de *motu proprio*, por gradativa evolução, nas novas correntes educacionais. E então terão de ser fortissimos propulsores da desejada Renovação pela qual tambem nós nos batemos. Este, um dos motivos pelos quais não podemos ser pelo monopolio do Estado; e portanto nos declararmos sem hesitação contra a escola unica nessa accepção aggressiva e sectaria.

—:—

Mas outro motivo existe para que no Brasil não se preconise a escola unica nessa sua estreita feição de collegio official.

Bem sabemos que as verbas postas á disposição da instrucção publica são sempre exiguas. Nunca dão o sufficiente para custear o numero de escolas que corresponda ao numero de crianças necessitadas de cultura. Nestas circumstancias o collegio particular é instrumento de salvação publica. Opera corajosa e efficazmente ao lado da escola publica. Surge e se mantém como consequencia da escassez destas. Sem as escolas particulares o numero de analphabetos cresceria. Em alguns Estados, como medida de economia, os governos chegam a supprimir escolas publicas nos nucleos de rara densidade censitaria. Se não houvesse *alguem* dando "aulas particulares", as crianças ficariam analhabétas. Em outros Estados,

os governos têm previdentemente estipendiado esses modestos mestres-escola para que também ministrem gratuitamente ensino a certo numero de alumnos pobres da localidade. Com esta attitude os governos dão publico reconhecimento da necessidade que têm do auxilio do *particular*.

Ainda sob este aspecto portanto, temos de condemnar a *escola unica official*. Talvez seja ella possivel em outros paizes. No nosso, não. O nosso governo *precisa* do auxilio dos professores particulares.

Aliás quem proclama a impossibilidade de, no Brasil, haver monopolio de Estado em questão educacional são os insuspeitissimos cavalheiros e excelentissimas senhoras e senhoritas que subscreveram o famoso *Manifesto para constituição educacional do Brasil* no qual lançaram os dogmas materialistas da escola nova. Diz o *Manifesto*:

“Afastada a idéa do monopolio da educação pelo Estado num paiz em que o Estado pela sua situação financeira não está ainda em condições de assumir a sua responsabilidade exclusiva, e em que, portanto, se torna necessario estimular, sob sua vigilancia, as instituições privadas idoneas, a “escola unica” se entenderá entre nós,etc.”

E' o melhor depoimento contra o *monopolio do Estado*.

—:—

Admitamos porém, por um instante, a hypothese de sobrarem no Erario Publico recursos para instrucção de todas as crianças brasileiras. Admitamos que o monopolio do Estado não entrave os progressos pedagogicos. Admitamos que os homens de governo enfeixem em seus cerebros privilegiados toda a sciencia da educação. Admitamos que contrariando os ensinamentos da historia e da sociologia, a iniciativa privada nada represente de util, de vantajoso, de proficuo. Admitamos tudo isto. Admitamo-lo, pelo prazer de conceder ao adversario um momento de descanso.

Terá então o Governo de fazer *escola unica*. Qual governo, porém?

Mas, entre o governo federal e os estaduais, qual será o infallivel? Este ou aquelles? O deste ou o daquelle Estado?

Em cada instante da vida nacional brasileira ha pelo menos vinte e um programmas primarios de aspecto, de fórmula, e de fundo differentes e até antagonicos. Como querer, no Brasil, *uma escola unica* se o proprio regimen politico nacional concede a cada Estado autoridade para decretar leis diversas sobre ensino primario? Se vinte e uma cabeças — isto é — se cada um dos vinte e um directores de instrucção dos Estados pode pensar divergentemente, por que impedir que dentro de cada um desses mesmos Estados os particulares também possam seguir methodos que lhes pareçam melhores?

Ainda mais: — A regra pratica obedecida no Brasil de longa data é a de que cada uma dessas vinte e uma diversas orientações soffra eclipse total de quatro em quatro annos, ou seja, desde que mude o administrador á testa do departamento de instrucção publica respectiva. *Qual a escola unica a aconselhar? A de hoje ou a de hontem? A de hontem ou a de amanhã?*

Eis ahi está—quando as demais circumstancias o permitissem — uma condição impedindo no Brasil a implantação da escola unica na sua feição communista.

Nestas condições a boa prudencia manda que se faculte ao particular o direito não só de ensinar como de seguir os methodos e os programmas de seu agrado desde que por elles se attinja o gráo de alphabetisação indicada pelo poder publico como indispensavel a todo cidadão.

A acção do governo portanto deve se limitar a fixar o objectivo do ensino nos diversos grãos, primario, secundario, profissional, technico e superior; e, quando muito, a dar em linhas gerais, o quadro das disciplinas, indicando os limites entre os quais a instrucção será ministrada nos pontos de vista da educação physica, intellectual e espirital.

—:—

Politicamente para todas as nações, politica e financeiramente para o Brasil, está, assim, condemnada a *escola unica* como *escola official obrigatoria*.

Essa escola official obrigatoria é exigida com a caracteristica de *unica* porque teria de servir:

- a) para ambos os sexos — donde *systema de coeducação*;
- b) para todas as classes sociais independentemente da situação financeira dos paes — donde *escola-democracia*;
- c) para todos os partidos politicos — donde *escola neutra*;
- d) para todos os credos religiosos — donde *escola leiga*, ou antes *escola anti-confessional*.

Cada um desses problemas tem enorme vastidão. O limite de tempo e do espaço nos obriga a aborda-los aqui de modo rapido.

a) COEDUCAÇÃO.

Alguns pedagogos modernos se batem pela coeducação e pela chamada escola da democracia, por entenderem que a escola devendo ser um pequeno microcosmo, hade reproduzir tanto quanto possivel a vida em todos os seus aspectos e modalidades.

Se este principio educacional tivesse a generalidade que alguns lhe querem imprimir, não obrigaría apenas a coeducação, isto é, a educação de meninos e meninas, de rapazes e raparigas dentro de uma mesma classe, mas exigiria que crianças de idades, de intelligencia e grãos de saber differentes fossem trazidas á mesma classe, estudassem juntas na mesma

turma, porque na vida se estão ellas acotovelando a cada passo, nas salas, nas ruas, nas reuniões.

E' absurda esta idéa de — dar ensino *na mesma classe* a creanças com grãos de saber diversos? Evidentemente o é. E por que? Por contrariar as regras da pedagogia e da psychologia, pois que o ideal é homogenização psychologica das turmas para seu maior rendimento pedagogico, e procura-se corrigir esse inconveniente da vida tal qual é — misturada — fazendo a *uniformização* intellectual das turmas. Para tanto ensaiam-se os *testes*; aperfeiçoam-se os methodos de julgamento. E em catadupa estão cahindo agora por toda parte os regulamentos e instrucções preconizando essa desejavel uniformização. A uniformização é assim uma prescrição scientifica a que se não deve fugir.

Ora, da mesma sorte, dever-se-á argumentar sobre a coeducação contra a qual tambem se insurgem as sciencias basilares da pedagogia. A coeducação é condemnada pela biologia, pela psychologia, (1) pela sociologia e pela ethica como o sabem de sobejo os que estudam esses assumptos. Logo quem souber um pouco dessas sciencias hade forçadamente, *scientificamente*, abominar a coeducação educacional, embora na vida social corrente haja permanente convivio de homens e mulheres. A coeducação não é exigencia da escola nova como dizem alguns partidarios exaltados da escola unica confundindo noções que nada têm a ver entre si. Ao contrario.

b) — ESCOLA DA DEMOCRACIA

A frequencia a uma mesma escola por filhos de pessoas de classes sociaes differentes e possuidoras de fortunas diversas não é novidade no Brasil. Desde que as escolas publicas sejam boas, todos disputam logares para seus filhos dentro dellas. E' phenomeno assás conhecido no Districto Federal e em varios Estados. Esta *escola unica* nós já a temos no Brasil ha muito tempo.

A *escola official* deve estar aberta para todos que a procurarem, ricos e pobres, nobres, burguezes ou plebeus, civis ou militares, descendentes de atheus, de israelitas, de catholicos, de protestantes. Todos pagam impostos e todos têm o *direito* de para lá encaminharem os filhos. A escola publica gratuita não deve ser a escola exclusivamente para o pobre como tanto tempo pediu em livros, revistas e jornaes o sr. FROTA PESSOA. Não, se a escola publica fosse apenas para os pobres, então sim, haveria a distincção anti-democratica, pela fortuna dos paes. A escola publica deve ficar escancarada a toda gente.

(1) — Vide artigo do autor no Boletim da Associação de Professores Catholicos, anno I, pag. 9.

Por esta *escola unica* somos todos. Sobre ella em 1925 assim se expressava um dos mais eminentes pedagogos brasileiros, HEITOR LYRA DA SILVA, meu inolvidavel amigo: “a tendencia universal é hoje para a creação em cada paiz do que se está chamando a escola unica; unica em superficie por toda extensão territorial; unica em profundidade para toda as camadas sociaes. E se faço sob o primeiro aspecto grandes reservas por entender que é indispensavel — mormente em paizes da vastidão e diversidade de população e de meios como o nosso—não posso fazer quanto ao segundo restricção alguma”.

c) — ESCOLA NEUTRA

A *escola neutra* é impossivel de praticar como deixamos provado de outra feita (2). Não na realiza nenhum estabelecimento publico de paiz algum. As monarchias não permittem que dentro das escolas se diga bem do regimen republicano. Nas republicas, os feitos e heroes lembrados e focalizados por immensos jorros de dythrambos nos dias a elles consagrados nos calendarios civicos nacionaes, são apenas aquelles que contribuíram para a nova forma de governo. Dentro das escolas da Italia se ha de dizer bem do fascismo, como nas salas de aulas francezas apenas se falará favoravelmente ao regimen da burguezia. Da mesma forma, nenhum mestre-escola da Russia poderá proferir palavra em desfavor do bolchevismo e a favor do regimen economico do Occidente.

Não ha, não houve, nem haverá pois nunca jamais *escola neutra*. Dahi a precariedade de uma unidade escolar dentro de correntes politicas. Cada uma propende para seu credo. Ninguém faz, fez ou fará *escola unica* nessa acepção.

d) — ESCOLA LEIGA

A *escola unica* sob este prisma é a *escola anti-confessional* por excellencia. E' sob este angulo que maior tem sido o debate, mais fundos os gilvazes nos duellistas, mas acres as disputas.

A neutralidade que o Estado não dá no terreno politico, tambem não na conseguirá para os credos religiosos. Talvez no detalhe das seitas protestantes, que discute e rediscutem versiculos dos Evangelhos, seja possivel um discreto silencio e portanto, certa neutralidade. Não porém nas questões philosophicas fundamentaes da crença. Os phenomenos scientificos podem até certo ponto — e apenas até certo ponto — ser explicados sem a existencia de um Deus Creador, não porem os problemas moraes, nos quaes a toda hora

(2) — Lição I do Curso sobre “Theoria e Pratica da Escola Nova” feito em 1933 no Instituto Catholico de Estudos Superiores.

se cahirá sobre calhaus se não houver o arrimo no cajado da Fé.

O principio pseudo pedagogico da escola unica é a ultima taboa de salvação a que se apegam os materialistas para exigir que nas escolas seja prohibido o ensino religioso. Quem mais se tem desabrido por esta interpretação da "escola unica" como "escola publica obrigatoria e laica", são os maçons francezes. Traduzem a expressão "escola unica" por escola anti-confessional", por "ensino anti-religioso", ou melhor "anti-catholico".

Seguem-lhe na esteira os maçons de outros paizes, e com estes, os livres pensadores.

E' a orientação actual da Hespanha e de alguns "pioneiros" de nosso paiz. Não é este, porém, o ponto de vista geralmente acceto entre os preconizadores da "escola nova".

NATORP, cujas tendencias socialistas são bastante conhecidas não dispensa na escola, mesmo publica, o ensino religioso. Na Austria, paiz onde até hoje mais completamente se fez a pratica da escola, nova, o ensino não é neutro nem no sentido politico. Na propria Russia, essa neutralidade não é admittida "incumbindo á escola na phrase de *PENKERVICH* (3), a função essencial de preparar a mocidade para o atheismo e para o communismo".

Se Witte recommenda em obra recente a guerra á escola confessional, é uma das poucas excepções na Allemanha, onde, como na Hollanda, superabundam as escolas publicas se não declaradamente confissionaes ao menos, com ensino religioso facultativo. Se, por absurdo, pudessemos conceder que as crianças da escola official devessem ficar privadas do ensino religioso, jamais poder-se-ia imaginar a possibilidade de chegar em terras democraticas á tyrannia de suprimi-las nas escolas particulares.

A este absurdo se iria ter com a adopção da *escola unica* no sentido do item que estamos examinando, uma vez que todas as escolas, publicas e particulares, (admittindo que concedessem a existencia destas) houvessem de se guiar por um unico padrão estandardizado. Se neste — o official — fosse impedido o ensino religioso, tambem naquelles — os collegios particulares — o mesmo teria de succeder. O materialismo do Estado não se limitaria a impedir o ensino de religião nos estabelecimentos publicos; entraria de rebenque em punho pelas salas dos educandarios particulares para atirar fora as imagens dos santos e arrancar os crucifixos das paredes, Por esta iniqua attitude se batem os maçons, os materialistas, e, incrivel! — até os protestantes do Brasil. . . Dahi a soffrega effervescencia em favor da escola de unica, apresentada

(3) — Vide *Penkervich*, "La nueva educacion en la Russia sovietica".

agora no Brasil por estes espiritos anti-religiosos apenas em seu primeiro aspecto, isto é como *escola official gratuita e obrigatoria*.

Sob o manto das palavras emphaticas de neutralidade, democracia e liberalismo está porém, como acabamos de ver, occulta a mais perfida das attitudes.

2 — ESCOLA UNICA COMO ESCOLA ANTI-REGIONAL

Este segundo aspecto é de curta analyse, ou antes, não resiste á analyse mesmo curta. Realmente. Em qualquer pedagogia não seria facil justificar o funcionamento de escolas em desaccordo com as condições locais. Ainda menos na chamada escola nova.

A escola nova é por excellencia, como sabemos, a “escola da vida pela vida para a vida”, segundo a feliz expressão de Decroly. A vida de cada região é *sui-generis* e differente da vida de outra região. Nos centros industriaes a escola terá de ter physionomia diversa daquella que esposará nas regiões agricolas. A escola do campo terá de ser talhada em moldes differentes do das escolas da cidade. Os habitos, as preoccupações locais, os interesses regionaes condicionam o ambiente escolar. Como nessas circumstancias, pretender que, em todo um vasto paiz, haja o mesmo typo estandardizado para os seus collegios primarios? Impossivel. Faze-la a mesma equalzinha ao norte e ao sul é inflingir *ab initio* os principios cardaes da escola nova. A escola regional é hoje em dia uma conquista pacifica. Querer por simples amor a um vocabulo, por fetichismo á expressão *escola unica*, destrui-la seria um erro sem precedente.

Passemos além.

3 — ESCOLA UNICA COMO ESCOLA UNITARIA

Neste terceiro e ultimo aspecto da escola unica tambem não nos precisaremos demorar, apezar de ser elle o mais importante. E não nos precisamos demorar porque aqui o accordo é quasi geral. De facto. A expressão *escola unica* considerada como equivalente ao vocabulo allemão *Einheits-schule* nunca suscitou duvida de technicos e profanos. As duvidas e protestos derivam da inconveniente traducção franceza. *Lorenzo Luzuriaga* (4) diz textualmente: “A expressão escola unica é uma versão da defeituosa interpretação franceza da palavra allemã *Einheitsschule*. A traducção, para corresponder a seu verdadeiro sentido deverá ser *escola em unidade, escola unificada*.”

(4) — Lorenzo Luzuriaga — *La escuela unica*, Madrid 1927.

Este sentido *de escola unica* é não só nobre e largo como scientifico e claro. A escola unica nesta face é a escola sem solução de continuidade desde o jardim de infancia até aos bancos universitarios. O alumno tomado pela escola, quasi no berço, seguirá sem tropeços, em continua evolução, em unidade de plano, sem repetir ou forçar etapas.

Essa desejavel continuidade não existe em muitos paizes entre os quaes o nosso. Especialmente o nosso. Aqui os compartimentos primario, secundario, profissiona, tecnico e superior são estanques. Não se passa *naturalmente* de um para o outro. O gymnasio não é a continuação da escola primaria, como esta o não é do jardim de infancia. Quem tenha de entrar para um gymnasio secundario ha de se sujeitar a preparo *ad-hoc* para um exame de admissão differente, em materias e desenvolvimento do ultimo anno primario. Da mesma sorte, ao egressar deste para penetrar nas escolas universitarias. Ha, á porta destas, um exame vestibular dissemelhante do curso secundario. O diploma de bacharel em letras não suspendeas trancas das academias. Igualmente, os cursos profissionaes. Não são nem parallelos aos primarios e secundarios, nem convergentes para estes. São isolados.

Considerando todos esses varios inconvenientes houve a preocupação de esbate-los ou estingui-los. Dahi a *Einheitschule*, dahi a *escola unica*. O 1.º degráo é a escola basica, fundamental, geral, em 3, 4 ou 5 annos pouca importa, precedida de um estagio em jardins de infancia. E' aquillo que na legislação allemã se chama a *Grundsschule*. A partir desta, começam as ramificações conforme a carreira a que o alumno se destina. De um lado, se o estudante vae para as carreiras liberaes, terá de seguir os cursos gymnasias; de outro se preferir as de ensino profissiona, terá de se dirigir para os cursos prevocacionaes de caracter rural, manufactureiro, normal ou outro.

O primeiro ramo encaminha a mocidade á universidade. O segundo aos chamados *Técnicuns* e ás faculdades operarias.

Em cada paiz, esta organização variará nos detalhes (5) mas se as linhas geraes desta *escola unica* são as mesmas.

E' tão claro, tão simples e tão logico esse systema seriado e unificado, que a *escola unica* sob este aspecto é digna de encomios, applausos e encorajamentos.

* * *

Como a palavra *unica* exerce fascinação sobre os espiritos, cada pedagogo ou sociologo vae dando á locução *escola*

(5) — Ver os quadros das organizações allemã, austriaca e russa no livro da *Collecção Labor-La escuela unica* de E. Witte e Ev. Backheuser pag. 16, 138 e 158.

unica cambiantes a seu geito, com certo frenesi innovador, se apega a uma das interpretações deixando em olvido as outras.

Tenhamos, pois, todos nós, cuidado quando ouvirmos defesas ou ataques á *escola unica*. Erros de visão podem ensejar desentendimentos e aggressões intempestivas. Temo-las visto já desencadeadas, até mesmo entre catholicos sinceros e preocupados em obedecer sempre aos dictames da Igreja. Basta, para controversias, que collocado um em certo angulo do terreno desconheça o ponto de vista do outro.

Si os catholicos devem ser, como demonstrado, contra a *escola unica* ante regional, ante-confessional, coeducativa e obrigatoriamente *official* ou *officializada* nada os impede de applaudir e recommendar a *escola unica* gratuita aberta a todas as classes sociaes abastadas ou pobres, e principalmente de applaudir e recommendar a *escola unica* com o feitiço unitario da *Einheitsschule* allemã.

Aliás esta *escola unificada* hoje apresentada como novidade nos meios pedagogicos com a designação de *escola unica* é de velhissimos moldes medievaes. Naquelles tempos annexados aos institutos superiores de ensino, funcionavam estabelecimentos em que a criança era tomada bem cedo para os estudos, e seguia sua recta trajectoria sem os hiatos que epochas mais modernas e governos mais burguezes foram introduzindo na seriação escolar.

* * *

Por tudo isto, temos nos declarado de publico e de viseira erguida pela *escola unica*. Ahi fica bem detalhadamente esclarecido porque o temos feito.

Rio, Julho de 1933.

RAÇA E ASSIMILAÇÃO

LUIZ DELGADO

Prefaciando o livro de Pittard sobre que o sr. Oliveira Vianna lança uma certa suspeição, — Henri Berr escreve: “poder-se-ia dizer que a raça forma a historia, muito mais do que a historia forma a raça. No entanto, essa formula seria equivoca porque ministraria um duplo sentido á palavra *raça*. Dir-se-ia, então, com mais propriedade, que as raças anthropologicas se decompõem e multiplicam em raças historicas ou grupos ethnicos, e estes se misturam e transformam em povos e nações. As nações interpenetram-se e combatem-se e formam assim a obra commum da civilização. No caso de existir, a unidade physica deixa-se substituir, pouco a pouco, pela unidade psychica, a unidade de apparencia pela unidade de consciencia”.

Palavras assim eu gostaria de encontrar no começo do ultimo livro do sr. Oliveira Vianna. Palavras que indicassem logo a qualquer leitor prevenido ou desprevenido que, além daquelles aspectos de ordem por assim dizer exclusivamente physica cuja importancia o livro defende, há outros, de ordem cultural, de ordem espirital, de ordem ideologica muito mais importantes.

O sr. Oliveira Vianna é, antes de qualquer outra cousa, um historiador. A obra que elle ensaia, ás vezes, de scientista, vem um tanto lateralmente á sua obra principal. E' uma especie de necessidade e de desvio de sua historia. Porque elle quer encher as lacunas dos archivos com aquella conjectura objectiva de que falou, ao ser recebido no Instituto Historico. E é para fundamentar bem essa conjectura, que elle cuida de sciencia.

O pequeno livro que foi recentemente editado pela Bibliotheca Pedagogica Brasileira, vem apenas como um precursor á dous outros livros que o sr. Oliveira Vianna tem em preparo. Mas, vale a pena que a gente se detenha nelle, não só porque tem merito bastante para isso como porque sugere um mundo de considerações que talvez se possam applicar tambem ao resto da actividade intellectual do sr. Oliveira Vianna.

E é desse ponto de vista que eu quero considera-lo, afastando qualquer referencia elogiosa a essa obra monumental que o sr. Oliveira Vianna vem construindo, no meio de uma admiração geral que, de tão pasma, já vae parecendo incompreensão. Não serei eu quem vá fazer a justiça que essa obra requer. Por isso, elogia-la ou não, emittir juizo sobre ella seria impertinente de minha parte.

O livro é um grito de appello, um chamado para que nossa attenção se prenda aos problemas ligados “a formação de nossa nacionalidade, no seu aspecto quantitativo e no seu aspecto qualitativo. Por exemplo: o problema de mestiçagem das raças. Ou o de selecção eugenica da immigração. Ou o de distribuição racional das ethnias aryanas, segundo o criterio de sua maior ou menor adaptabilidade ás diversas onas climaticas do paiz”. Nós precisamos estudar “os indices differenciaes da mortalidade adulta, da mortalidade infantil, da natimortalidade, da fecundidade, da fertilidade”.

Não assumirmos essa attitude é o mesmo que nos entregarmos de bôa vontade a uma corrente que não sabemos para onde nos levará: “advenas nos chegam, civilizados ou semibarbaros—gentes do occidente e gentes do oriente europeu, gentes do occidente e gentes do oriente asiatico, carregando usos estranhos, costumes, tradições, modalidades folkloricas de todo o genero; em summa, formas novas de civilisação que, entrando em conflicto entre si ou com a nossa, substituindo-se, superpondo-se ou interfundindo-se, estão alterando profundamente as camadas tradicionaes de nossa sedimentação cultural”.

E a verdade é bem essa. Nós estamos abertos a todas as correntes, a todos os influxos. E si não prestarmos attenção a isso, si não seleccionarmos esses influxos, é possivel que elles nos destruam a personalidade.

Mas, o erro em que o sr. Oliveira Vianna incide, ao proclamar essa verdade, é um erro difficil porque está nas entrelinhas. E' um erro que a eloquencia da argumentação, a justiça dos commentarios e a viveza do estylo insinuam na alma do leitor que não esteja de sobreaviso. E é um erro que consiste precisamente no seguinte: o sr. Oliveira Vianna fazendo de raça (como nem podia deixar de faze-lo) um conceito puramente biologico e chamando a attenção para esse embate de raças, reduz aos olhos da grande maioria dos seus leitores, o problema do Brasil a um problema de raças. Quando elle é, antes de tudo, um problema de mentalidades.

Essa redução fica tanto mais justificada quanto o sr. Oliveira Vianna faz da psychologia um mero departamento de biologia ou da sociologia, esquecendo o factor de libereade, como por um resultado daquella sêde de precisão scientifica com que elle quer fazer historia, esquecido de que não cabe tambem nos numeros aquillo que “escapa aos archivos”.

Sêde de precisão que é uma sêde de absolutismo, contrariando as judiciosas palavras proferidas a certa altura de seu livro (pag. 47).

Em semelhante redução está o perigo desse pequeno livro. Por isso, eu acho que a citação que fiz acima, de Henri Berr, é de uma grande utilidade aqui.

Com effeito, as raças são uma realidade não desprezível. As differenças que ellas implicam, provocam factos que, para a medicina como para a demographia e a sociographia, têm o mais vivo interesse. No entanto, basta considerar que não ha raça puras como unidades historicas. Não ha raças, isto é: agrupamentos humanos em funcção de seus caracteres anthropologicos, — não ha raças que appareçam como organismos activos na historia. Apparecem na historia, como unidades de acção, os allemães, os francezes, os brasileiros mas não os chantocroides de Huxley nem os abaúnas de Couto de Magalhães.

Não ha povo nem ha região onde não se encontrem diversas raças. Por sua vez, não ha raça que não se divida por varios povos. Alguns estudiosos fazem mesmo dessa variedade de raças anthropologicas no seio de um povo, a base da riqueza e da amplitude de seu genio. Com effeito, a França, a Italia ahi estão.

Mas, si isso acontece, o facto do movimento racial não é o facto definitivo. Acima delle e alem delle, ha outro. O nucleo de christalização de um povo, de uma patria, de uma nacionalidade não é tanto a raça de que elle se compõe como um outro elemento mais subtil, um elemento livre — o espirito.

Falando tanto em Raça, o sr. Oliveira Vianna se esquece de falar no espirito. E eu acho que, si nós temos alguma cousa a defender, não é tanto os nossos typos morphologicos mas o nosso espirito que, este sim, já tem uma unidade, uma possibilidade de definição que, nem por serem intranscreviveis em numeros fixos e em indices cephalicos, deixam de ser verdadeiras.

Nós somos uma multidão de raças, com um espirito nacional. E em torno de nós anda não só aquella *racial drift* de que falava Hadlon e que constitue o objecto do livro do sr. Oliveira Vianna, mas tambem uma tremenda *cultural drift*.

E' que ha uma transmigração de ideas, quasi da mesma forma que ha uma transmigração de homens. As idéas passam deste para aquelle povo, sem se importar com as raças. E, conforme o valor universal dellas e o devotamento que suscitem num determinado povo, o eixo do mundo se altera.

O sr. Oliveira Vianna fala, com um certo desdem, dos igualitaristas. E, realmente, nós sabemos que as raças são

desiguaes, no corpo e no temperamento. Mas, isso não é ainda tudo no homem. Ha tambem as idéas. E é preciso reconhecer a verdade de Benjamin Kidd: si nós tivermos um grupo de homens capazes de apresentar ideas elevadas e suscitar o nosso devotamento por ellas, podemos ser dolicocephalos ou bracicephalos mas faremos uma grande civilização. Quando estão envolvidos nesta tarefa, os povos têm poder de absorpção porque é a cultura que fascina os homens.

EDUCAÇÃO PROGRESSIVA

PE. HELDER CAMARA

Anisio Teixeira, um dos mestres da pedagogia nova no Brasil, acaba de publicar "Educação Progressiva", estudos eivados duma philosophia erronea e seductora, capazes de fazer um mal immenso, em nossa terra, onde a ausencia de principios seguros e norteadores, mesmo entre os nossos intellectuaes, deixa muitos delles á mercê do primeiro vento de doutrina moderna surgido entre nós. Não foi outra cousa, aliás, que se deu com o proprio dr. Anisio que — sem ter-se baseado melhor, com os seus mestres jesuitas, na larga e luminosa philosophia de Santo Thomaz, se deixou arrastar, nas suas viagens á America do Norte, pelos meio-philosophos da escola nova, transformados em seus novos deuses: Dewey e Kilpatrick.

O seu livro é a repetição fiel dos mestres norte-americanos Metade de Kilpatrick, metade de Dewey.

Traçando, p. ex., os fundamentos sociaes da transformação escolar (22 segs.), o dr. Anisio repete todo o "Educação para uma civilização em mudança", sem mesmo alterar a ordem de exposição. Com Kilpatrick descobre tres grandes caracteristicos da idade moderna: o pensamento baseado na experimentação, o industrialismo e a tendencia democratica. No industrialismo, os dois vêm: um effeito bom — maior interdependencia entre homens e povos — e um effeito máo: a super-especialização, que transforma os homens em machinas. Ainda os dois terminam apontando duas consequencias geraes das tres grandes notas da idade moderna: declinio do autoritarismo e convicção de que tudo muda.

Ausencia quasi absoluta de espirito critico em Anisio Teixeira. Magister Kilpatrick dixit... O pedagogo brasileiro está cego pelos Estados Unidos, pelos progressos modernos. Nem se lembra de examinar si a sciencia experimental vale mesmo mais do que a especulativa. Os sentidos são tão seguros como elle suppõe? Apanharão as cousas como realmente ellasão?

Quantas mudanças se descobrem na analyse das sensações? De outra parte, em que se firma a sciencia especulativa? Em principios evidentes experimentaes.

No industrialismo dos nossos dias, elle não parece perceber a desorientação que Ford, Taylor e Hoover queriam doirar, mas que hoje é posta a nú pela politica realista e humana de Roosevelt. Quanto á tendencia democratica, nota-se que elle não apanhou ainda a distincção entre demophilia e democracia. O importante é amar praticamente o povo realizando o mais possivel a sua felicidade. Quanto a saber si a massa é capaz de governar-se é outra questão. Por amor a uma criança, muitas vezes terei precisão de contraria-la. O povo é e será sempre, em seu conjuncto, uma criança grande. Por isto mesmo é tambem platonico pensar em substituir entre o grande numero a autoridade externa pela interna. Querer que todos se orientem e se dirijam a si mesmos é esperar que todos sejam elites, todos intelligentes, honestos, vontadosos e sadios. Desejo muito nobre, mas irrealizavel.

Já analysámos a affirmação de que tudo muda, de que nada resiste á acção do tempo, estudando o livro de Kilpatrick.

De Dewey, o dr. Anisio repete, igualmente, theorias e mais theorias: origem da philosophia (159, segs.), distincção entre ordem logica e psychologica (73, segs.) confusão de meios e fins (21), outros pontos menores e o ponto maximo que ainda quero analysar: a critica deweyana á moral tradicional (134 sgs.) acceita pelo pedagogo patricio sem restricções.

Dewey e o dr. Anisio fazem tres objecções principaes á nossa moral. Comecemos pela ultima: 1) — Seria um erro ir buscar fóra da terra e do homem os fundamentos de sua moral. Seria esta a causa do atrazo da humanidade — os selvagens pensando que a doença é um castigo de Deus em vez de avançarem na medicina, entregam-se inutilmente a superstições.

Critica: Claro que não nos responsabilizamos por todas as confusões em que incorrem os selvagens a proposito de relações com seres extra-terrenos. Mas o que é possivel é provar que existe um Sêr supremo. Provar que Elle é perfeitissimo. De outra parte, podemos descobrir, claramente em nós umas tantas leis que estão gravadas em nosso organismo. Leis de admiravel perfeição, que, por isto mesmo que comosco nascem, podemos chamar de naturaes. Exemplo, entre outros, capazes de demonstração, a lei de pureza e o instincto de propriedade. E o mais verdadeiro e o mais lindo é perceber numa analyse mais completa que estas leis perfeitas existentes em nós, são reflexos da Perfeição sublime, existente em Deus.

Não é, porem, pelo facto de Deus superintender á criação, que, nós criaturas ficamos inhibidas de agir. Fazendo de nós seres intelligentes e livres, não podemos permanecer como animaes, plantas e pedras. Temos que colaborar, livre e intelligentemente, com o ser supremo.

2) — Desejosos a priori de não tomar em consideração a vida futura, o dr. Anisio e Dewey descobrem um meio habilidoso de restringir as nossas cogitações á simples actividade actual, sem visar as suas consequencias futuras. O bem ou o mal estariam na actividade mesma. A criança sente o impulso para buscar o seio materno. Nem mesmo é capaz de cogitações a respeito das vantagens futuras do seu impulso. O capital é a propria actividade — satisfeita, será um bem, insatisfeita, um mal. E' exacto que, em consequencia do impulso para procurar o leite, póde vir o prazer dum bom alimento. Mas isto, segundo elles, é accidental, é accrescimo, é sub-producto.

Critica: — E' verdade que, sempre que uma necessidade do homem é satisfeita, isto lhe proporciona prazer e lhe é um bem. Mas não ha simplesmente nelle necessidades physicas, como alimentar-se. Ha necessidades intellectuaes, como saber, e necessidades moraes, como conformar-se com as leis que a intelligencia descobre e que são no homem, reflexos da Perfeição Suprema. Muitas vezes entram em choque estas diversas necessidades. Elle póde preferir um mal physico em troca dum bem intellectual ou moral, como será capaz de apegar-se a um bem physico com desprezo dos bens moraes e intellectuaes. Quando estudo, p. ex., todo o bem que importa, é a actividade actual que emprego em estudar? Quasi sempre a actividade nem sae tanto a gosto. Em si é um sacrificio, pago pelo bem intellectual ou moral que eu espero fruir depois. Está claro que o ideal seria conseguir transformar a actividade em actividade querida tambem em si (pelo interesse despertado intrinsecamente). Mas isto não impedirá que, muitas e muitas vezes, os resultados "posteriores" sejam mais importantes e melhores do que a actividade mesmo desejada. O mais é apriorismo materialista, que se desconhece, talvez mas que existe. E' preconceito, talvez implicito, mas preconceito contra a vida futura, contra o inferno e o céo. O exemplo da criança é falho, porque, precisamente na infancia, ella só é mesmo capaz de buscar instinctivamente o seu bem physico, mas nada prova contra o adulto normal que, alem das necessidades physicas, tem necessidades moraes e intellectuaes.

3.^a e ultima objecção—A moral tradicional erraria em julgar o homem ou radicalmente decahido e impotente, como os catholicos, ou fadado necessariamente, a progredir, como ainda pensam os evolucionistas ingenuos. Nem peccado original, nem progresso necessario, sustentam os nossos homens. Em nós, haveria forças capazes de tender para o bem ou para o mal. Bem é o que se fizer de accordo com as necessidades do homem. Mal o que for feito em opposição a ellas. O homem, embora podendo fazer o mal, é capaz, por si só, de realizar o bem.

Critica: — Bem é o que se faz de accordo com as necessidades do homem. Mas não simplesmente necessidades phisicas. Necessidades phisicas, intellectuaes e moraes. Donde tres faces no bem. Que o homem seja capaz de tender, por si para o seu bem phisico é mais do que verificado. Quanto ao intellectual e sobretudo moral, sem appellar para as affirmações da religião, lendo simplesmente pensadores como Pascal e tendo olhos para ver realmente a vida, bem se pode notar que é falha e erronea a affirmação da nova moral. Aliás o proprio dr. Anisio vem em nosso auxilio, embora se contradizendo, quando affirma (p. 161), que “o homem é um animal capaz de ser racional, mas que só raramente o é”.

Falhas do ponto de vista psycho-pedagogico: uma bem marcante — que distincção real elle estabelce entre a lei de pratica e effeito e a de inclinação? (pag. 42). O dr. Anisio confunde as duas leis.

Quanto a idéas religiosas, “Educação Progressiva” contem heresias e ridiculos pequeninos, sobretudo a proposito de outra vida e peccado original (135 a 154).

Como frizou muito bem Tristão de Athayde, no penultimo numero da “Ordem”, estamos em presença dum “sectario que se ignora”.

* * *

Sinceramente: por mais que eu leia as explicações do dr. Anisio Teixeira sobre leis de aprendizagem (Educação Progressiva, 42, segs. e pref. á Vida e Educação, 36), não vejo que distincção elle estabelece entre a lei de pratica e effeito e a de inclinação. “Pela primeira, nos diz elle, se quer dizer que aprendemos, pela pratica, certas reacções que occasionam certos effeitos e não aprendemos outras”. Mas porque isto? Porque “tendemos a não repetir e portanto a não aprender as reacções que não nos satisfazem? Porque não são exigidas por “necessidades phisicas, intellectuaes ou moraes do organismo”. Ora o organismo sente inclinação para uma cousa quando experimenta destas necessidades. Logo a inclinação é a razão de ser da lei de pratica e effeito, mas não é lei especial. Não ha duas leis, mas uma só, ao menos pelo que se depreheende das palavras do dr. Anisio.

Pontos mais graves, que eu queria annotar, são algumas contradicções existentes, a meu ver, entre o prefacio do livro de Dewey e o livro de Kilpatrick, assimilado em Educação Progressiva. Aliás no proprio prefacio de Vida e Educação o dr. Anisio já parece contradizer-se. E’ a proposito de educação estacionaria ou em movimentação. No prefacio a Dewey (pag. 20), elle sustenta: “a actividade educativa é sempre uma resposta a estímulos especificos ou geraes, nascidos do proprio organismo e do meio ambiente em que o individuo vive. A direcção é, de um lado, fornecida por esse meio social,

Os civilizados perpetuam a civilização. Os selvagens perpetuam a selvageria. Tudo por uma questão de meio educativo. O meio social, pelos seus estímulos, provoca e dirige as nossas actividades". Quer dizer que aqui o dr. Anísio, de accordo com Dewey, sustenta um estacionamento absoluto na educação — os civilizados e os selvagens perpetuam a sua civilização e selvageria respectivas. Mais ainda: elle acha (op. cit. pag. 27) que o fim da educação é, de modo geral, levar os educandos a ter as mesmas idéas que os adultos e assim, como membros reaes do grupo social, dar ás cousas e aos actos o mesmo sentido que os outros". Isto em fins de 1930. Agora, em começos de 1933, vem o dr. Anísio, sem nenhuma justificação para a sua mudança de idéas, bater palmas a Kilpatrick que defende uma educação para uma civilização em mudança. Acha que "devemos ter sempre presente que a escola não vae dar soluções já feitas á nossa juventude". (Educ. Progre. pag. 39). "Si depressa marcha a vida, mais depressa ha de marchar a escola" (Op. cit. 115). "A escola não pode ficar no seu estagnado destino de perpetuadora da vida social presente" (pag. 117). Aliás não é só de livro a livro que se contradiz o dr. Anísio. No mesmo citado prefacio em que elle affirma, em termos categoricos a perpetuidade dos estados de civilização (pag. 20) e o estacionamento desejavel da educação (27) fala na necessidade de visar não só "a simples preservação dos costumes estabelecidos, mas a sua constante renovação e revisão (p. 30). Talvez que em tudo isto haja engano meu, em vez de contradição do dr. Anísio. Mas no minimo elle tem culpa de não ser mais claro.

Mais contradições: Educação progressiva gasta 12 paginas para provar que o bem e o mal se encontram na actividade propriamente dita, actividade presente, actual (141-153). E surgem zombarias contra a moral tradicional que em vez de interessar o homem no mal ou bem presentes, vem falar em interesses futuros. Que pouca memoria possui o dr. Anísio! Em 30, traduzira affirmações inteiramente contrarias do mesmo Dewey que agora é o seu guarda-costas nos ataques á moral espiritualista: "Apellar para o interesse presente, significa somente excita-lo; significa brincar com uma força infantil, traze-la em constante vibração, sem nunca orienta-la e dirigi-la para seus fins educativos. Uma constante iniciação, um continuo recommençar, sem chegar a fim algum, é, praticamente, considerado tão desastroso quanto uma repressão continua de iniciativas, em conformidade com os interesses de algum pensamento ou vontade mais perfeitos de adultos. Seria condemnar-se a criança a provar permanentemente e a jamais comer, a ter seu paladar constantemente aguçado sem nunca se lhe dar a satisfação organica que lhe viria da digestão do alimento e sua assimilação em forças vivas" (Vida e Educação, 58).

Não admiro, aliás, que o autor de Educação Progressiva tenha principios philosophicos falhos e mutaveis assim. Na reconstrucção da philosophia, em que elle se empenha, com Dewey, a sciencia das causas ultimas á luz da razão, depois de aparentemente basear-se mais na sciencia (173), transforma-se em verdadeira arte: "A philosophia não busca verdades no sentido estrictamente scientifico do termo, mas valores, sentido, interpretações mais ou menos ricas da vida". "Philosophia tem assim tanto de literario quanto de scientifico. Scientificas devem ser as suas bases, os seus postulados, os suas premissas — litterarias ou artisticas as suas conclusões, a sua projecção, as suas prophecias, a sua visão" (Educ. Progre., 174). E pensar que este é o homem que deu como primeira nota caracteristica dos nossos tempos "a applicação da sciencia á civilização humana". (23) Mais uma vez se confirma que não é impunemente que se ri da velha metaphysica e da philosophia tradicional!

A RESTAURAÇÃO DO DIREITO

PERILLO GOMES

O novo livro de Tristão de Athayde, "Introdução ao Direito Moderno", merece ser conhecido não somente no meio catholico ou de sympatisantes da Egreja. Aos profissionaes da sciencia do Direito, e com especialidade os que engrossam a caudal do naturalismo e do materialismo juridico, mais do que aos outros, elle interessa vivamente.

E' um livro que pode ser lido pelo adversario. Porque o Autor, ahi, se lança a um debate elevado, no campo exclusivo das idéas, oppondo doutrina a doutrina, lealmente, objectivamente, sem preocupações subalternas.

Sua critica, incontestavelmente, não podia ser mais respeitosa. E si conclue pela these contraria á dos antagonistas, sobejamente o demonstra, não é em virtude de razões interesseiras ou de prejuizos sectarios, porem pela força persuasiva dos proprios argumentos vitaes da materia em discussão.

Deante desse livro há que assumir uma postura firme e sincera. A campanha do silencio seria impotente para mata-lo pois que é de uma actualidade flagrante e vasado em moldes eternos. A apreciação despectiva resultaria demasiado ridicula para obter da opinião sensata algo mais que desprezo. A aggressividade em vez de julgamento, com que tantos nescios pensam poder se livrar de um livro que os desgosta, não conseguiria mais que accentuar a escassez cultural e ideologica de um adversario frivolo ou canhestro.

Deste modo o razoavel é entrar no merito do livro, é estuda-lo com interesse e examina-lo sem paixão. Por minha parte tomei este partido. E terminada a tarefa tento condensar em uma synthese o mundo de idéas que elle me suggeriu.

* * *

Uma dessas idéas, com especialidade, me impressionou vivamente: o enlace, que nessas paginas se percebe, entre o Direito e a Religião, ainda que o Autor não se houvesse proposto a demonstra-lo.

Para um christão esta idéa não póde ser estranha: "O systema catholico, em seu conjuncto, disse Sertillanges, é a organização do infinito".

Já por este motivo, não podia deixar de repercutir na Igreja a sorte varia de uma instituição como o Direito, essencial á vida da sociedade. Porém ha ainda outras e maiores razões, que a seu tempo examinaremos, para explicar essa indestructivel solidariedade, que une uma á outra, na fortuna e na desgraça.

Por emquanto sigamos Tristão de Athayde na sua exposição fixando-nos em tres pontos capitaes da historia do Direito: sua origem, seu apogeu, sua decadencia.

* * *

Em que tempo haverá surgido o Direito entre os homens? Quem ha que lhe possa conferir uma legitima certidão de nascimento?

E' intuitivo que haja surgido com o proprio homem. Antes de constituir uma disciplina deve ter existido como um sentimento innato. E disto ha uma experiencia em nós. Com effeito, quando acaso não possuimos uma noção scientifica do Direito é certo, no emtanto, que algo existe em nós de comprehensivel da Justiça. E isto se pode dizer sem o perigo de incidir no erro de certa escola juridica, que põe os fundamentos do Direito nesse instincto do justo, que, como dissemos, se encontra no fundo de nossas almas.

Como quer que seja a investigação das origens do Direito, com esse criterio, não leva a conclusões positivas. Tanto que, ainda hoje constitue materia de dissidio entre as innumeraveis escolas. Ha que preferir um methodo mais objectivo. O da definição do seu objecto.

Tristão de Athayde nos leva aos precursores da antiguidade classica. Entre os gregos põe-nos em contacto com Heraclito, Demosthenes, Platão, Aristoteles e Cicero. Em seguida passa em revista a tradição romana, a pagã e a patristica.

Attingimos a grande era do Direito: a Edade Media. Ha que contar como sufficientemente desmoralizado nos meios intellectuaes a patranha do obscurantismo do periodo medieval. Nenhum homem verdadeiramente culto, portanto ao corrente dos modernos estudos historicos, deixa de saudar hoje em dia na Edade Media, sobretudo nos seus dous seculos de fastigio, a Era de Ouro da humanidade.

Pois uma das cousas do seu exito foi o seu forte character social. E a fortaleza desse character provinha de que todas as instituições do tempo se embasavam na ordem juridica. A supremacia do Direito foi a sua mais alta caracteristica.

A decadencia do Direito, nesse livro se demonstra, data dos primeiros tempos de decadencia da Edade Media. Accentua-se na Renascença e chega aos nossos tempos ao ponto extremo da sua degradação, desfigurado, desconhecido, objecto de negação e de escarneo.

* * *

Para ser bem comprehendida essa historia, no emtanto, ha que instrui-la com a concepção do Direito que vigorou nos tres periodos em questão. E' o que faz em seu livro, Tristão de Athayde.

No primeiro, segundo a incontestavel documentação que junta, a idéa de Direito é solidaria com a de Religião. A bem dizer as duas ordens se confundem.

Esta comprovação teve uma importancia capital. Porque muitos descrentes ou adversarios do Direito inspiram-se no equivoco em que incidiram, entre outros, Augusto Comte e Karl Marx, de que a origem do Direito parta do momento, em que o homem se determinou garantir a usurpação do que a Natureza destinara ao proveito commum. Desde modo para elles, o direito de propriedade constitue sinão o unico fundamento, pelo menos o essencial na doutrina juridica.

No segundo periodo vemos o Direito e a Religião unidos porem já sufficientemente differenciados. O direito Natural, fonte por excellencia da ordem juridica em vigor, alcança da Escolastica sua definição mais rica, sua independencia e sua potencialidade. A lei humana distingue-se da lei divina sem necessidade de renunciar ao seu espiritalismo...

A decadencia, isto é, o terceiro periodo que, como já vimos, arranca do occaso medieval, caracteriza-se por um esvasiamento do direito dessa espiritalidade. Exaggera-se o seu character natural. Exgota-se o seu ingrediente etico. Nega-se que tenha seu principio em Deus. Nega-se em seguida que o tenha na Natureza. Chega-se a negar que o tenha tambem no Estado. Já não é; *faz-se*. E' obra da vontade das massas. Passa a ser o capricho de um partido revolucionario que escala o Poder.

Transposto o campo da philosophia investe pelo do empirismo. Não é mais uma sciencia, porem uma arte. Logo passa a ser puramente um methodo. E por fim vemos que um methodo: acção, cuja virtualidade se resume no controle dos factores de consumo e producção, dos factores geraes da economia. E decahe ainda mais de cathegoria: transforma-se em instrumento de dominio de uma classe oppressora. Por fim objecto de desdem e termo de contradicção da sua propria finalidade: "uma violação da igualdade e da justiça", na phrase incisiva de Lenine.

Aprofundar á intimidade desse processo de decomposição dos valores juridicos é constatar, ao mesmo tempo, a identidade dos agentes que se empenham na obra de desintegração dos valores religiosos. Ha uma perfeita coincidência de tempo e de natureza nas vicissitudes que o Direito e a Religião vêm soffrendo desde a ultima etapa mediavel. E essa coincidência é de tal sorte que nem sempre se sabe a qual das duas ordens foi dirigido directamente o agravo.

Não param comtudo, aqui, as affinidades. Ellas vão se affirmar ainda, com igual eloquencia, na obra da restauração do Direito. Esse é um dos modernos trabalhos de Hercules. Provados, como diz Tristão de Athayde, "a fallacia, o sophisma, a insufficiencia ou o perigo de todos os systemas juridicos que seccionaram, no direito, o elemento formal do elemento material", encontramos-nos em face deste dilemma, que elle mesmo formula:

"— ou *restaurar o Direito* em sua integralidade pura, prendendo-o de novo á fonte eterna immutavel de toda justiça;

— ou *anniquilar o Direito* pelo predominio do egoismo individual ou colectivo, proclamando-se cynicamente o primado inexoravel da Força".

Não importa que a realidade politica dos nossos dias, com a victoria de tantos partidos de violencia pareça dar ganho de causa á segunda ponta do dilemma. Ha que attentar, de preferencia, na evolução que, neste particular, se verifica nos grandes centros culturaes do direito. E essa evolução se dirige no sentido de voltar á integralidade e á unidade da doutrina juridica. "Em todos os campos, dizia em 1926 o professor Triepel ao empossar-se do reitorado da Universidade de Berlim, sente-se hoje um anhelos de Philosophia; busca-se uma integração no Todo, um sentido unitario para a vida".

E ahi mesmo nessa famosa universidade onde pontificaram os expoentes maximos dos racionalisadores e irracionalisadores do Direito, Stammler rehabilita o problema do Direito Natural injustamente relegado ao desprezo ou cahido em immerecida dissuetude. E a presente polemica entre "logistas" e "eticistas" não tem outra significação sinão a de um empenho em construir uma Philosophia do Direito em que o Direito Natural se harmonise com uma theoria do conhecimento juridico.

De todo modo já passou entre os grandes cultores do Direito as prevenções contra os principios ideaes que informam a conducta. Os criterios aprioristicos da Justiça já se os examina e acceita, porque se tem hoje uma idea mais exacta das bases metaphysicas do Direito. Por outro lado o crescente interesse que ha pelo "Tomismo" e o vigoroso movimento neo-escolastico que se comprovam entre estudiosos do Direito, nos Estados Unidos, e no Velho Mundo, são de

molde a alimentar o nosso optimismo no sentido de que a primeira ponta do dilemma venha a supplantar a segunda

No problema do Direito, como em tudo mais, o que se delinea é o problema mesmo da vida; o que se pedem são soluções para as difficuldades moraes que estão na base de todas as difficuldades humanas; o que se aspira é um systema de coordenação que harmonise todos os grupos sociaes na unidade do Estado, garantindo ao homem o exercicio das prerogativas da sua personalidade. Em summa, voltamos a dizer, o que se enfoca no problema do Direito é o problema da vida com a reabilitação dos seus valores naturaes e transcendentales.

O naturalismo e o materialismo juridicos não passam de modalidades do naturalismo e do materialismo philosophicos. E estes são deformadores por excellencia da vida, porque negam suas leis superiores e eternas.

Força, pois, é convir que a nova phase que se abre para o Direito, os ultimos rumos que elle está tomando neste periodo de renovação, postulam mais que a reabilitação dos antigos quadros em que a sciencia juridica demonstrou a sua fecundidade, e com que se impoz ao prestigio dos povos e das instituições. Postulam ainda, a reespiritualisação do Direito, sua reconciliação com o Principio da propria Justiça, o Justo por excellencia, sua reconciliação com Deus. Não me arreceo de dizer mais: nesta ancia por uma era nova de expansão, de engrandecimento, de revitalisação de Direito; nesta preocupação de encontrar algo de estavel, algo de forte, algo de imperecedor, algo que assegure a paz dos homens e a concordia entre os povos, por meio da ordem juridica, o que está verdadeiramente, é o que Marcel Schwob distingue no fundo de todas as aspirações modernas: a busca do Catholicismo. E é o que inevitavelmente se conclue da leitura do novo livro de Tristão de Athayde, livro forte, substancioso, dos mais pensados, dos mais sinceros, dos mais ricos em suggestão e poderosos na dialectica, de que se pode orgulhar a moderna litteratura brasileira, alto padrão de gloria para a intelligencia christã em nossa Patria.

O VERDADEIRO PERIGO COMMUNISTA

P. CORREA

Approveitando a actualidade do problema judaico agora, posto em foco pelas perseguições anti-semiticas de Hitler, convem fazer algumas considerações em torno da influencia semitica, que constitue para o Brasil o verdadeiro perigo communista.

Convem, preliminarmente, afastar do leitor a impressão de que participamos da generalizada prevenção existente contra os judeos.

Ser anti-semita é ser inimigo da raça semitica. Ora como pode um catholico ser inimigo da raça a que pertenceu Jesus, a que pertenceu Maria Santissima, a que pertenceu São José, a que pertenceram os Apostolos. Tomando no seu verdadeiro sentido, o anti-semitismo é mais do que um erro, é uma blasphemia.

No emtanto, está provado que a religião do Talmud está cheia do maior rancor á civilização christã. Está provado que ella faz da perseguição aos christãos um dever, e do arrasamento do Catholicismo um ideal. E esta religião é professada pela maioria dos judeos, que, ainda que não acceitem ás vezes sua parte religiosa, acceitam sempre sua parte social.

Segue-se dahi que a maioria dos judeos conspira permanentemente contra a Igreja e a Civilização catholicas, como contra estas conspirariam negros, brancos ou amarellos, se professassem a religião hebraica. O mal não é, pois tanto da raça, quanto da crença.

Como consequencia, todo o judeo que rejeita os erros religiosos de sua raça e se converta sinceramente ao catholicismo será, para mim, um motivo de alegria e enthusiasmo. E todo o não-judeo, que porventura abraçasse a religião de Israel, seria para mim objecto da necessaria cautella com que os catholicos devem tratar os adeptos do Talmud.

Feita, portanto, a distincção indispensavel entre uma justa precaução contra a religião judaica, e o anti-semitismo grosseiro e anti-catholico em seus principios, que lavra em

muitos paizes da Europa, tantas vezes theatro de odiosas perseguições contra os descendentes de David, entremos directamente no assumpto.

Falla-se muito, desde a Revolução de 1930, em perigo communista. Justamente alarmada a população pelo surto que as ideias moscovitas começou a formar-se um ambiente carregado de desconfiança, que teve como consequencia numerosas manifestações publicas de aversão ao credo politico de Lenin.

Este estado de coisas teve uma consequencia feliz. Os elementos militares que nos vieram do Sul imbuidos de ideologias rubras verificaram ser impossivel impôr á Nação, bruscamente, ideias ás quaes nosso publico não está affeito.

Dahi o abandonarem os communistas — apparentemente ao menos — o plano de uma acção violenta immediata. E por isto é que appareceram folhetos cada vez mais numerosos, em prol do communismo, evidenciando o desejo da III Internacional de mover uma campanha de ideias que preceda á campanha armada. E, como consequencia, uma propaganda intensa e activa, que desenrolada de norte a sul do Paiz com a tolerancia absoluta de muitas autoridades, atacou por toda a parte os alicerces da Nação.

Por um movimento instinctivo da razão, quando se fala em communismo entre nós, todos os olhares se voltam para as camadas populares, onde se suppõe que reside o principal perigo.

E' para chamar a attenção do publico para outro genero de inimigos da ordem social, immensamente mais perigosos e mais importantes, que resolvi escrever o presente artigo.

E, para mais facilidade de argumentação, atenho-me exclusivamente aos factos relatados no livro "Contre le Communisme", de François Coty. Bernard Grasset, editor. Paris, 1927.

A these sustentada a respeito da propaganda communista pela immensa maioria dos escriptores catholicos e conservadores da Europa resume-se assim: os principaes agentes do communismo não são os proletarios propriamente ditos, os trabalhadores manuaes incultos e facilmente dominaveis. O communismo tem vencido até agora graças a uma conspiração da plutocracia judaica e do maçonismo, que vem solapando ha muito tempo a civilização christã.

Esta these, que vem sendo defendida na Europa ha muito mais de um seculo por quasi todos os elementos ainda não contaminados pelo scepticismo ou pelo liberalismo, é quasi desconhecida no Brasil, mercê do bloqueio que a grande maioria de nossas livrarias faz a todas as obras conservadoras e catholicas vindas da Europa. E' tempo, no, emtanto, de abrir os olhos á opinião publica, para que ella veja onde estão seus verdadeiros inimigos, onde reside o seu maior perigo.

Depois que o communismo encolheu suas garras provisoriamente, surgiu uma verdadeira avalanche de communistas dilettantes, de "socialistas avançados", de esquerdistas, emfim, de todos os naipes e de todos os matizes. E é este "socialismo avançado" que tem encontrado abrigo em certos elementos dos mais representativos de nossa burguezia. Assim é que vi um conhecido monarchista, descendente de uma das mais tradicionaes familias do Imperio, pessoa visceralmente anti-communista e de uma honorabilidade que está acima de qualquer suspeita, assignar nos jornaes uma declaração favoravel ao imposto unico, que se baseia na negação theorica da legitimidade da propriedade privada !!

Neste caso, a que acabo de alludir apenas para salientar a situação paradoxal em que se colloca nossa burguezia suicida, houve um simples contagio de ideias, e, talvez, uma inadvertencia do signatario da declaração em questão. Mas na maioria dos casos não é a convicção que se apodera dos elementos dirigentes, mas o interesse.

Mostrar como é que a burguezia é traida intra muros por seus proprios membros, e a que ordem de pressão costuma ella ceder, eis o fito com que passo a reproduzir alguns dos factos narrados por Coty. Quero fazer apenas algumas observações sobre a campanha communista em geral. Quanto á nossa situação actual, ainda é bastante confusa para que possamos diagnosticar com inteira segurança.

Antes, porém, de entrar propriamente na narração dos factos, quero salientar os "motivos da credibilidade" graças aos quaes elles se impõem á acceitação de qualquer leitor de boa fé.

O livro citado é uma collectanea de artigos publicados no "Figaro". Estes artigos vão relatando os factos á medida que elles se vão desenrolando. E trata-se de factos tão faceis de se verificar, tão publicos, que seria impossivel e inutil sustentar qualquer inverdade a seu respeito. Seria a mesma coisa do que publicar no Rio uma noticia dizendo que o Dr. Getulio Vargas está na Capital do Paiz, quando de facto está no Norte, ou affirmar que um determinado Ministro foi demittido e já substituido por outro, quando é sabido que elle está em pleno exercicio de suas funcções.

Outro motivo de credibilidade consiste na consideração e estima geral de que François Coty gosa em França. Si fossem inveridicos os factos que elle narra — tão faceis de desmentir — seria impossivel que os elementos representativos da França o rodeassem da grande consideração de que vive cercado.

O outro motivo, finalmente, reside na posição social de alto destaque de que Coty 'gosa. Fabricante dos celebres perfumes mundialmente conhecidos, senhor de immensa fortuna e de formoso talento, é inadmissivel que François

Coty fosse desprezar todos estes recursos de que poderia lançar mão em uma campanha honesta, para, descendo de seu pedestal, jogar-se na lucta ingloria e infamante dos jornalistas "scrocs" e da industria de mentiras.

E, si, por um lado, os factos são portanto incontestaveis, por outro lado são dos mais significativos. Mostram que os governos socialistas francezes, fechando criminosamente os olhos ao perigo communista, têm traído constantemente os interesses mais fundamentaes de sua Patria. Quando seria necessario agir, manteem-se inertes. E si agem, agem mal, e fóra de proposito. São taes as faltas de habilidade, taes os erros, que revelam claramente o plano maçonico de não combater o communismo. E para prova-lo vamos directamente aos factos, que teem uma linguagem significativa e irresistivel.

O Pravda (orgão official russo) de 16 de Setembro de 1927 publicou uma declaração em que Stalin affirma que é o Partido Communista Russo quem dirige o Governo Sovietico

Este facto, que qualquer pessoa de bom senso acceita facilmente dadas as innumeradas e insuspeitas noticias que nos têm vindo da Russia neste sentido, impõe-se á intelligencia de qualquer observador de boa fé. Effectivamente, admiradores e detractores do regimen sovietico são unanimes em affirmar que a Russia está, actualmente, dirigida por uma dictadura implacavel. Vêm alguns nesta dictadura um bem. outros vêm um mal. Todos, porém, são unanimes em affirmar que ella existe.

Ora, a dictadura é a forma de organização politica em que todo o poder publico se concentra nas mãos de um dictador, seja este um individuo, um grupo, ou mesmo uma classe.

Nestas condições, é intuitivo que, dada a coexistencia na Russia de duas entidades aparentemente distinctas, que são o Governo russo e o Partido Communista, de duas uma: ou o Governo domina o Partido, ou o Partido domina o Governo.

Do contrario, teriamos a coexistencia de duas forças independentes uma da outra, e cessaria assim a dictadura, pois que não haveria mais a concentração total do poder nas mãos do dictador.

Reconhecida a existencia da dictadura, somos forçados a concluir que tanto o Governo quanto o Partido são apenas meio de acção de um mesmo dictador, dois servos de um mesmo senhor.

Resalta, dahi, com uma evidencia crystallina, que o Governo russo é solidario com todas as agitações que a III Internacional e o Partido Communista Russo promovem no mundo inteiro.

Estes factos, que uma opinião esclarecida e bem intencionada não póde negar, não poderiam deixar de ter ferido a attenção dos dirigentes da politica franceza.

Como consequencia, seguir-se-ia necessariamente a obrigação em que estava o Governo Francez, de romper suas relações com a Russia, caso as houvesse, e de não as reatar, emquanto não cessasse a intervenção insolita da Russia na França e em todas as suas colonias, trabalhadas por uma formidável propaganda communista. O brio e a honra do povo francez tinham o direito de exigir este respeito elementar a seus foros de nação independente. Um reatamento de relações com a Russia não seria, porventura, encorajar a insolita propaganda communista? Não seria significar a absoluta indifferença do Governo em relação a facto tão clamoroso? Não seria mostrar uma fraqueza prenhe das mais sinistras consequencias para o futuro? Não significaria uma defecção vergonhosa em face do inimigo da ordem social franceza?

E nem se argumente com interesses commerciaes. Porque, quando uma nação, para attender a interesses commerciaes, fecha os olhos á acção de um inimigo dentro de suas proprias fronteiras, acção esta capaz de subverter a propria ordem social interna, segundo declaração feita pelo Ministro Sarraut no famoso discurso que pronunciou em Constantine em 1927, esta Nação de facto capitula, de facto recua perante o inimigo.

Bem o poderiam ter visto os ministros francezes. No entanto, pretextando vantagens financeiras que o referido accordo traria, os proceres do governismo encetaram uma campanha em prol do reatamento das relações com a Russia.

Conta-o o Sr. François Coty em artigo publicado no "Figaro" aos 9 de Outubro de 1925, epoca em que se passavam os factos que estamos relatando.

O encarregado de levar avante as negociações que deveriam preparar o reatamento foi o machiavelico Sr. Anatole de Monzie, senador do Lot, notavel escriptor, incréo, membro influente da famosa Alliança Israelita Universal (orgão dos mais proeminentes da politica judeo-maçonica) e politico cheio de tactica e sagacidade. Diga-se de passagem que o interessantissimo retrato que delle traça Coty bem poderia trazer a assignatura de um Saint Simon.

De Monzie escreveu, primeiramente, um pequeno livro, chamado "Terra Clausa", obra cheia de encanto e de subtilidade, em que elle aconselhava á França o franqueamento de suas fronteiras, até então menos accessiveis a todos os estrangeiros, do que seria de desejar.

Pouco mais tarde, escreveu outro livro, aconselhando francamente o reatamento das relações diplomaticas com a Russia. Esperava, dizia elle, que por este meio a Russia reembolsasse aos francezes as enormes quantias que lhes devia o Governo tzarista, e que os bolchevistas sempre se negaram a reconhecer, a despeito de todas as normas juridicas até hoje em vigor. Uma vez feito o reatamento de relações

entre as duas Republicas, promettiam os communistas pagar promptamente as dividas. Voltaria, assim, muito dinheiro á França, em uma epoca em que a falta de metal circulante se fazia sentir agudamente.

Sob este pretexto, o governo francez autorizou o ingresso na França, de agentes diplomaticos russos, encarregados das negociações planejadas. Essas negociações se arrastaram por dois annos, sem que se chegasse a conclusão alguma a respeito do assumpto. E, durante este tempo, uma campanha infrene a favor do communismo era, mais do que nunca, emprehendida pelos espiões e agitadores de toda a ordem, mascarados em agentes diplomaticos, consulares, etc.

Com o fito de encontrar certo apoio na opinião publica indignada por esta incuria criminosa, reuniram-se no gabinete do Ministro do Exterior, a convite deste, os portadores de titulos de emprestimos russos, que eram, evidentemente, os principaes interessados no reatamento pleiteado pelo Governo. Interrogados sobre a conveniencia desta medida, os portadores dos titulos russos, votaram unanimemente contra o reatamento, por julgar que este de modo algum facilitaria o pagamento, dada a deshonestidade do Governo Sovietico que tem agido sempre como verdadeiro "scroc" internacional. Diante desse resultado inesperado, seria de desejar que o Governo abandonasse o projecto. Imagine-se, portanto, qual não foi o espanto do publico francez ao saber que o Governo, desprezando a opinião dos proprios interessados, fizera o reatamento. E fizera-o de modo tão intencionalmente desastroso, que não fora imposto aos soviets, como condição, pagamento de especie alguma.

Quaes foram as consequencias deste reatamento? Contentou-se a Russia em obter o formidavel e tremendo triumpho diplomatico de um reatamento *sine conditione* com a França, para depois dormir tranquillamente sobre seus louros?

Não. Confiante na acção traidora dos dirigentes francezes, a III Internacional, e seu departamento intitulado "Governo Russo" proseguiram na maior impunidade a obra nefasta da demolição da civilisação franceza. E isto, faziam-no elles justamente enquanto gosavam das immunidades diplomaticas do paiz que os hospedava e cujos dirigentes lhes haviam votado uma generosidade louca.

Como a cobra da fabula, que envenenou ao proprio homem que a aquecia ao peito, a Russia aggredia assim seus bemfeitores. E empregava para isto suas armas habituaes: a mentira e a traição.

Foi o que se verificou pouco tempo depois, quando a policia descobrio a existencia de uma conspiração communista. Foram presos os inculpados Depuilly e Sergent, que confessaram as manobras subversivas que lhes eram imputadas,

e indicaram como seu cúmplice o conselheiro municipal Cremet.

A policia parisiense poz-se activamente á procura de Cremet. Teve, porém, de suspender bruscamente suas pesquisas. E porque? Porque o accusado se havia refugiado na Embaixada russa. E esta não podia ser varejada, graças á inviolabilidade diplomatica que a protegia.

Que a legação russa tenha assim sido preferida como asylo por Cremet, a todas as demais embaixadas existentes em Paris, eis um facto digno de nota. Mas o que ainda foi mais notavel foi a incorrecção com que, nesta emergencia, se houve a legação sovietica, que não tratou de obter do governo francez a expulsão do criminoso, adoptando assim uma solução satisfactoria para os interesses da França e do refugiado politico (si é que uma doutrina que constitue a legitimação de todos os delictos de direito commum pode ser tida em pé de egualdade com as demais doutrinas politicas), como se faz sempre em casos identicos. Teria assim a legação russa impedido que a França se apoderasse de Cremet, e que, por outro lado, este viesse a se tornar um obstaculo á acção das autoridades francezas. No emtanto, deixou-o o "camarada" embaixador fugir durante a noite. E por uma extranha coincidencia, exactamente quando Cremet fugio, o corpo de guardas que fiscalisava a embaixada não estava presente. E por esta forma, graças aos bons officios da embaixada russa, Cremet pôde continuar na França sua obra nefasta de destruição e de desordem.

A este facto inconcebivel em outro paiz qualquer, o Governo Francez não respondeu com um protesto, com uma reclamação, sequer. E, no emtanto, não era esta uma prova isolada da connivencia do embaixador russo com os conspiradores communistas. Assim é que pouco tempo depois, foi preso como agitador comunista um secretario da legação sovietica sem que este facto occasionasse a menor inquietação ao Governo francez.

Liberdade de opinião? Não achava o governo francez que a liberdade de opinião deveria ser applicada aos communistas. Prova disto é o celebre discurso que o Ministro Sarraut pronunciou em 1927 em Constantine, mostrando-se alarmado com a campanha comunista cada vez mais intensa: "não se poderia neste caso (campanha comunista), dizia Sarraut, invocar a liberdade de opinião. A destruição da Patria não é uma opinião, é um crime. Uma doutrina cujos adeptos preparam a carnificina das guerras civis e fazem por sua propria conta o serviço de espionagem em beneficio dos estrangeiros não é uma doutrina. E' um attentado contra a vida dos cidadãos e contra a independencia do paiz. Ella deve ser sujeita á execração da consciencia publica.

Ella releva, não da critica do dillettante, mas da policia e do pretorio”.

Depois de uma tão truculenta e tão significativa declaração, teria a França o direito de esperar que, emfim, suas autoridades agissem devidamente, libertando-a do pesadelo communista.

Uma energica acção contra os communistas estaria, aliás, perfeitamente de accordo com as mais puras tradições da Republica Franceza. Effectivamente, sempre que esta se tem visto atacada por inimigos reaccionarios e monarchistas, tem sabido saltar sobre as incommodas doutrinas de liberdade de opinião, para “salvar” o regimen”, impedindo que a Nação soberana tivesse sufficiente soberania para escolher outra coisa sinão a forma de governo oriunda do tragico carnavaal politico de 1789.

Assim é que, sem fazer allusão a uma só das numerosissimas medidas violentas e illegaes tomadas pelo governo republicano contra os monarchistas (e o facto se repetio no Brasil) ou os catholicos, será sufficiente referir o seguinte: uma lei prohibe a todos os pretendentes ao throno de França de fixar residencia no territorio francez. E qual a razão da lei? E’ que pesa sobre os pretendentes uma presumpção, uma simples presumpção de que elles queiram subverter a ordem politica. E esta simples suspeita é sufficiente para autorisar a mais cruel das medidas repressivas — o exilio — ainda quando, em toda a sua vida, o Principe nunca tenha praticado actos que autorisem tal supposição.

Durante a guerra, a França abria generosamente suas fronteiras a todos os proscriptos, a todos os criminosos francezes refugiados no exterior, a todos, emfim, em cujos corações ainda existisse a nobre scentelha do patriotismo, para que luctassem pela sublime causa franceza. Julgando-se incluído na lista dos proscriptos, o Duque de Orleans, pretendente realista ao Throno de França, tambem se apresentou ás autoridades republicanas, para gosar do direito supremo de derramar seu sangue pela patria. E elle, que, pertencia a uma estirpe real que tinha formado á França com suas proprias mãos, vio fechadas diante de si as fileiras do exercito, e vio que lhe era negado pelo liberalismo republicano um direito que aos proprios criminosos do direito commum se não negava! De regresso da repartição onde se fazia o alistamento para o exercito, hospedou-se o Principe na casa de seu amigo, o Duque de Luynes, onde foi preso durante a noite, em condições illegaes e tragicas, e reconduzido á fronteira da França.

Isto é o que o liberalismo faz com os inimigos da direita. Vejamos agora sua ternura lyrica para com os partidarios das correntes esquerdistas.

Transcrevamos, para dar maior relevo aos factos, um trecho do livro de Coty:

“Mostramos a fraqueza dos homens que nos governam, no caso Marty, no caso Sadoul, em dez outros casos; e mostraremos a mesma fraqueza mais symptomatica mais assustadora, no caso Dancart.

“O caso Dancart desenrolou-se em diversos actos, e o publico só conheceu seu summario. Uma primeira perquisição tinha sido operada em 1926, numa garagem da rua dos Fossés-Saint-Marcel, onde fôra encontrado o armamento completo de 200 homens, fuzis de guerra, brownings, 900 cartuchos para fuzis, e 200 cartuchos para pistolas. Uma instrucção abrio sob o pretexto de deposito de armamentos; clandestinos foi encerrada sem seguimento e as armas foram restituídas ao conspirador.

“Certos d’ora avante da impunidade, os communistas desenvolveram suas operações; elles procederam ao armamento completo de 2.000 camaradas, que detem cada qual seu arsenal a domincilio.

“Sob instancias de uma muito alto personalidade, o governo foi obrigado a ordenar nesse anno uma segunda perquisição na garagem e na habitação Dancart; descobriram-se então 10 metralhadoras, 65 fuzis metralhadoras, a carga de 3 caminhões de guerra e brownings de grande modelo, com 200.000 cartuchos! Foi necessario apprehendel-os; e foi necessario prender Dancart.

“E o juiz de instrucção prepara já o segundo abafamento: elle descreve Dancart nas informações judiciais como um simples monomaniaco que collecciona metralhadoras e fuzis metralhadoras ás centenas de milhares como, outro qualquer colleccionaria caixas de rapé ou botijas (pg. 115)”.

Significa isto que a policia, embora sabendo que se tratava de um communista conhecido; embora já desconfiada pela primeira apprehensão de armamentos, deixára penetrar no mesmo edificio, ainda occupado pela mesma pessoa, todo um arsenal, sem que por isto fosse perturbada a candura de seus agentes, a boa fé ingenua de seus delegados! Evidentemente, não ha peor cego do que o que não quer ver!

Como si não bastasse isto, no mesmo artigo, de 9 de Abril de 1927, Coty passa a denunciar á candida policia parisiense alguns focos de agitação communista que elle como simples particular, dotado dos recursos relativamente falhos que tem forçosamente todo o policiamento particular, conseguira descobrir. A enumeração é longa e completa: 3 armazens nas ruas Lafayette, de Bretanha e Noyer, respectivamente; outro em Saint-Denis e outro em Bobigny. Denuncia tambem que, além destes depositos de material bellico, ha ainda diversos grupos, com seus respectivos estados maiores (7 sectores de defesa anti-fascista, 7 sectores de jovens guardas communistas) e 14 sectores só em Paris, cada qual com um quartel general nos suburbios! A direcção geral do mo-

vimento estava confiada a um triumvirato composto de 2 chefes francezes indicados por Moscow e 1 chefe superior, enviado directamente da Russia. O chefe ostensivo era o deputado Vaillant-Conturier; o outro chefe era um sr. Charles L. . . ., residente á Avenida Daumesnil 12.º, e o delegado enviado de Moscow era um funcionario da embaixada russa, Elanski. Oito officiaes de ligação asseguravam a communicacão constante do triumvirato com os sectores.

Pois todos estes factos, que o Sr. Coty havia podido verificar, a ponto de os publicar pelos jornaes, a policia parisien-se os desconhecia !

E, por cumulo dos cumulos, num artigo publicado no dia 21 de Abril, Coty annunciava que, graças a seus artigos, haviam sido feitas algumas prisões e tomadas algumas providencias pela policia. No emtanto, como sempre, as medidas foram tomadas com uma inhabilidade estudada. E em pleno andamento das providencias, quando mais activa e dilligente deverá ser a accção da justiça no sentido de evitar a fuga de indicados e de provaveis criminosos, o juiz de instrucção resolve interromper os trabalhos para entrar em goso de suas ferias de Paschoa.

O artigo do dia 23 de Abril é dedicado ao mesmo assumpto. Coty verbera a criminosa inercia da policia. Quando elle denunciára o principal foco de agitacão bolchevista na Rua Lafayette, a policia se limitára a fazer perquisições no n.º 120, omittindo o numero 241 da mesma rua, onde a apprehensão de materiaes teria sido immensamente mais util. E, no emtanto, elle, um simples particular, conhecia a existencia de objectos relativos ao communismo, interessante a apprehender, no referido predio. Quanto ás outras perquisições, a policia desprezára todos os demais endereços fornecidos pelo Sr. Coty, dos quaes se deverá ter occupado, até por simples medida de prudencia.

O artigo do dia 11 de Maio é dedicado principalmente ao caso Doriot, deputado francez accusado de manobras anti-francezas na China e Indo-China.

Como salienta Coty, na realidade Doriot tambem era autor de manobras communistas. O governo, movido por uma enorme pressão da opinião publica, denunciára Doriot á Camara com o fito de obter a suspensão de suas immuni-dades parlamentares.

Nessa denuncia, porém, o governo considerava Doriot incurso nos arts. 84 e 85 do Codice Penal, que punem os individuos accusados de accções hostis não approvadas pelo Governo, expondo o Estado a uma declaracão de guerra, ou tendo exposto francezes a represalias, com a pena de banimento. Ora, como diz Coty, os arts. que deveriam em, rigor, ser applicados eram os 76 e 77 do Codice Penal, que são respectivamente: art. 76: "Qualquer pessoa que tenha praticado

machinação ou entretido intelligentemente com as potencias estrangeiras ou seus agentes, para encorajal-as a commetter hostilidades ou a emprehender a guerra contra a França ou para lhes procurar os meios necessarios para isto, mesmo no caso de não terem as ditas machinações ou intelligencias sido seguidas de hostilidades”, e artigo 77: “Quem quer que tenha praticado manobras ou entretido intelligencias com os inimigos do Estado, com o fito de facilitar sua entrada no territorio nacional e dependencias da Republica, ou de lhes entregar cidades, fortalezas ou praças, portos, armazens, arsenaes, navios ou construcções pertencentes á França ou de fornecer aos inimigos soccorros em soldados, homens, dinheiro, viveres, armas ou munições ou de secundar os progressos de suas armas sobre as possessões ou contra as forças francezas de terra ou mar, seja abalando a fidelidade dos officiaes, soldados marinheiros ou outros, em relação ao Estado, ou seja por qualquer outra forma”. Pena de deportação em uma praça forte.

Ora succede que a autorização da Camara só se poderia basear na denuncia apresentada pelo Governo. Tendo o Governo apresentado como fundamento de sua denuncia artigos do Codigo que não se applicavam ao caso em questão, poderia a Camara negar a suspensão das immunidades. E, por outro lado, não podia a Camara fazer ex-officio a applicação ao caso de Doriot dos artigos convenientes, porquanto ella só podia agir quando solicitada pelo Governo.

Conseguia assim o Governo, embora aginda na apparencia contra o communismo, paralyzar completamente a acção dos elementos conservadores, deante do menor esforço habil desenvolvidos pelos perturbadores e trahidores da França.

Mesmo assim, ainda julgara provavelmente o governo perigosa sua attitude para com os communistas. Por isto é que, em vez de agir ao menos com a celeridade exigida por todos os casos desta ordem, o Governo perdeu 15 dias no exame do caso. Uma vez formada sua resolução de apresentar a denuncia, tomou mais 5 dias para executar esta resolução. Mas, como por sua vez a Camara queria entrar, decorrido este tempo, no goso de férias de Paschoa, a commissão encarregada de tomar as providencias urgentissimas exigidas pelo caso só depois das férias foi nomeada.

Seria absurdo pretender que a maioria dos homens de estado francezes, mesmo entre os esquerdistas deseja, o damento immediato do communismo. E é exactamente por isto que se verifica que, quando elles traem seus deveres de cidadãos e de politicos, não agem espontaneamente, movidos por uma secreta sympathia pelo leninismo. Agem, ao contrario impulsionados por uma força extranha e superior, cujo jugo talvez elles detestem, mas a cuja influencia se não podem furtar.

E' o jugo terrível da maçonaria franceza, á qual quasi todos elles devem seus cargos e cujo pendore para o communismo ninguem desconhece (Consultar o orgão de publicidade official do "Convento" do Grande Oriente Francez, Paris, em Outubro de 1923, em 1922, pg. 326; do "Convento da Grande Loja de França, de 1923; e outros).

Por outro lado, curvam-se á influencia quasi omnipotente dos financeiros judeos, que são os empresarios do communismo no mundo inteiro. Conhecedores dos secretos mollejos da machina de propaganda communista, os banqueiros judeos sabem perfeitamente que, no dia em que lhe faltar o dinheiro, a III Internacional não passará de um inoffensivo club de sonhadores. Por isto, ateiam os financeiros judeos calmamente o incendio, certos de que elles — e só elles — poderão a qualquer momento dominar os progressos dos labaredas, desde que estas se tornem incommodas para os grandes proprietarios descendentes de David.

Aliás, nada está mais rigorosamente conforme ás theses communistas do que esta affirmação. Agir sempre baseado no dinheiro, com o dinheiro, e pelo dinheiro não é fazer um pouco de materialismo historico?

Esta longa enumeração de factos, todos cheios de significação, mostra bem como lucha a nação franceza, tão gloriosa, tão christã, contra inimigos internos e externos poderosos.

Mas o valor de uma raça só se revela bem na adversidade. Por isso é que hoje mais do que nunca a França deve ser objecto da sympathica admiração de quantos ainda tenham apego á civilização christã.

Mas não é só uma sympathia esteril, que estes factos devem inspirar. Devem elles servir de exemplo ao Brasil, para que lutte contra todas as adversidades, vença todos os inimigos.

E si François Coty, que mostra no decurso de seu livro ser um catholico que ainda conserva certas restricções quanto á plena adhesão ás determinações da Igreja, é um republicano convicto, com tanto ardor combate os males que infelicitam sua patria, tambem nós, que temos um catholicismo integral, absoluto, devemos lutar, e com mais ardor e vigilancia do que nunca, pelo patrimonio de ideias e principios que informaram até hoje a vida de nossa nacionalidade.

APONTAMENTOS

BRASIL PINHEIRO MACHADO

A preocupação absorvente para as gerações actuaes é a reconstrucção do mundo. Mas, por mais que os homens de boa vontade castiguem o cerebro e o coração em procura de remedios heroicos, o mundo segue a marcha violenta em direcção de todos os abysmos. O dia de amanhã, torna-se, á medida que passam as horas, mais cheio de imprevistos assustadores. As ideologias surgidas para revigorar o corpo da civilização vão, estrepitosamente, fazendo a sua declaração de insolvencia.

Ha uma anecdotia conhecidissima, que conta que um actor, representando um drama medieval, em certo momento troveja esta phrase: nós, cavalleiros da Idade-Media...

Neste immenso drama de nossa geração, vestidos da armadura, e no desenrolar consciante da peça, quando devemos gritar a phrase de definição, faremos, por certo, igual figura á daquelle actor, pela absoluta incerteza de localização historica de nossos ideaes.

Poderia me referir ao mundo todo, mas me refiro somente a nós que habitamos esse pedaço de terra que as chorographias limitam com o poetico: do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará.

Sim... refiro-me a nós (cavalleiros de que?), porque no complexo universal, ainda estamos á margem, no ponto absoluto donde não ha a perspectiva denunciadora das distancias.

* * *

Almas abertas para o sonho, nós, cavalleiros..., sentimos perpassar pela nossa epiderme um vago messianismo, ás vezes latente, mas sempre vivo e desorientado.

Nada mais aqui queremos fazer de real do que cantar essa esperanza, que representa uma forma obscura de ideal, acompanhando a nossa gente por quatro seculos, e que as condições do mundo de hoje dão uma forma mais perceptivel, no seu amorphismo de cerração.

O Brasil é um rincão mais propicio aos poetas que aos sociologos.

O occidente, numa agonia tremenda, encaminha-se para o fim — é crença generalizada. Alguem precisa dar ao mundo uma palavra nova de civilização. Seguindo a marcha do sol, o occidentalismo tocou nas civilizações mumificadas do oriente, galvanizando-as num bastardo sentido occidental.

Fechou seu cyclo.

Quem virá dar a nova palavra que reanime o systema nervoso do mundo, num sentido de continuação, mas diferente do actual?

Spengler, o propheta do fim, pensa que será a Russia, cujo espirito barbaro se conservou virgem atravez da marcha implacavel dos seculos.

Um professor argentino, spengleriano tambem, reinvin-dica esse designio para a America Latina.

Não sei qual será a verdadeira definição de espirito virgem que possa ser fecundado e produza a nova palavra transportadora de montanhas.

Mas si a America Latina (expressão politica sem sentido) não possui esse espirito virgem, possui algo de semelhante a isso — o espirito mysterioso, capaz de permittir que a expressão — America Latina — seja uma realidade mystica deante da mystica morta do occidente.

No mysterio nevoento em que elle se desenvolve (quando não é fructo das constantes communições transatlanticas) o complexo Brasil tem um lugar marcado com evidencia.

Marcado pela tradição, quando temos a coragem de encara-la poeticamente.

O christianismo formou-lhes as bases mais limpidas, traduzidas na palavra carinhosa do jesuita, palavra que parou ao meio, de repente, ferida por um golpe brutal que agiu como uma força que desviasse o rumo preestabelecido de um corpo, sem lhe extinguir, no emtanto, a força inicial.

Aquelle christianismo-base viu se lhes desmancharem certos contornos, innoculou-se de impurezas, mas não perdeu um aspecto de civilização christã.

A Hespanha, desviando pelas circumstancias, o seu verdadeiro rumo que estava alem dos mares, para o taboleiro de xadrez das competições continentaes; reconhecendo-se valenciana, aragoneza, andaluza, catalã... não podia ter um ideal palpavel, que abrangesse num só movimento, cada uma das moleculas de seu corpo nacional; creando como symbolo de seu espirito o ideal irreal de D. Quixote, o sonho, a acção e a realidade em desaccordo; a Hespanha transmittiu á America os seus ideaes cavalheirescos, mas cheia de particularismos.

Portugal, filho do occidente, guardou-se do continentalismo, como si tivesse, no seu sonho de procurar as ultimas raias do mundo, uma palavra nova cujo sentido era vago,

que devia ser transmittida a outras gentes, para ser decifrada com os seculos. . .

Portugal, de unidade nacional precoce, mourejava como uma alma só, christalizada no sonho real do Infante (sonho, acção e realidade unidas), naquelle destino de preparar para os seculos, a palavra nova. Vinha das profundas tradições christãs e se encaminhava para futuros conteudos. Camões não o sentiu inteiramente. Foi o poeta da acção mascula, mas não foi o *vate* no sentido romano da palavra.

O messianismo brasileiro vagamente, inconscientemente, advinha que não está morto aquelle sonho gigantesco do Infante, e que a palavra nova foi transmittida, muito embora o seu sentido seja ainda obscuro e incerto.

Morreu o sonhador mas ficou o sonho, que sobreviveu ao naufragio das caravellas. E com o sonhador, morreu Portugal, depois do "vão nupcial" das navegações.

* * *

O Brasil, formado dentro do espirito ultramarino de Portugal, tinha a sua unidade politica assegurada pela unidade espiritual do colonizador, antes mesmo do descobrimento.

Essa semente espiritual perdura atravez dos escolhos da geographia, da raça, e da economia, como a provar a superioridade do ideal sobre a materialidade ambiente.

O seculo de capitalismo que quasi nivelou a humanidade no reticulado dos interesses economicos, não penetrou o interior virgem do paiz, andou pela costa a arranhá-la "como carangueijo". E o littoral se fez o Brasil-atlantico, cosmopolita das conquistas liberaes. E os factos cavaram um profundo fosso entre elle e os outros brasis mergulhados no isolamento sagrado.

Como o chronista colonial que já via o contraste entre o furador de sertão e o carangeijo da costa, nós bem que percebemos a differença entre o homem atlantico e o habitante dos Brasis sagrados, assediado pela paysagem e com os ouvidos zunindo como as conchas — lembranças do mar.

Esse homem não tem para o seu pensamento a base da comparação. Vive a vida em si e por isso vive-a inconscientemente. O seu horizonte nada exige. Perdeu a noção do tempo e não perdeu a do espaço, porque sua carcassa andeja percorreu um chão longo, que avança deante de seus olhos na direcção do infinito, até se confundir naquelle borrão que pode ser terra e pode ser ceu.

Euclides o surprehendeu caminhando — desageitado Hercules-Quasimodo.

Na sua mentalidade inconsciente, para esse homem não existe a noção geographica de mundo. Existe só aquelle conceito restricto de "mundus", cujo conteudo fortaleceu as gentes que Coullanges estudou: "a região dos manes".

Seu mundo é a região dos manes. Região que não se enquadra perfeitamente no terreno pisado ha quatro seculos. E' a memoria dos antigos, com os seus ensinamentos em maximas praticas, applicaveis somente alli dentro daquella pay-sagem. O resto do universo passa nas cantigas, como um vulto diluido naquellas cerrações longinquas, irreaes, que confundem tudo: "Europa, França e Bahia" . . .

O passado não se apresenta como uma successão continua de gerações, aprendendo penosamente a relação da terra com a vida — é a confusão de todas essas gerações num dia só de existencia, com o nome geral de "antigos", de maneira que toda a sabedoria de seculos, aprendida directamente das coisas quotidianas, na linguagem de sabor quinhentista ou acastelhanada, apparece como um halo de gloria, illuminando o perfil daquella geração phantastica.

E' o homem eterno.

Ouve falar desse Brasil-Atlantico, como os barbaros ouviam cubiçosamente as historias dos thesouros de Roma. E quando se larga esperançado para as bandas do outro Brasil, abandonando a região dos manes, vae, incomprehendido e incomprehensivel, como aquelle mesmo barbaro, uivar ás portas de Roma.

Mas quando o Brasil-Atlantico se desentende, e o conflicto estala, nessas revoluções que para o Brasil total não são mais que enrugamentos da superficie, lá vão elles, com as suas esporas e bombachas, suas couraças e gestos duros, deante daquelles que os desprezavam como o romano desprezava o barbaro, acampar o odio pela civilização dentro dessa mesma civilização, dentro das suas mais queridas instituições. E como o gaulez, sem nada comprehender, pucham a barba florida do senador, estatua que se torna presa de terrivel indignação.

* * *

Mas, por sobre todas essas separações e conflictos, bem no alto, muito alto talvez, paira um ponto que vagamente parece convergir todas as aspirações que vem lá de baixo, do torvellinho, e que é uma coisa simples demais para ser analysada, uma tradição sentimental de unidade, que nasceu antes de a terra ser descoberta, antes de o homem conquistar essa mesma terra, antes de surgirem os escolhos economicos e as differenciações de cultura e as fronteiras geographicas, que aos poucos separam todos esses Brasis, sem comtudo apagar aquella unidade sentimental e messianica.

FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA MONOGAMIA

HAMILTON NOGUEIRA

Um dos argumentos de que mais se utilizam os adversários do Catholicismo para combater a moral christã, é aquelle que accusa a Igreja de exigir da natureza humana um esforço que ultrapassa as suas possibilidades de resistencia.

A Igreja, dizem elles, mostra-nos em todas as circumstancias um ideal de santidade que transcende todas as nossas forças, e exige de nós, muitas vezes, um heroismo inutil e desesperador.

A Igreja appella para uma santidade, impossivel de existir na vida quotidiana, e fundamenta a sua moral num idealismo que se distancia cada vez mais das realidades terrenas.

Para aquelles que não crêm na santidade, ou para quem o santo é synonymo de desertor do mundo, certo, de nada valerá a affirmação deste ou daquelle theologo, deste ou daquelle pensador catholico.

Nós lhe apresentamos por isso a palavra de um dos maiores pedagogos modernos, apresentamos a palavra do protestante Foerster, cuja opinião não poderá ser incriminada de estar sujeita á disciplina da Igreja.

Nós lhe apresentamos por isso a palavra de um dos maiores — Lembremo-nos — escreve Foerster — que santidade não quer dizer abandono do mundo, mas sim, intangivel dominio de si mesmo em face do mundo.

Somente essa firme posição permite ao mesmo tempo o verdadeiro dominio e a verdadeira avaliação dos bens da terra e do amor”.

Mais affirmativas e ainda mais insuspeitas são as palavras do grande romancista inglez Aldous Huxley, neto do celebre biologo, quando reaffirma o admiravel realismo da Igreja Catholica.

“O progresso actual do Catholicismo nos paizes anglo-saxonicos — diz Huxley, no seu livro “Proper Studies” — é devido a dois factos.

De um lado, a concordancia dos dogmas da Igreja com as verdades scientificas, de outro lado o admiravel realismo da Igreja Catholica, realismo que se fundamenta num profundo conhecimento do coração humano”.

Não precisamos, no emtanto, recorrer á autoridade alguma para que possamos reconhecer que tudo quanto a Igreja exige de nós tem o seu fundamento natural. A graça divina eleva a natureza sem a destruir. A moral christã, a moral divina é, por assim dizer, a transfiguração da moral natural.

A lei é divina porque emana de Deus, porque ordena o homem a um fim sobrenatural, mas ella actua sobre a natureza humana, e por essa razão não póde, de modo algum, contrariar ás leis mesmas que a governam.

Essa correlação entre a lei natural e a lei divina é um facto perfeitamente tangivel pela luz da nossa propria razão, e a experiencia nos mostra, diariamente, uma tremenda desaggregação social, todas as vezes que se transgride uma lei divina.

Podemos, perfeitamente, provar a verdade dessas nossas affirmações, estudando, por exemplo, a questão do divorcio.

O divorcio não é somente um attentado contra a lei divina, mas tambem um attentado contra a propria lei natural, que estabelece as condições necessarias para o desenvolvimento normal da familia humana.

Encaremos o divorcio á luz da biologia. Estudemos a constituição natural da familia humana, consideremos no matrimonio não os seus aspectos secundarios, nos quaes se apoiam os divorcistas para romantizar a sua these, mas sim o seu objectivo real, que é a procreação e a educação dos filhos.

Sabemos, pelo estudo dos seres vivos em geral, que uma das leis essenciaes da vida é a sua multiplicação, a sua reprodução para conservar a especie.

Como diz Grasset “a vida particular de cada individuo termina-se pela morte; mas a vida da especie não morre e continua atravez de gerações successivas; e cada individuo transmite a seus filhos não somente a vida em geral, mas a vida particular da especie, a forma e o typo da especie.

É assim que a geração é a funcção de defesa da especie”.

Essa lei geral se applica a todos os seres vivos, tanto aos homens, quanto aos animaes e vegetaes.

Ha, entretanto, uma differença fundamental na realização dessa lei.

Nos vegetaes e nos animaes ella se realiza espontaneamente, automaticamente, obedecendo ao impulso fatal do instincto, que dirige toda a sua actividade.

No homem, esse automatismo cede logar a uma deliberação inteiramente livre. Ser essencialmente racional e dotado de liberdade, o homem é senhor das condições e do momento em que se deve realizar a reprodução da sua especie.

Como faz notar o mesmo Grasset “no homem, todas as funcções nervosas visceraes são psychos planchnicas, e a lei se applica á funcção de reproducção como a todas as outras. Ha, certamente, na geração, um elemento feito de reflexos mais ou menos elevados cujo funcionamento é automatico; mas, mesmo sobre esse elemento, o psychismo não é sem acção: o homem refreia, provoca, modifica, para, desvia esses reflexos ao sabor dos seus desejos, das suas paixões e da sua moralidade”.

Essa liberdade, que o homem possui, de estabelecer as condições do acto gerador, impõe-lhe ao mesmo tempo uma obrigação tão nobre, tão digna, quanto a belleza e a dignidade mesma da sua personalidade espiritual.

O homem deve não só procrear, não só contribuir para a propagação da especie, mas fazer homens, isto é, criar um ambiente em que a vida do filho possa desenvolver-se rythmicamente até o seu desenvolvimento completo.

A criança apresenta-se em face da maioria dos animaes com essa inferioridade de necessitar uma assistencia continua dos paes, para que possa viver e desenvolver-se normalmente.

O filho impõe a necessidade e a durabilidade da familia.

A criança não pede para vir ao mundo. O seu nascimento é o primeiro dever biologico que se impõe aos conjuges.

E’ a finalidade primordial do matrimonio.

Essas modernas doutrinas anti-concepcionistas que consideram o filho um indesejavel, um verdadediro inimigo que deve ser antecipadamente sacrificado, essas modernas doutrinas anti-concepcionistas que infelizmente vão ganhando terreno nas familias brasileiras, são doutrinas que indicam um gráo profundo de dissolução de costumes, uma decadencia dos valores moraes.

O nascimento do filho deve reforçar os laços de indissolubilidade do matrimonio. O ambiente que se cria na familia deve ser orientado pelos principios que vão dirigir a formação da creança.

Não ha argumento algum de ordem romantica, não ha argumento algum de caracter sentimental que seja capaz de prevalecer, no casamento, do ponto de vista da sua durabilidade, aos argumentos emanados da sua instituição natural, emanados da mais pura biologia humana. Preconizando o amor livre — que é uma instituição fatal dos paizes que adoptam o divorcio — assim se exprime Ellen Key, uma das suas propagandistas mais ardorosas: “áquelle que ama profundamente, nem mesmo se pergunta se tem direitos a taes sentimentos, elle está de tal modo engrandecido por seu amor, que sente que, por elle, se engrandeceu tambem a vida da humanidade”.

Ora, em face de taes declamações lyricas, não é o caso de se perguntar, com Foerster, como será possível o engrandecimento da humanidade por uma paixão sem considerações?

De facto, o abandono sem freio ás paixões é sempre uma perda de energia pessoal, tanto para o individuo quanto para a humanidade. Uma força que se não domina é signal de esgotamento e conduz ao esgotamento.

“E aquelles que cedem aos seus sentimentos á custa das responsabilidades e dos deveres em que se fundamenta a collectividade humana, aquelles levarão sempre, mesmo nas suas relações amorosas, a maldição do egoismo infiel, e verão sua vida ulterior destruida por essa mesma ausencia de character, graças a qual pretenderam conquistar sua felicidade. A moral não é uma lei artificial vinda do exterior; suas ameaças e suas prescripções jorram da realidade mesma da vida e assignalam as forças fundamentaes do character, sem as quaes todas as relações humanas se desmoronam e toda a personalidade desaparece”.

Si ha deshumanidade, ella não está nas exigencias que a vida matrimonial impõe, mas na tolerancia, na permissão das liberdades passionaes, as quaes, uma vez desencadeadas, levam a humanidade ao desespero e ao aniquillamento.

Onde poderá haver logar para o filho, onde será possível a sua formação moral, onde poderá elle encontrar solicitude e carinho, se o egoismo dos paes supplantou o amor desinteressado, se as paixões desencadeadas scindiram os unicos laços que realizavam as condições mesmas de uma vida estavel?

A lei biologica, lei natural, impõe ao homem a obrigação de transmittir a vida da especie. A lei natural impõe aos conjuges o dever primordial de construirem um meio perfectamente adequado á formação do filho, e essa formação, tambem o ordena uma lei emanada da realidade das cousas, só é possível dentro do casamento monogamico e indissoluvél.

O proprio Goethe, citado pelos modernos como autoridade na defesa de todas as liberdades, o proprio Goethe, no seu romance “Affinidades Electivas”, combate com vigor a dissolução dos laços conjugaes, cuja indissolubilidade elle considera o fundamento de toda a sociedade.

“Chamou-se a familia a *cellula social*. Ella não o é somente no sentido physico e economico, ella é o centro de toda a educação social dos homens, isto é, de toda a cultura da responsabilidade, da piedade, do dominio de si e da educação reciproca, e isso justamente porque ella é indissoluvél e para toda a vida, e porque graças a essa duração, a união torna-se mais completa, mais intima e mais forte do que em qualquer outra relação humana. *Póde-se dizer que a união monogamica indissoluvél é a consciencia de toda sociedade humana*” (Foerster).

A indissolubilidade constitue de tal modo a essencia do matrimonio, a essencia da sua constituição natural, que não é impunemente que o homem pode afrouxar, romper os laços que a mantém.

Não é só o filho o sacrificado. Não são somente os esposos separados aquelles que vão soffrer o castigo do seu egoismo e da sua sensualidade. Não é só a sociedade deste ou d'aquelle paiz que se corrompe quando o divorcio implanta a sua tyrannia.

E' a humanidade inteira que soffre, se rebaixa na sua dignidade e nos seus valores espirituaes.

"Uma das primeiras tendencias do divorcio, diz o Pe. Rhoden, é eliminar a prole, prevenir o seu apparecimento. Os fructos naturaes do matrimonio estão em manifesto antagonismo com o espirito do divorcio.

A criança, por sua natureza, pede uma casa, um futuro garantido.

Sem um lar estavel, a sua evolução, tanto physica como psychica, está entregue ao acaso.

Por isso, é natural que numa familia que hoje se funda e amanhã se dissolve, a criança seja considerada como um impecilho molesto, um traste inutil, uma travanca que tolhe a liberdade dos movimentos".

O aniquillamento da prole é um facto social nos paizes onde o divorcio foi instituido.

Não faltam estatisticas demonstrando que o coeficiente de natalidade em certos paizes, como a França, a Allemanha e os Estados Unidos, diminue, progressivamente, á medida que os divorcios augmentam.

E' uma questão de facto. Indiscutivel.

Por outro lado os estudos sobre mortalidade infantil, que têm sido feitos nestes ultimos annos sob o patrocínio da Liga das Nações, mostram que o coefficiente de mortalidade é maior entre as crianças filhas de paes divorciados.

E as profundas perturbações moraes, as neurozes que mais tarde vão prejudicar o desenvolvimento da personalidade de uma infinidade de seres, neuroses essas, na sua grande maioria occasionadas na infancia por traumatismos moraes, por soffrimentos recalcados, por toda essa serie de complexos tão bem estudados pela Psychiatria moderna?

Eis uma das provas negativas de que o divorcio fere profundamente uma lei natural, uma lei de biologia humana, uma lei intimamente ligada á natureza mesma do matrimonio.

Quando, pois, a Igreja, mestra suprema e infallivel em materia de fé e de costumes, impõe a indissolubilidade do vinculo conjugal, ella não vae chocar-se contra uma lei natural, não exige nenhuma impossibilidade á natureza humana.

Póde, algumas vezes, exigir sacrificios, mas o sacrificio é necessario para o aperfeiçoamento moral da humanidade.

CATHOLICISMO E COMMUNISMO

FERNANDO CARNEIRO

Por uma fatalidade do momento historico em que vivemos, ninguem pode se manter neutro deante da luta dos dois materialismos que se enfrentam: capitalismo e communismo. Ninguem, mesmo contra a propria vontade, está fóra do eixo da questão. E contribuirá, até pela inercia da posição social que occupa, para manter a actual ordem de coisas: o que é uma attitude favoravel ao capitalismo.

E no emtanto, a primeira vista, o espiritualista deveria negar-se a tomar attitude por um dos dois partidos, dizendo a si mesmo que capitalismo e communismo são productos praticos da mesma ideologia materialista, da mesma sociologia naturalista do seculo passado. A luta entre os dois faz-nos pensar nos dois filhos de Edipo, Eteodes e Polynice, de odios tão profundos e entranhados, que mesmo ao serem incinerados, a chama da pyra, soprada pelos dois ventos da sua desunião, tomou a forma de uma grande lingua bifida.

Porquanto o capitalismo começou quando a sociedade, perdendo a consciencia dos seus liames espirituaes, ingressou na experiencia da indisciplina religiosa e na experiencia da livre concorrencia. (O capitalismo, affirmando o principio do interesse individual levado ao maximo, affirmando o principio da livre concorrencia, appareceu como um grito de rebeldia contra a disciplina anterior da sociedade. E deu nisso que vimos. Não conseguiu trazer, ao lado de uma grande industrialização, senão a infelicidade e a revolta.) No emtanto, o pensamento dos economistas materialistas e revolucionarios do seculo passado, foi o de que era possivel construir uma Cidade Perfeita, com simples recursos humanos, para isso levando ao maximo a independencia individual e o interesse de cada homem.

O socialismo persiste, como o notou Dostoiewsk, a querer, com simples recursos humanos, construir a Torre de Babel, numa affirmação de orgulho, não para levantar a terra aos ceus, mas para, ao contrario, baixar os ceus á terra. O socialismo é pois, visto do prisma religioso, não apenas a questão dos proletarios, não apenas uma solução para o pro-

blema social, mas, sobretudo, uma affirmação de atheismo. E' só ler Marx, Lenine etc. . .

E' por isso que catholico e socialista são termos contradictorios. Entre um materialista communista e um materialista capitalista ha apenas uma differença de adjectivos. Entre qualquer dos dois e um catholico ha uma differença de substantivos. O papel do catholico seria pois resolver a questão, sem se aliar nem a Nova York, nem a Moscou.

Acontece, porém, como já o notámos, haja no mundo uma luta entre dois materialismos) E quem não é a favor do que está por baixo é contra elle, até mesmo pela inercia do peso. Assim o catholico terá que agir na luta que empolga a sociedade, a favor de um dos dois materialismos, ainda que seja indirectamente e involuntariamente.

Quando Pio XI proclamou que "toda economia se tornou horrendamente dura, cruel e atroz" e censura fortemente o "funesto e execravel imperialismo internacional bancario, cuja patria é o interesse", está, ao lado da defesa legitima do pensamento catholico, que indifferente a regimes politicos e sociaes, combate dentro de qualquer um, pela justiça, e, mais do que isso, pela caridade, — Pio XI está, ao lado disso tudo, atirando uma pedra no proprio regime capitalista. Uma pedra mais efficiente, mais insuspeita, do que se fôra lançada de Moscou. (Quando Tristão de Athayde ataca a burguezia, do ponto de vista catholico, é tomado, como communista disfarçado, pelos burguezes. E' que, á intuição de toda gente, essa sua attitude se apresenta como favorecendo o communismo.)

(E entre os dois materialismos capitalismo e communismo, muitos catholicos ficam com o primeiro, e procuram inutilmente rechristianizar a burguezia. No pé a que chegamos seria possivel rechristianizar alguns burguezes, não a burguezia.)

{Porque ficar com a burguezia? Porque, ao menos, ella permite aos catholicos a livre manifestação do seupensamento e do seu culto. E Stalin não o permite.) Nem os chefes communistas têm o ar de querer permittir isso.

Ha no emtanto quem fique com a sua sympathia pelo materialismo communista, na hypothese de ter de optar por um dos dois.

Por que? Porque a economia communista se não o regimen, é, na sua organização social, na distribuição da fortuna publica, na sua hierarchia de trabalho, a negação do materialismo, embora os seus philosophos se digam materialistas.

Materialismo é o que ahi está: esse liberalismo economico e politico, essa selecção natural, justiça biologica de Gustavo Le Bon. Justiça biologica (não christã), que só ella nos poderia levar a essa rapida industrialização e a custa desse des-

portismo “tanto mais mesquinho, tanto mais odioso, e exasperante, por proclamar o lucro como seu unico fim” (1).

Mas isso é que é materialismo, srs. Marx & Cia. Não ha nenhuma razão material para cada homem não querer unicamente na vida senão o lucro maximo. Sim, senhor! Deve querer. E isso levará o homem ao maximo progresso industrial, embora a sociedade dê nisso de “mesquinho, odioso e exasperante”.

Quem não quer essa ordem economica actual, — de construcção profundamente materialista, terreno especificamente adubado para o florescimento de todos os vicios capitaes condemnados pela Igreja; ordem economica que corroe a familia, uma vez que intensifica, pelas difficuldades economicas, e pela miragem do luxo, o celibato e a prostituição, — não deveria se dizer materialista.

A raiva do materialismo contra o capitalismo é a raiva de Caliban por ver a sua cara no espelho. E quebra furiosamente o espelho; não tem a felicidade ou a grandeza moral de reconhecer o erro philosophico em que labora; e propõe uma organização collectivista de trabalho que excluidas suas ligações philosophicas é profundamente justa e christã, quando não é illusoria e fantasista. Uma organização de trabalho que não encontra justificativa em nenhum principio materialista de Historia ou de Philosophia.

O communismo não é, pois, como pensam certos catholicos, uma, dentro do seu erro, perfeita unidade logica, uma concepção da vida, cuja acceitação de uma parte, acarreta a acceitação do todo. Nenhum monolitho. Antes algo de absolutamente fragmentario. Um enredo de contradicções comsigo mesmo.

Barreto Filho, no seu “Geração de Problematicos”, escreveu: “O racionalismo fragmentou-se por uma fatalidade da sua dialectica nos seus dois *tonus* dominantes: capitalismo e communismo. O seu desenvolvimento thematico começa a oscilar violentamente entre ambos, que se disputam cada qual o papel tonico exclusivo, parecendo que a tendencia é para o segundo, não (como pode suppor a mentalidade racionalista) porque o communismo seja o grau especial immediatamente superior ao capitalismo, mas porque, a indole do momento ascendente do racionalismo, experimenta, no seu apogeu, a attracção da gravidade, e quer conciliar-se

(1) — A Russia, que pretendeu socializar-se antes de se industrializar, acaba de demonstrar, que só com o despotismo, seja o do Patrão, seja o do Estado, se consegue um rapido progresso material. Ahi está o seu “plano quinquenal” onde até o seu direito de grève se retirou do operario, o que é profundamente ironico. Donde se conclue, que sem esse despotismo, do Estado ou do Patrão, a Sociedade teria um progresso material muito mais lento, embora mais equilibrado.

comsigo mesma, caindo sobre o seu proprio centro. E' um movimento Resolutivo e não de continuação".

O materialismo é uma tal mutilação da totalidade do ser humano, que o proprio materialista se irrita com os resultados a que chegou, se escandaliza com a propria miragem, quebra o espelho. E nessa contradição, nessa ironia, para não parecessem tão flagrantemente illogicos, os chefes communistas nos gritam que não, que "o capitalismo foi cousa letigima, mas que, num dado momento — o actual — o numero de ricos diminuindo muito em relação ao augmento fabuloso das massas proletarias, reverte-se o actual estado de cousas". Emfim, que o communismo deriva do capitalismo e vencerá por uma mera questão de mecanica de forças do materialismo historico.

Assim falam após terem raciocinado, o que não os impede de, num gesto automatico, reflexo, medular, gritarem: "não, isso que ahi está não é natural nem humano: é mesquinho, odioso, exasperante".

Chefes communistas! Curiosos documentos humanos idealistas, affirmações vivas de vitalidade espiritual.

Poucos/momentos/no mundo, foram mais dirigidos pela intelligencia, pelo idealismo, pela, eu diria, espiritualidade da alma humana do que esse. Eu seria longo se quizesse citar, ao lado de muita crapulice inventavel, o quanto de espirito de sacrificio existe numa serie de burguezes que viraram communistas, de creaturas que, materialmente, não encontrariam motivos para ingressar nessa luta a favor dos fracos. O proprio Lenine. O proprio Trotsky.

Ha na alma humana uma grande tendencia de absoluto, cuja correspondencia é Deus; e quando o homem fica mutilado na consciencia de sua finalidade espiritual, procura inutilmente o equilibrio para os seus campos de força numa serie de ideas caricatas e succedaneas: na Cidade Perfeita do Communismo, nem Codigo Penal haverá; uns trabalhando para os outros; o Paraiso perdido por Milton e reencontrado por Lenine... E dizer que quem pretende fazer na terra tudo isso, são cavalheiros que affirmam o "materialismo historico". Faz-nos pensar no *positivismo* de A. Comte, creado sob a inspiração angelica de Clotilde de Vaux...

O que é mister é dar ao intellectual communista a consciencia desse phenomeno de contradição. O marxismo nunca foi — dentro do seu erro uma perfeita unidade logica. Dar-lhe a consciencia desse phenomeno de contradição é aconselhar-lhe a continuar a destruir o capitalismo, e a trabalhar pelo advento da socialização dos meios de producção.

Abaixo esses "sessenta e oito" burguezes indecentissimos que, sorridentes, passeiam pela vida sem parecer suspeitar sequer que todo esse seu bem estar se alicerça sobre a infelici-

dade dos seus semelhantes. Quando elles poderiam continuar a sua felicidade mas alicerçando-a sobre a escravidão da machina, no dia em que essa desse, nas mãos do socialismo, (2) o maximo da sua producção. E' verdade que chegamos a um estado de cousas, no qual muita gente se sentiria infeliz se visse os seus semelhantes libertos e alegres. Mas apezar disso (não é justo que continuem escravizadas economicamente, e consequentemente intellectual, politica e moralmente, as classes proletarias. Que a maioria pobre da humanidade vá nascendo, de geração em geração, esmagada pelo peso de novos peccados originaes).

Christianizemos os bolchevistas. Os bolchevistas que se christianizem, ou mais uma vez, na historia do mundo e das instituições, assistiremos ao phenomeno da confusão das linguas.

A Torre de Babel não se construirá com simples recursos humanos. . .

(2) Tal como eu o entendo e explicarei em proximos artigos.

A POLITICA DOS CATHOLICOS

OSCAR MENDES

Julien Benda, no seu famoso e discutido livro *La trahison des clercs*, accusava os intellectuaes de haverem trahido a sua posição independente e neutra, por se terem immiscuido nos debates politicos e abandonado as esphas serenas do pensamento para descerem ao terreno convulso da acção. Indigitou-os mesmo como os fomentadores de certos odios, que culminaram no entrechoque sangrento de 1914.

A contemplação da crescente paganização das sociedades, nos annos que precederam a Grande Guerra, e o tumulto das horas, cheias de inquietudes e ameaças, que vivemos, levam-me a pensar, em contrario a Benda, que a trahição consistiu no afastamento voluntario do terreno da acção.

Foi o desinteresse dos intellectuaes que mais poderosamente talvez concorreu para o cahotico panorama politico do mundo. Foi a falta dum pensamento vivificador e salvador que facilitou a gradativa materialização da sociedade moderna. Tivessem os intellectuaes cumprido o seu dever de amantes da sabedoria e da verdade, não perdidos nos excessos do racionalismo, do materialismo e do pragmatismo, e outras talvez fossem as condições da nossa civilização.

Por isso applaudi o pensamento do jovem ensaista patricio Affonso Arinos de Mello Franco, quando no seu recente livro *Introdução á realidade brasileira*, conclamava os intellectuaes da nossa terra a um interesse intenso pela causa publica, e uma actuação efficiente e plasmadora na organização da nossa vida social.

A trahição aqui seria deixar que os materialistas grosseiros, os ideologos sem ideaes ou de ideaes destruidores, exercitassem a seu talante, no organismo patrio, as suas experiencias egoisticas e limitadas. O dever, portanto, é agir no campo politico, pela doutrinação e pela pratica, afim de suster em tempo esse resvalamento para a animalização total.

Agir por meio de um corpo de doutrinas capaz de apresentar soluções reaes e humanas aos problemas da epoca. Nada de utopias, de enternecimentos diante da bondade natural do homem, de enthusiasmos accesos por palavrorios

resonantes e ridiculos, de theorias famosas e odientas, mas o estudo do clarividente e sereno das questões, a realidade nos seus multiplos aspectos, o conhecimento total da natureza humana, com suas elevações e baixezas.

E nesse terreno, poucas doutrinas terão, como a da Igreja Catholica, a experiencia milenar, a ductilidade de adaptação, a grandeza de ideais. Por isso, não só ao intellectual catholico, mas ao catholico conhecedor seguro da sua doutrina, incumbe esse dever inadiavel de influir na vida politica do paiz.

Mas a politica entre nós, como talvez em toda a parte, desceu a estagios taes de degradação e semvergonhice, que aos homens de character e de sadia hygiene mental repugna o trato diario com ella. O resultado é o circulo vicioso em que vivemos. A politica é vergonhosa e baixa porque os homens de pensamento e de cultura della se afastam, e estes della fogem porque não lhe toleram a degradação.

Quem ajudará a politica a se libertar do atoleiro a que a lançou a nossa republica agnostica? Os proprios politicos? Na sua quasi maioria são meros titeres, accionados pelo apparelho digestivo. Falta-lhes cultura, amor ao estudo, consciencia do dever, ideal patriotico, desinteresse, dedicação ao bem publico.

Alguns, que se salientam, são, em geral, dum primarismo desolador, dum confusionismo mental maravilhoso, avidos de ostentar sabenças, de tentar experiencias exoticas. Nullos de cultura historica, de conhecimento real da nossa vida e da nossa psychologia, só um desejo os anima: enxertar no organismo social uma novidade qualquer ou uma velharia com apparencias de remoçada, contanto que tragam a marca em lingua da estranja.

Os poucos, de principios sadios e de bom senso, que tentem reagir contra a corrente desvairada, são por ella alijados ou se amodorraram na displicencia das desillusões.

Esse aviltamento e essa mediocridade tem a sua explicação num facto de ordem espiritual, como o fez ha pouco notar Daniel Rops, um dos mais lucidos observadores e criticos da nossa epoca: "o nosso mal verdadeiro não é, nem a falta de homens, de instituições, de adaptação á nossa epoca; é ter perdido quasi inteiramente, em politica como em todos os outros dominios, o sentido duma lei moral".

No Brasil, vemos que o mal é perfeitamente este. O agnosticismo republicano e, porque não dize-lo? a tibieza dos proprios catholicos, foram os factores preponderantes na miseria moral da nossa vida politica. De modo que, somente uma restauração da moral, e no caso do Brasil, nação catholica, da moral catholica, poderia ir, lentamente, (não devemos sonhar com resultados fulminantes) saneando, desentortando, revigorando, o combalido mundo politico nacional.

Os hypocritas livres-pensadores (perguntai-lhes quaes são os senhores de seus pensamentos), a uma affirmativa dessas, se erguerão, furiosos, negando a catholicidade do Brasil. Os resultados das ultimas eleições são o melhor açaimo ás suas vociferações.

O certo é que se quizermos politica sã, e politicos animados do verdadeiro amor ao bem publico, devemos inocular no Organismo politico o sangue restaurador da doutrina de Christo

E ao catholico, em geral, está affecto esse dever imperativo de christianizar a nossa politica. De modo especial, porém, ao intellectual catholico que, na imprensa e na tribuna, deverá mostrar aos homens offuscados por falsas luzes, que a Igreja, na sua sapiencia divina e secular, encontra soluções e lenitivos para os problemas e males da sociedade.

Mas para isso é mister que, ou aja elle directamente na politica em postos de direcção e legislação, ou se entregue a uma catechese intensa da opinião publica. Este, aliás, é o proprio conselho do mesmo Julien Benda, melhor avisado, no seu outro livro *Le fin de l'Éternel*: “empregar-se consciente e decididamente na transformação da moral dos leigos”.

Para tal, necessita, porém, de dois insubstituiveis instrumentos: cultura e imprensa. Cultura séria e solida, bebida nos escriptos dos grandes pensadores catholicos, antigos e modernos. E no campo mais pratico da diffusão de suas idéas, um grande órgão de imprensa que actue quotidianamente sobre a opinião publica, doutrinando-a, esclarecendo-a, capacitando-a a pensar por si e a defender os seus direitos.

O aperfeiçoamento do primeiro factor de rechristianização já se vem fazendo. O movimento ascendente da cultura catholica brasileira é hoje facto inconcusso, só desconhecido ou negado por certos bonzos professoraes e sectarios, cujas idéas rançosas tresandam nauseantemente a mofo.

Falta crear o segundo. O catholico brasileiro não tem o seu jornal. A opinião politica lhe é ministrada deturpada-mente pelo jornal maçon, liberal ou agnostico, que lê.

Essa falta do diario catholico nacional é uma das maiores vergonhas de que é possivel a maioria inoperante dos nossos catholicos. Fazer politica regeneradora e efficiente, influenciar moralmente nas multidões, sem imprensa, é esforço ingente não compensado pela mesquinhez dos resultados.

Até quando permanecerá inactiva a maioria catholica, — essa bella adormecida no bosque?

IMMIGRAÇÃO JUDAICA

OSORIO LOPES

A politica de Hitler determinou a evasão de alguns milhares de judeus allemães. O Brasil ganhou, como era natural, algumas dezenas ou centenas. A naturalidade é explicada pelo facto da America do Sul ser a moderna terra da promessa (1).

Estabelecendo as bases do programma que abriu novas luzes ao problema judaico, Theodoro Herzl lançou uma pergunta que exprime a tendencia para a canalisação immigratoria rumo a estas paragens: "Palestine ou Argentine?" (2).

O Brasil está marcado... Não poderá eximir-se á penetração. Antecedentes historicos justificam a razão de ser da preferencia. Já na frota de Cabral...

Cabe-nos investigar, porém, se a immigração judaica nos é conveniente, se os judeus vêm cooperar para o desenvolvimento do paiz, no campo, ou vêm apenas augmentar a classe parasitaria das capitaes. Para a comprehensão do ponto de vista em que nos collocamos, devemos partir de um principio: é o judeu, refractario ou não, aos trabalhos agricolas?

Na sua admiravel "Histoire de la civilisation d'Israel", nota Bertholet que, nos tempos primitivos, ao lado da criação de animaes domesticos, "é a agricultura propriamente dita que occupa essencialmente o Israelita". O arado succedeu ao enxadão. Dominando ao norte. A economia rural da Palestina era caracterizada pela cultura da vinha, da oliveira, da figueira. Saul, já "ungido" como rei, toma da sua charrua e Eliseu conduz, placidamente, uma das juntas de bois do seu pae...

Na Palestina do seculo XX a vida tomou um aspecto novo. Não se aspira mais o perfume de uma civilização primitiva, nem vemos mais Saul nem Eliseu. Os imperativos da vida moderna anniquilaram a belleza de um passado que era a maior seducção dos nossos olhos melancolicos de occidentaes. Nas suas colonias e nas suas villas, os moços jogam

(1) — V. Henry Ford — *O Judeu Internacional*, pag. 36.

(2) — *L'Etat Juif*.

foot-ball e os velhos se deliciam com a musica dos radios e, talvez, dos casinos. . .

* * *

Os judeus são infensos á agricultura. Comprovam-n'os os factos, as estatisticas e os proprios autores israelitas. Dahi, por certo, a observação de Lucio d'Azevedo: "Esta repugnancia dos hebreus pelo trabalho dos campos ainda hoje é visivel, e l'ha reconhecem os seus proprios correligionarios".

Lucio d'Azevedo diz que "frequentes vezes os christãos lhes exprobaram a repugnancia pelos trabalhos agricolas e outros que reclamam intenso esforço physico. No seculo XV levantaram-se na Allemanha vozes a pedir "fossem os judeus compellidos aos serviços de lavoura" e officios mecanicos, para moderar o flagello da usura, com que muito padeciam as classes desvalidas" (3).

Outro escriptor, Mario Saa, presta um depoimento de veras precioso: "Ainda hoje em certos lugares da nossa Provincia, tal em Bragança, em que metade da população está separada da outra metade por christãos novos que são, é do conhecimento de toda gente que occupam elles todos os officios, á excepção dos agricolas e daquelles mais penosos. Preferem vadiar, sem eira nem beira, nem lugar de dormida, a submeterem o corpo a arduos trabalhos, e em que sobretudo se envolvam em ar e em sol. São sobejamente amigos da sombra, cidadãos, e gostosos de passar o seu tempo na cavaqueira dos cafés e dos grandes centros de reunião" (4).

Henry Ford corrobora: "o semita não é agricultor por natureza". (5).

E' num autor possivelmente judaico, E. Eberlin (6), que encontramos o mais forte requisitorio contra a capacidade dos israelitas para os serviços agricolas. Requisitorio que é uma advertencia para os povos tradicionalmente christãos, para o Brasil, por exemplo, que deve receber immigrants seleccionados, quer do ponto de vista physico, quer do ponto de vista moral.

Eberlin considera a immigração judaica "um phenomeno social de ordem particular", "uma corrente continua e permanente". Em 3 immigrants judeus vê um desempregado e um alfaiate. O elemento agricola é insignificante. Cidadinos e artistas — insiste Eberlin — os israelitas convergem a sua attenção para as grandes cidades, occasionando a super-população (7). E' o urbanismo em detrimento do campo.

(3) — *Historia dos Christãos Novos Portuguezes*, pags. 31-32.

(4) — *A Invasão dos judeus*, pag. 88.

(5) — *O Judeu Internacional*, pag. 178.

(6) — *les juifs d'aujourd'hui*.

(7) — *Cette concentration démesurée dans certaines cités provoque le surpeuplement, l'abaissement des salaires et les horreurs du sweating system* (Ob. cit. pag. 61).

E' a preferencia pela *cavaqueira*, pelo trabalho facil. As metropoles seduzem-n'o: Nova York, Londres, Paris, Berlim, Vienna, Varsovia, Buenos Aires, Rio de Janeiro...

Eberlin calcula que depois dos "progroms" de 1881, até 1925, 3.648.500 israelitas, em sua maioria procedentes da Russia, procuraram outras terras. As cifras são impressionantes: 2.975.000 fixaram-se nos Estados Unidos, 125.133, na Argentina, 98.828, no Canadá, 415.000, em diversos paises da Europa, 155.000, na Asia (mais de 100.000 na Palestina), 85.000, na Africa, 18.000, na Australia.

Ha, no mundo, segundo Lesczinsky, 15.783.362 judeus, ou 15.500.000, segundo o "Anuario Americano Judaico" (8). O numero de agricultores acha-se estimado em 500.000 (9).

Russia.....	175.000
Polonia, Lithuania, Tcheco-Slovaquia.....	115.000
Estados Unidos.....	90.000
Rumania.....	60.000
Argentina.....	32.000
Palestina.....	23.000
BRASIL.....	3.000
Canadá.....	2.000
TOTAL.....	500.000

Eberlin apresenta o seguinte quadro:

PROFISSÕES DE JUDEUS E DE NÃO JUDEUS

	ITALIA (1901)		ALLEMANHA (1907)		AUSTRIA (1900)		RUSSIA (1897)		EST. UNIDOS (1900)	
	Judeus	Não Judeus	Judeus	Não Judeus	Judeus	Não Judeus	Judeus	Não Judeus	Judeus	Não Judeus
Agricultura	0,3	53,3	1,3	33,1	12,8	58,1	2,5	53,0	10,0*	35,7
Industria	8,7	22,4	21,9	37,4	27,5	22,8	36,2	14,6	48,4	24,4
Commercio e Transportes	50,3	8,3	50,5	11,1	34,4	5,1	34,6	7,4	28,2	16,4
Serviços domesticos	0,3	1,4	0,5	1,6	5,2	2,2	11,9	11,2	11,8	19,2
Profissões liberaes	18,7	6,4	6,5	5,7	8,3	4,5	4,2	6,2	8,2	
Proprietarios e sem profissão	21,7	8,2	19,3	11,1	11,8	7,8	7,6	5,6		
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Os judeus desempenharam, é certo, papel saliente nos primeiros annos da nossa colonização. E' um ponto que fo-

(8) — Esses dados são de 1922 e 1924.

(9) — Queremos crer que essas cifras são susceptiveis de alterações.

(*) — Devemos essa porcentagem a um erro de revisão. Em lugar de 10% deve-se ler 2%. Foi o que verificamos consultando A. Granovsky.

calizaremos depois. Não ignoramos, por igual, o florescimento actual da Palestina. E' um caso á parte. Está subordinado ao programma sionista, Integrados na corrente partidaria do seu "Lar", os judeus não podem fugir ás consequencias impostas pelas condições do meio. A terra é o reservatorio maximo. Sem a exploração agricola é impossivel o estabelecimento de um regimen sobre bases economicas seguras. Portanto, a realização do plano sionista está intimamente ligado á agricultura. Os "leaders" do movimento têm tido um trabalho exhaustivo no sentido de obter que alguns milhares de israelitas regressem á terra. E um trabalho maior para fazer-lhes comprehender a necessidade de se dedicarem ao campo. Affeitos á vida commercial, são uns desambientados nas colonias. Granovsky estuda o assumpto (10).

A immigração judaica, em summa, é extremamente nociva aos nossos interesses. Não nos serve. O judeu não possui, por exemplo, as características do italiano ou do allemão. Não lavra a terra. Entrega-se á agiotagem das vendas de fazendas e moveis. A' prestação, sabem-n'ó todos. O "russo" que nos bate á porta, constantemente, accessivel e confiante, é filho de Israel... Legitimo.

(10) — *Les Problèmes de la terre en Palestine.*

TECHNOCRACIA

LOURENÇO DE OLIVEIRA

O norte americano gosta do numero. Da estatística. O cadastro, a tabella, a synopse, o eschema, o quadro comparativo, em que lhe surja o rendimento das cousas — tudo é para elle uma preocupação.

Dizem que William James é o pai do pragmatismo.

Lord Cecil Maub accusou-o de ser, não um philosopho mas um merceeiro, que tem na mão uma balança, a ver quantos kilos de legume rende uma idéa.

Não creio que W. James tenha culpa disso. Ao contrario, isso, no americano, é que tem culpa de W. James. Elle não é o pae e sim um filho do pragmatismo, cousa que brotou nas terras da Norte America juntamente com as batatas que honestamente plantavam aquelles “fathers” que vieram na Mayflower, soprados por um vento forte de Biblia.

* * *

Foi este preço do numero, este amor da precisão concretizada em algarismo que gerou, ultimamente, surgida de entre a formidavel crise norteamericana, a *Technocracia* ou um movimento no sentido de basear na machina, definidamente, a economia social. Com todas as consequencias da reformação: entregar a politica dos technicos da machina e abolir a moeda actual, com o systema financeiro que ella representa.

Resumirei alguma cousa do que dizem sobre *Technocracia* Allen Raymond — em artigo para a revista americana “Current History”, feb. 33 — e Simeon Strunsky — em artigo para o “New York Times”.

A palavra *Technocracia* foi posta em circulação em 1919 por William Smyth, engenheiro da California.

Só ultimamente, porém, entrou em voga, através de pesquisas scientificas da universidade de Columbia. Creouse o grupo dos technocratas.

Pretendem elles que a coordenação das energias do vapor, do oleo, do gaz e da agua, vae levantar muito mais ainda o nivel da vida, para cada cidadão.

Affirmam que o ouro e a prata não pódem continuar como symbolo do esforço humano accumulado em trabalho; não podem continuar a ser moeda. Desde que a machina é que tudo produz, cumpre que o meio circulante seja uma tradução do valor della. Dahi a necessidade de substituir o dollar pelo *certificado da energia*.

Sustentam ainda que o direito ao consumo — poder acquisitivo — existirá numa base commum, para todos.

Não haverá mais desempregados, porque, fazendo a machina quasi todo o trabalho, os homens viverão numa folga semi-permanente, do dia em que a sociedade organizar a propria engrenagem em função da machina,

* * *

O apostolo da technocracia é Howard Scott. Diz elle, em tres principios fundamentaes:

1 — A saude é producto da energia humana ou mecnica; e a saude póde ser medida na base da energia, como unidade.

2 — Como o elemento humano diminue cada vez mais, na industria, a participação humana na producção precisa deixar de ser a medida dos direitos ao consumo.

3 — O actual systema de preço accumulou tanto debito que impede a industria, na liberdade de produzir, e ao publico, na liberdade de adquirir; liberdade que existirá, no dia em que a moeda “energia” substituir ao ouro e ao credito.

* * *

Até meios do seculo 19, a machina era impulsionada pelo homem ou era o proprio homem. Mas a sua eficiencia, dahi para cá, sobretudo nos ultimos 25 annos, cresceu tanto que hoje a machina perfaz um trabalho de 9.000.000 de vezes superior ao da machina-homem.

Necessita, portanto, o systema social transferir sua base, da energia humana para a energia mecnica.

— Um oleiro, ha 5.000 annos, podia produzir, em media, 450 tijolos, em um dia de mais de dez horas. — Uma olaria moderna produz, por homem, ao dia, 400.000 tijolos.

— Um moleiro, em Roma ou Athenas, podia conseguir, em suas mós ao dia, 1 a 1½ “barrel” de farinha grossa — Um moinho de Minneapolis ou Buffalo produz 30.000 “barrels” ao dia, por homem, em dia mais curto e com uma farinha muito melhor.

Exemplo original é o que apresenta Strunsky:

Imaginemos a edição domingueira do “New York Times”, feita por copistas, em vez de officinas com lynotipistas, gravadores, estereotypistas, etc.

Suponhamos a edição com *um milhão* de palavras.

Um bom copista escreverá, por hora, 2.500 palavras vale dizer, 20.000, num dia de 8 horas. Seriam necessários 50 copistas, ao dia, para tirar uma copia do jornal.

É 37.500.000 copistas, para os 750.000 exemplares da edição. Isto significa 300.000.000 de homens-hora!

Agradeçamos a Guttenberg e seus aperfeiçoadores a possibilidade real de 1.000 artifices apenas tudo fazerem, num espaço de 6 horas. Num total de 16.000 homens-hora, somente.

—Outro calculo original dos technocratas é que, com a tecnologia actual, um standard de vida elevado poderia ser conseguido pelo trabalho só da população adulta entre 25 e 45 annos, trabalhando apenas 660 horas no anno — seja uma media inferior a 2 horas diarias.

—Tambem o consumo do homem que, na era pre-mechanica, alcançava 2.000 kilogrammas-caloria, no maximo, per capita, ao dia, póde attingir actualmente 150.000 kilogrammas-caloria.

* * *

Os dados succedem-se no sentido demonstrativo de que um homem de hoje, considerado como energia ou capacidade productora, foi, pela machina, multiplicado para 9.000.000. Um homem americano vale, hypotheticamente, a energia de 9.000.000 de romanos ou athenienses.

Simeon Strunsky accusa as estatisticas technocraticas de ambiguidade e confusão. Refaz os calculos dellas e chega a resultados mais modestos. Mesmo assim, porem, ainda são fantasticos. E mostram quanto a machina enriqueceu a humanidade de um potencial incrivel de efficiencia productiva.

* * *

O aspecto mais interessante, porém, da technocracia, porque é a tradução conclusiva e pratica de seus principios, é a proposição economica da moeda-energia, no lugar do dollar; e a substituição dos politicos pelos technicos, na direcção social.

O technocrata detesta o politico. Pela sua venalidade. Pela sua covardia. Pela sua estupidez e ignorancia, sobretudo.

“What men chiefly resent in the politician is not his alleged venality, or his alleged cowardice, but his stupidity and his ignorance”.

Seu talento é para o commercio da palavra, mas elle é um “ignoramus”, embora dirija homens traquejados em actividades que exigem, cada vez mais, conhecimentos precisos.

O technocrata volta-se então para o engenheiro, contraste vivo do politico. Porque lida com a realidade e trabalha numa base de precisão.

Pelo visto, a technocracia parece ter muito de communismo. Principalmente quando estabelece o direito ao consumo, igual e commum para todos, baseando-o, não na productividade humana, que é quasi nulla, mas na da machina, que é quasi tudo.

O technocrata responde:—Comparado com a technocracia, o communismo é uma sentimental deificação do operario e o socialismo, um romantico movimento intellectual. *Communism is a sentimental deification of the worker and Socialism is a romantic intellectual movement* (Jefferson Chase, in "Reader's Digest", fev. 33).

* * *

Não deixa de ser original e, á primeira vista, aparente de verdadeira, a theoria technocratica.

Quando o homem se perde, actualmente, pela machina, pelo desequilibrio entre o aperfeiçoamento della e a desperfeição humana e social, é engraçado que, na patria maior da machina, se busque, nella o remedio ao mal que ella mesma tem produzido. É o *similia similibus* inspirando ainda o filho de Adão.

A machina teria sido admiravel si tivesse sido entregue a uma humanidade toda igual aos scientists que a inventaram e aperfeiçoaram.

Si o mundo fosse uma congregação geral de Edisons e Marconis, que maravilhas não conseguiria elle com a electricidade e as ondas hertzianas !

Desgraçadamente, porém, elles são cumes altos, insulados, acima dos horizontes, emquanto a caudal humana corre, grossa, disturbada, irrequieta, cá em baixo, apertada em um fundo difficil de vale, accidentado e tortuoso.

Caem-lhe, dos cimos serenos, os frutos da sciencia, que elle adapta soffregamente ás necessidades estreitas de suas ambições e suas lutas.

Repugna, á cultura latina, o conceito simplista de salvação pela technica, destes Howards Scotts.

Não ha muito, Gilberto Amado, falando sobre a Escola de Sociologia de S. Paulo, affirmava, muito lucidamente:

"O segundo ponto a frisar — consequencia do primeiro — é que a Escola não deverá ser um ninho de "primarios", um fóco de formação de primarios, isto é, de *technicos*, no sentido americano da palavra. O primario tem sido a praga da democracia: o primario é mortifero: o primario é a maior praga do mundo moderno. O primario é um novo rico, é um recém vindo da cultura. Installa-se no centro da vida como si ella tivesse começado com elle. Desconhece o passado. Grecia e Roma, para elle, não existem. É capaz de perguntar quem foi Julio Cesar. . .

Articula-se a tudo que é mechanico, na vida, mas fica fóra de tudo que não é mechanico”.

* * *

Quando, porém, se corrigirá a sociedade de seu profundo desequilibrio?

Vivemos a hora do *homem-massa*, que descreve Ortega y Gasset, na “Rebellion de las masas”. O homem-massa, que encontrou o conforto physico. Que adquiriu mentalidade intransigentemente reivindicadora.

Outrora, diz o sociologo hespanhol, a vida era uma limitação, uma obrigação, uma dependencia, soffria a compressão exterior, no dominio social, no juridico e até no ambiente cosmico. Mesmo para o rico, o mundo era um ambiente de pobreza, de suspresas, de perigos.

Mas a nova vida politica, a technica, a sciencia, — continua o autor, deram ao homem seculo 19 uma idéa de progresso espontaneo e inesgotavel. Acha que tudo é manifestação da natureza e se conduz como inconsciente herdeiro de um passado grande e genial. . .

— Eis o grande mal da sociedade moderna. Hipertrophiado pela irrestricção subjectiva, impulsionado por uma deformação nacional de seus direitos e obrigações, quebrada a harmonia da personalidade no meio humano, o homem moderno perdeu o rythmo vital que accusa a normalidade do funcionamento sadio, perturbando profundamente o metabolismo social.

Celulla de um organismo complexo, desviou-se da noção de que a cellula viva só na interdependencia, e interceptou, pelas exigencias de seu instictivismo desregido, a circulação vitalizadora da sociedade.

O que tem diante de si, entende que surgiu obrigadamente para elle.

Esquece-se de quanto custou á humanidade construir a civilização em que vive. Assenhoreia-se de um conforto elaborado em seculos e seculos de paciencias e martyrios, sem avaliação nenhuma da tradição humana que elle estaria chamado a continuar e perpetuar.

Vivemos uma epoca de hedonismo, inteiramente desaparelhada da altura moral que lhe presuporia a perfeição scientifica.

As consequencias quaes serão?

A ausencia de um novo poder espiritual nesta epoca que é uma epoca revolucionaria, diz Augusto Comte, produzirá uma catastrophe”.

Contemplemos um formigueiro, na sua vida normal de operosidade. Ha objectivos nitidos, que a miuda população se obriga a realisar. Ha o caminho traçado pela experiencia das vanguardieras, que chegaram até a arvore, até a seára,

donde se abastecem. Na estrada batida, ellas vão e vêm. Infatigaveis, constantes, ordeiras. Que uma propositada mão, entretanto, lhes intercepta a passagem. E' o vai-vem, é o confusionismo, é o desrithmo da marcha, a desorientação do rumo, o entrechoque das unidades sociais, a desordem do formigueiro. . . Mas, afinal, depois de muito desandar, reencontram o rythmo, rebatem a estrada e a vida normaliza-se. Quem nos reconduzirá ?

O VERDADEIRO E O FALSO NACIONALISMO (*)

D. JOÃO MARIA, BISPO DE LINZ

A grande guerra mundial foi uma grande guerra de povos. Já o dissera o Salvador: "Levantar-se-á povo contra povo e reino contra reino". (Mt. XIV, 7). Falso, exagerado nacionalismo desde muito antes havia separado os povos. Depois dessa homicida guerra fundou-se, é verdade, a pacífica Liga das Nações, da qual fazem parte mais de 50 paizes; mas nem por isso a verdadeira e duradoura paz mundial está de forma alguma assegurada. Antes que desapareça o nacionalismo corrompido, não poderá soar a boa nova christã: "Paz na terra aos homens de boa vontade" (lc. II, 14).

O *nacionalismo* degenerou numa especie de heresia do nosso tempo; papas e bispos tem-nos disso advertido repetidas vezes. Tambem a mim impõe o cargo de pastor o dever de falar uma vez sobre isto clara e abertamente, antes que outros mais sejam empolgados e arrastados pelo erro do moderno nacionalismo. Nisto não tenho em mira politica nenhuma, mas exclusivamente a verdade pura do Christianismo; tambem não viso a determinados amigos e adeptos de correntes e partidos politicos nacionalistas, mas apenas examino o programma e idéas basicas. Pois, como os bispos da Austria, já declaramos na pastoral collectiva de 7 de Fevereiro do anno findo: "Tambem nós temos que dizer uma palavra sobre o nacional-socialismo, porque a elle se filia, de boa fé, um numero consideravel de bons catholicos, que d'elle esperam prosperidade e salvação. Tanto mais nos cumpre falar d'elle, quando o seu programma não se limita ao campo da politica, mas passa ao campo da religião".

Apresento quatro verdades fundamentaes, que assignalam o *verdadeiro e o falso nacionalismo*, e que, por isso, devem servir de guia e balisa a todos os homens de boa vontade.

(*) — Carta Pastoral dirigida aos seus jurisdictionados por Dom João Maria Gfollner, bispo de Linz (Austria), em 21 de Janeiro de 1933

PRIMEIRA VERDADE--A HUMANIDADE É UMA SÓ FAMÍLIA

De Adão e Eva deriva todo o genero humano. Esta é a doutrina catholica, e "sobre a unidade do genero humano não subsiste hoje duvida seria", declara breve e perspicuamente Pio XI na sua Encyclica de 6 de Janeiro de 1928. (*Mortalium animos*). Adão foi o primeiro homem, Eva a primeira mulher, "a mãe de todos os viventes" (Genesis III, 20). O livro da Sabedoria (X. 1) e o testemunho de Christo (Mt. XIX, 4) confirmam este conceito basico da narração mosaica da criação, e expressamente o repete Paulo no Areopago de Athenas: "Deus fez de um só toda a raça dos homens espalhar-se sobre a face inteira da terra" (Act. dos Ap. XVII, 26). Não havia, portanto, nem antes de Adão nem juntamente com Adão e Eva, outros homens, mas todas as raças humanas e typos de povos se originam do mesmo pae, Adão e da mesma mãe, Eva.

Por isso, todas as raças e nações são um só tronco e ramos, brotados da mesma raiz; por isso tambem são todos os homens irmãos, por isso é toda a terra com seus 1800 milhões de homens uma só grande familia de povos, unidos todos pelo mesmo sangue e pela mesma origem, todos igualmente dotados com a mesma natureza humana e os mesmos direitos naturaes, sem que, de per si, povo algum seja de raça mais nobre ou inferior.

Por isso, tambem Santo Agostinho dirige á Igreja as seguintes palavras: "Por tua doutrina sobre os protoparentes unes os cidadãos, os estados, sim, todos os homens, não só em uma grande sociedade, mas de certo modo em uma grande familia". (De mor. eccl. cath. I. cap. 30). Esta relação de familia exige tambem sentimento de familia, e a condição basica do sentimento de familia é, antes de tudo, *justiça*. Ha direitos humanos inalienaveis tanto para os povos cultos como para os primitivos; tirar estes direitos é e será sempre uma violencia deshumana, ainda que esta já se tenha effectuado ha seculos, por mais vantagens que tenha trazido: pois a igreja condemnou a opinião segundo a qual "o direito consiste no facto material, e um facto favorecido pela sorte não diminue a santidade do direito" (Syllab. 59, 61). Sim, povos vencidos podem ser humilhados, porém não se pôde pô-los de lado como sem direito ou com menos direito, e ás minorias nacionaes não pode ser negada a protecção do direito das gentes. St. Germain e Versailles contem ainda gravissima injustiça, que reclama reparação, sem o que provocará a justiça de Deus.

Mas a perfeição do sentimento de familia é o *amor ao proximo*. O nosso *proximo* é todo homem amigo, ou inimigo, e por isso tambem todo povo e toda nação. Odio de raça é antichristão, odio nacional é contra o segundo mandamento principal da caridade christã, que diz: "ama teu proximo como

a ti mesmo". Já Malachias, o Profeta do Antigo Testamento, queixando-se, pergunta: "Não temos todos nós um só Pae? Não nos creou um só Deus? Por que então um despreza o outro?" (Mal. II, 10). Também para a grande família dos povos Christo impoz como mandamento supremo: "Dou-vos um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, assim vós vos deveis também amar mutuamente. Nisto todos conhecerão que sois meus discipulos, si vos amardes uns aos outros" (João XIII, 34). Quem, portanto, pregar o odio de raça e atizar inimizades nacionaes pensa e age como os pagãos gregos e romanos, como barbaros, isto é rude e cruelmente. Caridade geral entre os homens e por isso, também entre os povos é lei fundamental do Christianismo verdadeiro. Breve e expressamente declara, por isso o Santo Padre na sua Encyclica (*Caritate Christi compulsi*), de 3 de Maio de 1932: "Si nas relações entre um e outro povo se aninha o egoismo, não ha mais excesso algum que não pareça justificado; e, o que foi considerado em todos os tempos como condemnavel entre particulares, reputa-se licito e digno de louvor, logo que seja feito em nome de um nacionalismo exagerado. Ao grande mandamento de amor e fraternidade humana, que abrange todas as nações e povos e que os reúne numa só familia, com um só Pae que está no céu, succede o odio, que arrasta todos á beira da perdição".

Ora, este espirito de caridade christã é bastante ignorado pelo nacional-socialismo. Mais até: em escriptos e obras relevantes, em discursos e reuniões, incita abertamente ao *odio feroz* e ao *chauvinismo fanatico* (Adolpho Hitler, *Mein Kampf*, pag. 714 e 475), contra outros povos, outrora inimigos. E como o odio socialista de classe, também o odio nacional-socialista de raças é incompativel com o verdadeiro Christianismo, do mesmo modo como não se unem o fogo e a agua. Membros de uma e mesma familia universal não se podem guardar mutuamente sentimentos de odio irreconciliavel e sede de vingança; antes devem perdoar e esquecer até mesmo injustiças reaes. O Christianismo é a religião do amor, não da vingança: esta ultima pertence a Deus, o qual no Antigo (Deut. XXXII, 35) e no Novo (Rom. XII, 19; Heb, X, 30) Testamento declara solemnemente: "A mim pertence a vingança e Eu a retribuerei a seu tempo".

SEGUNDA VERDADE: O VERDADEIRO NACIONALISMO CHRISTÃO É CONFORME A VONTADE DE DEUS E APPROVADO PELA IGREJA

Como em cada familia assim também ha na familia dos povos differenças corporaes e espirituas. Signaes e propriedades corporaes: forma do craneo, côr e cabellos mudam no decorrer dos tempos em consequencia do clima, da alimenta-

ção, do modo de vida e de outras causas, e formam assim as diversas *raças* humanas. A estas propriedades physiologicas das raças unem-se, não essencial mas muitas vezes intimamente, propriedades espirituaes, como um idioma commum, cultura commum resultantes de desenvolvimento historico, usos e costumes communs. Este conjuncto de caracteristicos corporeo-espirituaes, que são proprios de um grande grupo de homens e que distinguem uns de outros, denominam-se tradicional e popularmente — *Nação*, e, por isso, fala-se de lingua nacional, de costumes e usos nacionaes, de cultura nacional, etc. Quando a nação se torna conscia destes elementos nacionaes communs nasce o sentimento e a consciencia nacional, que se manifestam em poesias, canticos, hymnos, solemnidades, trajos e cores nacionaes; e, ás vezes, transbordam até num certo e justificado orgulho nacional.

Será tudo isto razoavel e conforme a natureza? Será tambem Christão? Sem duvida! O autor do genero humano quiz que, dessa forma, se desenvolvessem toda a riqueza e a grande variedade da natureza humana, que Elle doutou com as prerogativas mais diversas. Todas ellas juntas deveriam formar um quadro harmonioso para maior gloria daquelle que disse na criação do primeiro homem: “Façamos o homem á nossa imagem e semelhança” (Gen. I, 26) Cada nação deve a seu modo contribuir para o louvor commum de Deus, emquanto que todas as nações juntas deviam cantar um hymno grandioso de agradecimento, como o ouviu João, o vidente de Pathmos, no mysterioso “cantico novo” que terminava com esta confissão: “Ó Deus, Tu nos remiste com o teu sangue dentre todas as tribus e linguas, dentre todos os povos e nações” (Apoc. V. 9). Apreço, amor, enthusiasmo e até justo orgulho pela propria nação fundam-se no mais intimo da natureza humana, e por isso mesmo approva-os Deus, o Autor da natureza, sendo portanto naturaes, razoaveis, justificados e verdadeiramente humanos.

Por sua vez tambem a Igreja reconhece e admite sem reserva este bem entendido nacionalismo. Pois a ordem sobrenatural da graça não destróe a ordem natural, mas apenas eleva e ennobrece, como tambem fala o actual Santo Padre, na sua Encyclica (*Caritate christi compulsi*) do “justo amou da Patria e de justo sentimento nacional, que o conceito verdadeiro da caridade christã não só não desaprova, mas antes santifica e anima”. Disto justamente abundam exemplos na Historia Sagrada. Quasi nenhum outro povo amou a sua nacionalidade tão entranhadamente como o povo eleito do Antigo Testamento. No duro exilio os israelitas, captivos, sentavam-se junto dos rios de Babylonia e choravam ao pensar na patria de Sião. Instados pelos seus vencedores a cantarlhes um de seus hymnos nacionaes, penduravam, tristes, suas lyras nos salgueiros, no meio daquelle pais — pois como po-

deriam cantar os canticos do Senhor em terra estranha? Esquecer Jerusalem, o centro de sua alegria? — Não, nunca, jamais! Antes poderiam esquecer sua direita, antes se prendessem suas linguas (Psalm, 136, 1-6). “Como o verdadeiro amor da patria resôa tão emocionantemente nos sons da harpa davididica! Como rejubila no *Magnificat*, da Mãe de Deus, porque “o Senhor de Israel tomou debaixo da sua protecção a seu servo”! Como é tambem maravilhosamente profundo o patriotismo do Salvador! Toda a sua vida e obras quadram com os usos, costumes e habitos da sua patria, fala o idioma do seu povo, propõe sua doutrina em imagens e parabolias, tomadas da natureza ou da historia patrias, sente com o seu povo, por sua grandeza e humilhação, fala com angustia da sorte tenebrosa de Israel, chora sobre Jerusalem porque não conhecera o que lhe servia para a paz; e, mais que nunca, este amor pela propria patria prorompe tocantemente naquella scena, em que, ao contemplar do Jardim das Oliveiras a cidade e o seu majestoso templo, ante o pensamento de que toda essa grandeza, o orgulho da nação, deverá cair em ruinas — effunde lagrimas amargas; tanto Elle sente a sorte de seu povo. Sim, era a sua terra, a terra promettida e santa, a sua patria, que viu completar-se a sua missão e sua vida” (Huonder — *Aos pés do Mestre*, 38. *Meditações*).

Este patriotismo do Mestre acceitou-o a Igreja, conservando-o, defendendo-o e consagrando-o. A cada povo deixa ella a sua individualidade, a cada nação se adapta com delicada e prudente differença; permite, ainda que só excepcionalmente e quando certos motivos o exigem, que se empregue, em parte, na santa missa e na sagrada Lithurgia a lingua do povo; mais ainda, esta ultima ella o exige e defende imparcialmente contra a suppressão violenta no ensino religioso das crianças e nos sermões ao povo crente, como Pio XI repetidas vezes, e ainda ha pouco, o reconheceu tão decididamente para os allemães no Tyrol do Sul, aos quaes, nos ultimos tempos, se procurou privar inteiramente deste direito natural (Numa audiencia do Cardeal Piffl e do bispo Berning, de Osnabruck).

De facto, a Igreja, longe do internacionalismo incolôr e superficial da Social-democracia, é a melhor guarda e a mais sincera defensora do genuino sentimento nacional, do amor ao torrão natal e do patriotismo fervoroso, cujo fundamento mais firme ella protege e conserva. O amor da patria é definido por Santo Thomaz de Aquino como o exercicio das virtudes da justiça e da piedade, (S. Th. II, 2 qu. 101, art. 1) a que pertence tambem a fidelidade: e os traidores da patria, a começar pelo grego infiel Ephialtes, até os Judas nacionaes de hoje, que causaram dôr immensa ao nosso paiz e ao nosso povo, merecem, conforme o conceito christão, o lugar em que os põem o immortal poeta italiano Dante, no infimo circulo

do Inferno (Div. Com. Inferno, Cant. XXXII, 70 até XXXIII 91). Religião e Christianismo exigem do verdadeiro amor da Patria, em dadas circumstancias, até o sacrificio da vida, na guerra justa, e por isso as nações christãs teem em grande honra os sepulchros e monumentos dos guerreiros tombados em combate.

Porem o nacionalismo, em si approvado por Deus e pela Igreja, torna-se innatural e antichristão quando degenera, como hoje tristemente acontece, frequentes vezes. Neste particular salienta-se consideravelmente o nacional-socialismo, que degenera em materialismo de raças e que cummula no "mytho de sangue"; pois outra cousa não é apreciar a raça humana exclusivamente pelos signaes corporeos sem advertir nos mais altos valores espirituaes. E' na veradde uma exaggerada illusão racista pensar que "tanto a força como a fraqueza do homem provem só do sangue" (Mein Kampf", pag. 372), e o que neste mundo não fôr raça pura é "restolho" (Lc. pag. 324); é illusão frivola comparar a pureza de sangue do ariano com a innocencia dos nossos primeiros paes no Paraizo, e a primeira queda com a mistura das raças (pgs. 324, 359), chamar "o peccado contra o sangue e a raça o peccado original deste mundo" (pag. 272); é illusão desapiedada apresentar no interesse de uma raça sã a "esterilisação de homens defeituosos como a acção mais humana da sociedade (pag. 279). Tudo isso é recaida em nefasto paganismo e considera a pureza da raça debaixo do prisma meramente materialista. Do mesmo modo é antichristão rejeitar desprezivelmente, por preconceito de raça, o trabalho ecclesiastico das missões nos paizes pagãos (Mein Kampf, pag. 446). As doutrinas nacional-socialistas sobre as raças são inteiramente inconciliaveis com o christianismo e por conseguinte devem ser recusadas resolutamente.

Isto tambem vale no que respeita ao anti-semitismo radical, que é apregoado pelo nacional-socialismo. Desprezar, odiar e perseguir o povo judeu só por causa de sua origem é deshumano e anti-christão. Taes programmas sempre foram condemnados pela Igreja, que, em todos os tempos, protegeu o povo israelita contra o odio injusto, assim ainda ultimamente, num decreto romano (S. C. S. Officii, 25 de Março 1928) que diz verbalmente: "a Igreja Catholica sempre costumou rezar pelo povo judeu que foi portador das promessas divinas até Jesus Christo apezar, ou justamente, por causa, da sua obsecação. Movida por este Amor, tomou a Sé Apostolica este povo sob sua protecção contra offensas injustas, e assim como desaprova toda inveja e todo ciume entre os povos, condemna particularmente o odio contra o povo outrora escolhido por Deus, o odio que commumente se costuma designar com a palavra anti-semitismo. "Com este ponto de vista da Igreja é tambem inteiramente incompativel conde-

mnar a Sagrada Escripura do antigo Testamento por causa do anti-semitismo. Antigo e Novo Testamento estão intimamente unidos conforme a sentença de Santo Agostinho: "O Novo Testamento está occulto no Antigo Testamento. O Antigo Testamento manifesta-se no Novo". (*De cathecisandis rud* c. 4).

Differente, sem duvida, das tradições e da religião judaicas é o *espírito internacional judeu*. De facto exercem muitos judeus incredulos uma influencia assaz nociva em quasi todos os campos da vida cultural moderna. Administração e commercio, negocio e concurrencia; advocacia e medicina, transtornos sociaes e politicos são amiude causados e impulsionados por doutrinas liberaes e materialistas, que se originam principalmente do *judaismo* social. Imprensa, livros, theatro e cinema [estão muitas vezes repletos de tendencias frivolas e cynicas, que envenenam a alma christã do povo até o intimo, e que são alimentadas e espalhadas preponderantemente pelo judaismo. O judaismo degenerado, mancomunado com a maçonaria universal, é tambem, em grande parte, portador do *capitalismo mammonista*, e fundador e apóstolo do socialismo e comunismo, arautos e precursores do bolchevismo. Combater e desfazer esta influencia perniciosa do judaismo é não só pleno direito, mas estricto dever de consciencia de todos os bons christãos; e seria de desejar que tanto da parte dos nacional-socialistas como da dos christãos maior attenção se prestasse a estes perigos e danos suscitados pelo espirito judaico; e que fossem combatidos com maior força e não, aberta ou occultamente, imitados e fomentados. Em tempos idos, particularmente nas cidades italianas, dava-se para moradia á população judaica uma região propria, um assim chamado *Ghetto*, para banir o mais possivel o espirito e a influencia judaica; o tempo moderno não precisa mais expulsar os judeus, mas devia, pela legislação e administração, exigir um forte dique contra toda a immundicie espiritual e contra a corrente torva da immoralidade, que sahindo principalmente do judaismo ameaça innundar o mundo. Todavia, não se pode deixar de conceder, sem reservas, que tambem entre os judeus haja caracteres nobres.

Si portanto o nacional-socialismo pretende incluir no seu programma tão somente este *anti-semitismo espiritual* e ethico, nada o impede; mas, então, não esqueça que o mais forte baluarte contra o ataque espiritual, tambem do atheismo judaico, é sobretudo a Igreja Catholica, e não acirre um anti-semitismo racial por sua presumpçosa divinização da raça ariana. Não é "pelo teutonismo que o mundo se restabelecerá" mas só ha salvação e restabelecimento para os povos da terra num nome, no nome de Jesus, como já o annunciou Pedro (Act. Ap. IV, 12).

TERCEIRA VERDADE — NAÇÃO E ESTADO SÃO DISTINCTOS
E O ESTADO ESTÁ ACIMA DA NAÇÃO

A nação só alcança consistencia, prosperidade e segurança quando, politicamente tambem se coaduna com um Estado. A nação encarna apenas uma idéa; o Estado é que lhe dá plena vida e expressão. Para isto ha diversas possibilidades, como ensina a historia. Pode uma nação dividir-se em varios Estados independentes: ou formar em sua totalidade um Estado unico, e, portanto, nacional: ou despedaçar-se e submeter-se a differentes Estados ao mesmo tempo; finalmente podem tambem diversas nações unir-se num Estado, como a antiga monarchia austriaca, que abrangia numerosas nações sbore a mesma casa reinante.

Não é possivel, certamente, negar que a unidade nacional seja de muitas vantagens para o Estado, favorecendo poderosamente a concordia e a cohesão, como diz o poeta: “queremos ser um só povo de irmãos e sem separar-nos em nenhuma necessidade ou perigo” (Schiller, Guilherme Tell, II Acto). Consequentemente, a união de uma nação numa unica entidade politica é em si um bem, cuja obtenção pode até ser procurada por justos meios legaes. Mas, por outra parte, encontram-se outrosim vantagens na união politica de diversas nações, formando um Estado commum. Pois o odio de raça e a aversão nacional é hoje tão grande, que ameaça constantemente a paz do mundo. Que havia, então, si as nações por completo se desligassem e se separassem politicamente umas das outras? A confederação politica de diversas nações têm tambem vantagens não de todo insignificantes para o progresso cultural. Cada nação tem seu lado bom e seu lado fraco, suas virtudes e seus erros. As boas e as más qualidades estão frequentemente distribuidas de tal forma que os defeitos de uma nação são suppridos pelas qualidades das outras. No hespanhol louva-se o cavalheirismo, no francez, a distincção, no italiano o talento artistico, no allemão a profundeza. Dá-se aqui factio identico ao que se póde observar nos individuos entre si. Assim pela união politica de diversas nações, cada uma dellas se absterá de mesquinha estreiteza de vistas no julgamento mutuo: o raio visual se alarga. Se porem, as fronteiras das nações se tornam fronteiras dos Estados facilmente entra o acanhado exclusivismo nacional. Isto se applica a todas as correntes nacionaes extravagantes, logo, tambem, á “Reunião de todos os povos germanicos”. Digna de consideração é a palavra do Rei da Hungria, Santo Estevão: “Um reino em que domina uma só lingua e um só character do povo é debil e fragil:”

A este respeito decide em ultima analyse a historia e os direitos bem adquiridos. A nação não tem o direito de quebrar simplesmente o systema politico de Estados em nome

do principio da nacionalidade, e fazer a união no estado nacional sem se preocupar com os direitos historicos. Nenhum Estado tem o direito (unicamente no interesse da união nacional, talvez sob o titulo de "uma assim chamada Irredenta") de, pela força e contra o direito, separar de outro Estado membros da propria nação, e de incorpora-los a si por annexão nacional. E si outro Estado quizer impedir pelo seu auxilio uma acção assim violenta, não se lhe poderá vedar em nome do assim chamado principio da não intervenção que é condemnado pela Igreja (Syll. 62). Em caso contrario professar-se-ia a opinião inteiramente falsa, consoante a qual "a quebra do mais sagrado juramento e toda acção, ainda mais criminosa, ignominiosas e contraria á lei eterna, não só não são condemnaveis, mas até inteiramente licitas e summamente louvaveis quando praticadas por amor á patria", é esse um dos axiomas do principio absoluto nacionalista tambem condemnado expressamente pela Igreja (Syll. 64). Um principio nacionalista extremo que só conhece e reconhece Estados com limites nacionaes é pelo menos muito perigoso, porque não pode ser realisado sem violação aberta de direitos historicos e por conseguinte sem meios moralmente illicitos.

Tudo isso não são meras reflexões politicas, mas exclusivamente verdades moraes e juridicas que obrigam tambem as nações e os Estados; pois não existe moral "absoluta" de estado, independente de Deus e da lei natural; não existem soberanos direitos nacionaes que possam, em nome do povo e da nação, contradizer aquellas prescripções divinas e immutaveis que são promulgadas pela Igreja em nome de Deus. Tambem sob este aspecto o nacional-socialismo deve submeter o seu programma do "Terceiro Reino" a um profundo exame de consciencia, e então verá a sua opposição em mais de um ponto aos principios christãos acima expostos. Conforme taes principios, impossivel será manifestar um odio assim doentio e profundo contra a Austria antiga, como o que irrompe na sua obra prima do guia do nacional-socialismo. O pensamento austriaco tem pelo menos o mesmo direito de existir como o pensamento allemão, e não deve ser denegrido e menosprezado. A Austria imperial era a corporização do nacionalismo christão mais ideal e ainda hoje é admirado enthusiasmicamente pelos homens mais nobres e eruditos. Si é licito sentir como allemão, seguramente com o mesmo direito se poderá sentir tambem como austriaco, pois a nação não quadra com o Estado, e um passado grande e glorioso não pode ser ignorado em nome de uma idéa nacional pequena e estreita.

QUARTA VERDADE — ACIMA DE TODO O NACIONALISMO ESTÁ A RELIGIÃO, QUE NÃO É NACIONAL, MAS SOBRENACIONAL

A nação não é o que ha de mais alto, e tambem o Estado não pode ser endeusado; o mais alto para cada nação é e

será a religião. Heróes nacionaes e idolos do estado não são grandezas absolutas; são muitas vezes iguaes ao deus dos Philisteus — Dagon, que cahiu em terra diante da arca do Deus verdadeiro. Um povo que deifica a idéa nacional adultera o conceito da verdadeira religião, que nunca é nacional, mas sobrenatural.

Religião, porém, não é cousa particular, abandonada ao criterio subjectivo de cada um, mas sim verdade e preceito objectivo. O que seja genuina e verdadeira religião não o determina, por isso, o homem, menos ainda o “Estado absoluto” ou as soberanas “Nação e Raça”, mas só e unicamente o proprio Deus e em seu nome e a seu mandato a verdadeira Igreja por Elle fundada; e em todo o orbe só ha uma Igreja verdadeira, instituida por Christo, e é esta Igreja a Igreja Catholica com o seu Magisterio infallivel, com o seu Pastor supremo, o Papa de Roma, com os seus dogmas catholicos e doutrinas moraes, com as suas verdades juridicas, meios de graça e instituições catholicas. Esta Igreja Catholica, a unica portadora da verdadeira religião, não se orienta em suas exigencias e doutrinas religiosas por pontos de vista nacionaes, nem pelos conceitos estreitos de raças, mas exclusivamente pela revelação divina, que tem o caracter de um catholico universalismo, abrangendo todas as nações.

Si a revelação do Antigo Testamento ainda estava unida a um só povo eleito, detentor das promessas messianicas, caiu esta barreira de per si no dia da instituição da Igreja Catholica, na primeira festa christã de Pentecostes, em Jerusalem. Parthas, medas, elamitas e habitantes da Mesopotania, Judéa, Cappadocia, Ponto, Asia, Phrygia, Pamphylia, Egypto Lybia e Italia, cretenses e arabes (Act. Apost. II, 9-11) — uma variedade enorme de povos, mas unidos na mesma fé e no mesmo amor em Christo, diversos pelos idiomas, mas todos cheios de comprehensão pela mesma causa e lingua dos Apostolos — eis, na verdade, a imagem ideal da familia catholica de povos na qual se cumpre o programma catholico do apostolo das gentes: Não ha nem gentio nem judeu, nem barbaro nem ecytha, nem escravo nem livre, mas Christo é tudo em todos”. (Coll. III, 11). E o melhor conhecedor deste universalismo catholico, sobre-nacional de Paulo, São João Chrysostomo, compendia este programma nas seguintes palavras “onde vale a nobreza da fé não ha differença entre barbaros e hellenos, entre estrangeiros e cidadãos, mas todos teem a mesma dignidade, pois o Evangelho é bem commum de todos, não reconhece nem differenças de Estados nem procedencia nacional ou coisas semelhantes” (Terceira homilia sobre a Epistola aos Romanos). Justamente por isso a Igreja verdadeira tem a denominação de catholica isto é universal, porque fundada para todos os tempos, portanto tambem, para o nosso seculo, para todos os paizes, logo tambem para

toda a Europa, para todas as nações, por isso também para a nação teutonica como para a romanica, ou qualquer outra nação, sem restricções nem concessões em pontos essenciaes, sem compromissos nacionaes, sem amalgamas com uma raça e sem inclusão em limites nacionaes.

Deu-se um verdadeiro acontecimento catholico, na festa de Pentecostes do anno findo, dia em que foi irradiada pelo microphone moderno da estação emissora do Vaticano a narração dos Actos dos Apostolos sobre o milagre das linguas do primeiro Pentecostes, em 24 idiomas de todo o mundo civilizado, começando pelo latim da Igreja e successivamente nas linguas dos inglezes, chinezes, dinamarquezes, francezes allemães, gregos, irlandezes, noruegueses, italianos, japonezes, espanhoes, eslovenos, suecos, holandezes, polonezes, romenos, servo-croatas, hungaros, hindús, syrios, arabes, chaldeus, malabares, senegalezes e, por ultimo, na lingua dos habitantes do Pamir, no interior da Asia.

Na verdade, nada é mais contrario ao christianismo catholico do que a nacionalisação da religião. Taes tentativas sempre na historia da Igreja terminaram lamentavelmente, por via de regra com um movimento schismatico, de separação de Roma, synonymo de completa apostasia do lidimo christianismo — desde a scisão greco-orthodoxa e a malfadada reforma de Luther, o gallicanismo francez e o febronismo allemão, até as tentativas mais novas duma igreja nacional allemã, aspiração ardente dos guias do nacional-socialismo. Todas estas tentativas nacionaes exclusivistas estão em patente contradicção com o dogma fundamental da Igreja Catholica, o Primado do Papa romano que é a vida e o ponto central de todas as nações catholicas e sem o qual a Igreja Universal se esphacelaria em innumeradas igrejas parciaes, atrophiando-se e perecendo. Não é catholico querer nacionalizar a Igreja, que, por isso mesmo, reprovou a seguinte proposição: “Podem-se constituir igrejas nacionaes isentas e completamente separadas da autoridade do Papa?” (Sill. 37) O mesmo se diga das tentativas do nacional-socialismo de germanizar o christianismo e de criar no “Terceiro Reino” uma igreja nacional allemã; pois este é afinal o sentido do paragrapho 24 no programma nacional-socialista que diz: “Pleiteamos a liberdade de todas as confissões religiosas no Estado, emquanto não ponham em perigo a existencia deste e emquanto não sejam contrarias ao sentimento ethico e moral da raça germanica. O partido, como tal, concorda com o ponto de vista de um christianismo positivo, sem se ligar confessionalmente a um determinado Credo”.

Este ponto do programma é indistincto, obscuro e, sobre todos os modos, ambiguo; quando é justamente a um programma que convem uma linguagem sincera, clara e inequivoca: do contrario dar-se-á razão ao que diz o Papa Gregorio

Magno: "A sabedoria deste mundo consiste em occultar com palavras o sentido proprio (Moral I. 10, 16)".

Abstraindo do facto de que haja uma nação allemã mas não raça allemã, rebaixa-se neste programma a religião a uma serva, ou melhor escrava do Estado. A existencia do Estado seria o criterio ultimo para se conceder ou denegar liberdade a uma confissão religiosa. Mas o Estado não é juiz sobre a religião, que de modo nenhum tem em vista finalidades do Estado e a religião verdadeira nunca, absolutamente, põe em perigo a existencia de um Estado christão. Muito menos pode portanto jamais a Igreja Catholica accèitar em silencio a imputação ou mesmo a mera suspeita de querer attentar contra a estabilidade do Estado. A só expressão desse temor ou possibilidade é uma grave calumnia, que demonstra total desconhecimento da Igreja, de sua doutrina e preceitos, de suas aspirações e designios. Toda a historia, profana ou ecclesiastica, não póde apresentar uma unica prova, um unico facto historicamente provado, pelo qual se pudesse, nem de longe siquer, conceber receio ou suspeita do character anti-estadistico da igreja catholica.

Só odientos adeptos da *Kulturkampf*, no passado, ou cegos partidarios do chamado "Estado absoluto e onnipotente", nos nossos tempos, inventaram esta balela historica, propalando-a largamente, sem ao menos sombra de prova, em obras pseudo-scientificas, em artigos superficiaes e em emphaticos discursos de comicios; só um nacionalismo chauvinista pode ver na Igreja um perigo para a nação, uma inimiga do povo e do Estado.

Outro erro dogmatico consiste na "exigencia da liberdade de todas as confissões no Estado. Considerada em principio a tal exigencia anti-christã, pois que outra cousa não significa sinão nivelar entre si todas as confissões, reconhecendo-as como igualmente boas e igualmente autorizadas. Com outras palavras: collocar na mesma plana a verdade e o erro, a luz e as trevas, o bem e o mal. Ou acaso "não mais convem em nossos dias que a religião catholica seja a unica religião do Estado, com exclusão de outro qualquer culto?" Querer affirmar isto como principio seria contradizer abertamente a declaração da Igreja (Syll. 77). Ou ainda, "foi réalmente benefico que em certos paizes catholicos haja sido determinado por lei que o exercicio publico de qualquer culto é permitido?" A Igreja peremptoriamente condemna tambem esta preposição (Syll. 78). Desejar illimitada liberdade de consciencia e de culto, ou seja o reconhecimento ou tolerancia official de todas as religiões e cultos é um principio anti-christão do liberalismo. Gregorio XVI (Encycl. *Miraris*, 15 de Agosto de 1832), já ha um seculo qualificou de absurda tolice esta liberdade de consciencia e de culto. Com effeito, "não é erro affirmar que a liberdade official de todos os cultos e a

inteira liberdade concedida a todos de externar publicamente qualquer juízo ou opinião, contribue facilmente para a corrupção dos costumes e dos corações dos povos e para a propagação da peste do indifferentismo" (Syll. 67). Pronunciarse pela liberdade de todos as confissões num programma de partido, o qual apresenta principios, significa pretender a tolerancia dogmatica de todos os erros, o que é incompativel não só com a revelação divina e com o verdadeiro christianismo, mas tambem com a sã razão.

Outra cousa é, sem duvida, a *tolerancia practica* ou politica de diversas confissões no estado, a qual, em dadas circumstancias, como particularmente em nossos tempos, não só é moralmente licita, mas pode até ser uma obrigação moral. Existindo nos Estados de hoje, as mais das vezes, varias igrejas ou confissões, não é possivel conceder a liberdade civil unicamente á Igreja Catholica, com exclusão de qualquer outra, sem provocar as mais graves consequencias. O Estado de religiões diversas, no regimen de paridade, deve dar os *direitos civis* a todas as confissões, emquanto sua doutrina não constitua um perigo para o Estado e não offenda a moralidade publica. Este principio catholico, confirmou-o Leão XIII em sua Encyclica (*Immortale Dei*, 1.º de Nov. 1885) sobre o Estado com as seguintes palavras: "A Igreja não condemna os chefes de Estados, que, visando a obtenção dum grande bem ou o afastamento dum grande mal, toleram que cada forma de culto occupe seu lugar no Estado". E' verdade que a Igreja é, em principio, intolerante contra todo erro; praticamente, porém, exerce larga tolerancia civil e politica, conforme a palavra de Santo Agostinho: "Ama o homem, mas odeia o erro" (*Sermo*. 49, 5.). E com São João Chryst. ella professa ainda hoje o principio: "Devemos condemnar e refutar as doutrinas hereticas, porem amar e rezar pela salvação dos herejes" (*De anath.* 4).

Si, portanto, o programma nacional-socialista declara só reconhecer as confissões religiosas no Estado, "emquanto não contradigam o sentimento ethico e moral da raça germanica" significa isto uma nacionalização da religião e da moral. A raça nunca é a medida do sentimento ethico e moral, mas sempre é exclusivamente o dogma ou a doutrina de fé; sem dogma ou doutrina de fé não existe nenhuma moral verdadeira, e a moral não se baseia num sentimento obscuro, mas num conhecimento claro, na convicção conscia de si e no querer derivado deste conhecimento. Com o mesmo direito, com que a raça germanica se funde no seu proprio sentimento ethico e moral, fa-lo-ia tambem outra qualquer raça ou nação; a ethica e a moral seria deste modo nacionalisada e guindada a norma de outras tantas religiões nacionaes — a verdadeira moral catholica seria subordinada ao sentimento nacional, o que significaria o fim de toda a moral sobrenacional que

obriga igualmente todos os povos. E afinal, quem determina e decide ser uma religião conforme ou não com sentimento ethico e moral da raça? Religião e moral tornar-se-iam um joguete da hypersensibilidade, nacional, dos caprichos politicos e ambições de poder nacionaes. Esta moral nacional-socialista é portanto inteiramente irreconciliavel com o conceito catholico de moral, inteiramente anti-catholico e, do ponto de vista da religião catholica, inteiramente inaceitavel.

Com maior energia ainda deve recusar-se o "christianismo positivo" tambem contido neste programma que "confessionalmente não se une a nenhum Credo determinado". Que é este christianismo positivo tão apregoado pelo nacional-socialismo? Uma expressão de todo obscura que deixa entrever tudo e nada diz. Programmas religiosos de partidos devem ser inequivocos e claros, não ambiguos e obscuros. Em verdade só ha um christianismo positivo, e este é o christianismo catholico. Tudo o mais são fragmentos, enervações, aberrações e negações, verdadeiro christianismo negativo.

Demais, um christianismo que "confessionalmente não se liga a nenhum Credo bem determinado", é um christianismo irrisorio, um systema sem cor e sem conteudo, que não é nem catholicismo nem christianismo no sentido de Christo. Um christianismo sem dogma e interconfessional é uma contradição em si mesmo: o christianismo verdadeiro é sempre confessional, é sempre ligado a um Credo bem determinado, é para os catholicos justamente o christianismo catholico romano, com seus dogmas e doutrinas bem determinadas; christianismo verdadeiro e confissão determinada não se separam. O Papa Pio XI condemnou dum modo incisivo o absoluto o assim chamado christianismo positivo em sua solemne Encyclica de 6 de Janeiro de 1928, (*Mortalium animos*), em que reprova o tal "Panchristianismo" ou christianismo universal, que estabelece uma differença entre verdades de fé basicas e não basicas, e que sonha com uma união dos christãos positivos, sem ligação com o Papa e os dogmas da Igreja Catholica. Chama a isto um "erro gravissimo que subverte inteiramente as bases da fé catholica", e lamenta "que até alguns catholicos se deixem attrahir por esta esperança". Quem defende um tal christianismo positivo, sem confissão determinada, ou não sabe do que se trata ou então é um apostolo disfarçado do movimento separatista de Roma. Em nome da Igreja Catholica, portanto, recusamos, com decisão, o programma nacional-socialista dum christianismo positivo, e protestamos contra toda tentativa aberta ou occulta de uma nacionalização ou germanização do Christianismo; a tentativa de uma igreja nacional allemã seria o começo dum novo *Kulturkampf* que desuniria ainda mais a nação allemã.

Si o paragrapho 24 do programma nacional-socialista padece de uma clareza parcial, diversos inequivocos topicos

de escriptos officiaes do partido lançam luz vivissima sobre os fins proprios do nacional-socialismo no que respeita á religião.

O christianismo é ahi accusado de haver destruido, na sua intolerancia fanatica, os altares pagãos e de ter trazido ao mundo antigo, até então livre, o primeiro terror espiritual, que ainda hoje angustia e domina o mundo, e que só poderá ser reprimido de novo por força e terror" (*Mein Kampf*, pag. 506). Isto é uma calumnia infame. Da Igreja Catholica diz-se ainda: "O seu systema doutrinal collide em diversos pontos e em parte sem necessidade alguma, com as indagações das sciencias exactas, mas apesar disto a Igreja não sacrifica uma pequena syllaba siquer dos seus dogmas. Pelo contrario guarda tenazmente as doutrinas de fé uma vez estabelecidas (Ob. c. pag. 512). Isto alem de ser uma affirmacão infundada, demonstra completa falta de comprehensão catholica.

Falam ainda disparatadamente dum—"governo-judaico-jesuitico da Igreja Catholica" (Bibl. nacional-socialista caderno 20, pag. 10); Papado e Igreja são tidos na conta de "ideas abstractas"; os escriptos do Antigo Testamento são enfileirados após as lendas allemães; faz-se propaganda de uma "nova sociedade do culto de Deus para o que não importa a confissão religiosa de cada um" (Ob. c. cad. 22, pag. 8) pl eiteia-se que no "Terceiro Reino" só gozem de protecção do direito publico de livre exercicio aquellas confissões religiosas, cujas doutrinas estejam escriptas em allemão e sejam accessiveis a todos os cidadãos (ibidem) — portanto, não ha mais logar para o culto romano-latino, com missa em latim e rito latino nos sacramentos e funcções ecclesiasticas.

Numa obra recommendada oficialmente pelo partido (Alfredo Rosenberg, *Mytho do seculo XX*, pag. 203) affirma-se sem rodeios que os valores capitaes da Igreja romana (e da protestante), sendo como são christianismo negativo, não correspondem ás nossas almas, impedem as forças organicas dos povos da raça nordica, e portanto têm de ceder-lhes o logar, deixando-se transformar no sentido de um christianismo germanico — realmente uma linguagem que nada deixa a desejar em clareza franca e na qual se exige abertamente que se elimine o "negativo christianismo romano" em favor de uma "igreja nacional germanica". Mais ainda: accentua-se que o christianismo negativo e o positivo estiveram em luta desde sempre, degladiando-se em nossos dias mais acerbamente que nunca, — e que o christianismo positivo excita de novo as forças do sangue nordico, emquanto que o christianismo negativo (a Igreja romana) finca-se na tradição syrio-etrusca, nos dogmas abstractos e nos costumes antigos. E quem nutrir ainda a menor duvida quanto á attitude hostile do nacional-socialismo em relação a Igreja Catholica considere a proposta final que reza: "Hoje nasce uma nova fé, o mytho

do sangue. . . e segundo essa fé o sangue nordico representa aquelle mysterio que supera e substitue os antigos sacramentos" (Ob. c. pag. 111). Isto é aberta declaração de guerra á Roma e ao Catholicismo, numa obra que é, sem restricções, recomendada oficialmente pelo partido, apesar das mais diversas intimações para uma retractação dessas idéas.

Agora pelo menos sabemos claramente o que o nacional-socialismo pensa do Catholicismo, de Roma e da Igreja: é christianismo negativo, que deve ser extirpado inteiramente para dar lugar a uma religião da nação germanica. Depois disso admirar-nos-emos ainda que o partido nacional-socialista haja mostrado ás vezes publicamente um proceder anti-catholico? Votou contra as concordatas, contra as escolas confessionaes, mas a favor da liberdade do duello em geral, e entre os estudantes — isto inteiramente em opposição aos principios e ás declarações catholicas.

Já na pastoral collectiva de 7 de Fevereiro do anno passado declaramos nós, os bispos da Austria, no concernente ao programma nacional-socialista: "Varios pontos do programma admittem em sua exposição as mais diversas interpretações e já por isso causam confusão. Mas affirmações oraes e escriptas de famigerados guias explicam estes pontos do programma por tal forma que a sua attitude extremamente hostil á religião e á Igreja Catholica a todos se patenteia como a luz meridiana". Depois de tudo isto podemos fazer o juizo definitivo sobre o nacional-socialismo. O nacional-socialismo está viciado interiormente do falso conceito materialistico das raças, pelo nacionalismo anti-christão, pela consideração nacionalista da religião, por um christianismo meramente illusorio. Recusamos, portanto, o seu programma religioso. Todos os catholicos convictos devem regeita-lo e condemna-lo; pois si conforme a affirmação do Papa Pio XI (*Quadragesimo Anno*, 15 de Maio de 1931), "é impossivel ser ao mesmo tempo bom catholico e verdadeiro socialista", tambem é impossivel ser ao mesmo tempo bom catholico e verdadeiro nacional-socialista. A idéa do verdadeiro nacionalismo tem certamente o seu valor, mas só emquanto estiver nos limites da idéa religiosa. Do que, portanto, mais do que nunca necessitamos nestes nossos tempos não é da idéa do nacionalismo, mas da idéa da religião, da adhesão fiel á união da santa Igreja Catholica, que roga a Deus, no tempo Paschal, "para que dê aos fieis um só pensar e um só coração" (*Dominica III post Pascha*), e "que una todas as nações na confissão do seu nome" (*Feria V. post Pascha*) Tenhamos, portanto, conforme nos admoesta São Paulo (*Eph. IV, 3-6*) "grande zelo em conservar a união do espirito pelo vinculo da paz; um corpo e um espirito, assim como fomos chamados para uma só esperança da nossa vocação: um Senhor, uma Fé, um Baptismo, um Deus e Pae de todos, que está acima de todos, age por

todas as cousas e reside em todos nós". Sejam os todos, os particulares como as nações, unidos naquella liga eucharistica das nações, que o Senhor mesmo o Autor e Deus da Paz, fundou no seu Santissimo Sacramento; nenhum Sacramento symboliza e effectua tanto a união entre os christãos, como a santissima Eucharistia, da qual diz Santo Agostinho: "Justamente por causa disso quiz nosso Senhor Jesus Christo apresentar o seu corpo e o seu sangue naquellas cousas que de uma multiplicidade se fazem uma unidade; pois o pão torna-se um de muitos grãos, e o vinho de muitos bagos". Já Paulo exaltara esta força unitiva da Eucharistia com as palavras: "Um corpo somos todos os que participamos de um mesmo pão" (*I. Cor. X, 17*).

O nosso lemma seja em todo o tempo: Fieis ao Catholicismo e fieis á Roma: só com esta fidelidade romano-catholica é que se salvaguardam o melhor possivel os verdadeiros interesses do nosso povo allemão. Os catholicos que são inimigos de Roma são tambem inimigos da nação sem o saber e sem o querer. O verdadeiro nacionalismo allemão, ao contrario, está indissolavelmente unido á Cathedra de Pedro pela historia e pelas idéas. Nunca o povo allemão era mais forte do que quando estava fielmente ao lado de Roma. A separação de Roma foi o começo de sua decadencia nacional.

Nação e Religião devem caminhar de mãos dadas e assim servir a um e mesmo Senhor e Deus; quem os desune é por isso um inimigo de Deus e da nação. A realeza de Christo é instituida para todas as nações e povos da terra — sendo o maior mandamento para todas as nações a palavra do Psalmista (*Ps. 116*): "Louvai ao Senhor todos os povos, louvai-o todas as nações, pois poderosos se manifestou sobre nós a sua misericordia e a fidelidade do Senhor permanece eternamente".

CHRONICA PEDAGOGICA

L. VAN ACKER

UMA HISTORIA MONUMENTAL DA PEDAGOGIA MODERNA

Bem disse De Hovre que a actividade catholica educativa na Allemanha, pela extensão e qualidade, equivale, por assim dizer, a tudo o mais que fazem os catholicos nas outras partes do mundo.

Nova confirmação dessa opinião traz a "Pedagogia Contemporanea" (*Die Paedagogik der Gegenwart*, Koesel-Pustet, 1933) que, em varios volumes e graças á collaboração internacional, há de constituir monumental relatorio, não tanto dos pedagogos ou das instituições educativas como das modernas idéas pedagogicas, examinadas na elaboração theorica e na influencia pratica. Em summa, uma combinação da historia litteraria de Ueberweg e da historia dos problemas de Windelband.

O primeiro volume traz como introduccão magistral estudo do Pe. Jos. Schroeteler, sobre as tendencias internacionaes na educação, de 1900 a 1930.

Além da pedagogia nacional comparada, revela-se nas correntes educativas modernas, verdadeiro rythmo internacional e humano, tanto no movimento das grandes idéas directivas como nas tendencias e lutas dos principaes poderes educadores.

Em breve capitulo retrata o autor a physionomia educativa das nações modernas civilizadas. Destacamos, apenas, o instantaneo fiel da America do Sul: "Dum movimento pedagogico caracteristico nos Estados ibero-latino-americanos só se pode falar com reservas. Existem, na verdade, elementos, havendo porém menos producção original do que acceitação do bem alheio, nem sempre organicamente adaptada á cultura e educação tradicional, em geral um pouco estagnante e entorpecida".

O rythmo das idéas pedagogicas internacionaes é muito semelhante ao movimento variegado da psychologia contemporanea. (cfr. R. Mueller-Freienfels—*Die Hauptrichtungen*

der gegenwaertigen Psychologie, Quelle u. Meyer, Leipzig, 1931). Estamos em plena reacção contra o individualismo agnostico, objectivista e mecanizador, intellectualista estreito e igualitario.

Os poderes educadores já não resumem as suas pretensões na luta entre o Estado e a Igreja. Tambem reivindicam seus direitos: *a familia* (cfr. o caso de Oregon U. S. A.; a "pacificação hollandesa, a constituição de Weimar art. 120, 146; o Codex Juris Canonici; a A. P. E. L. de França), *a grande industria, a pedagogia, as chamadas minorias nacionaes* (p. ex. na questão catalã, flamenga, irlandeza). Sobretudo reclamam e exigem voz no capitulo as grandes concepções da vida: Liberalismo, socialismo, bolchevismo, protestantismo crente e oecumenico, catholicismo:

E' obvia a tarefa dos catholicos, sejam quaes forem as questões secundarias em que possam andar divididos. Certos pela fé dos fundamentos essenciaes e inabalaveis de toda educação humana e christã, devem elles consagrar á experimentação pedagogica o tempo precioso que os descrentes gastam em construir ou reconstituir as bases philosophicas da educação. Nem por isso ficam os catholicos dispensados do trabalho theorico, philosophico ou scientifico, pois sempre é necessaria a recta interpretação doutrinaria dos resultados praticos, bem como o exame critico das theorias educativas modernas (ver tambem: Schroeteler, *Die Montessori — Methode und die deutschen Katholiken*).

Depois dum relatorio succinto dos principaes institutos internacionaes de educação ou ensino, recommenda-se aos catholicos, em face das modernas reformas, a serenidade e fé, superiores ao optimismo cego e ao pessimismo mesquinho, pois, "Christo é ainda hoje, como disse Tertulliano, a solução de qualquer difficuldade; Christo, tal como existe objectivamente no mundo e não nos caprichos da consciencia individual; Christo hontem como hoje e em todos os seculos".

Das instituições pedagogicas internacionaes mencionamos duas declaradamente catholicas:

"*Weltverband katholischer Paedagogen*" (Liga internacional dos pedagogos catholicos) fundada em Vienna em 1932 e reunindo já 40 associações de professores catholicos com mais de 200.000 membros. Presidente: Prof. Jos. Zeif, Vienna. Séde social na mesma cidade. Ahi mais uma vez se patenteia a urgencia e actualidade da Confederação de todas as associações do professorado catholico no Brasil, projectada pelo exmo. sr. dr. Everardo Backheuser. Por tal Confederação, deixando a maior autonomia aos grupos locais, é que todo o professorado catholico do Brasil poderia ser representado internacionalmente. A organização internacional do professorado catholico não se justifica apenas pelo dever de opposição á "l'Internationale des Travailleurs de l'Enseignement"

comunista de idéas e acção, senão também pela obrigação de contribuir, pelos meios mais racionaes, para a rechristianização do Mundo.

A segunda instituição diz respeito ao ensino secundario: *Comité permanent de l'enseignement moyen libre catholique*. Fundado em 1930. Secretario geral: Abbé N. Hiers, Boulevard du Jardin Botanique, 38, Bruxellas. Fim: comunicação de experiencias pedagogicas e troca de informações politico-escolares, com respeito ao ensino secundario catholico. O primeiro congresso do "Comité" foi celebrado em 1930 (Bruxellas) e relatado em *Problemes d'education dans l'enseignement secondaire*, 2 vol. Casterman, Tournai (Belgica).

No primeiro volume desses annaes, que não deveriam faltar em nenhum gymnasio catholico, estuda-se a formação religiosa e moral, intellectual e esthetica. Mons. Petit de Julleville trata com accerto da preparação para a vida, Chevalier da educação social, Mons. Picard da acção catholica no collegio e o P. Kean do esporte na educação. Abrange também o relatorio noticias sobre o ensino secundario na Hollanda, Irlanda, Allemanha, Inglaterra, Austria, Belgica, Canadá, Colombia, Congo belga, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Hungria, India ingleza, Italia, Mexico, Polonia, Portugal, Asia, Suissa, Tchecoslovaquia, Yuosglavia. — O segundo congresso do Comité deve reunir-se em Haya, em principios de Agosto deste anno. Serão ventilados os seguintes problemas: Situação pedagogica internacional; principios basicos da educação moderna; Theoria e pratica da escola nova; problemas pedagogicos nacionaes de interesse geral; O problema do exame ou prova; a pacificação internacional, do ponto de vista pedagogico. Participarão do congresso: a "Katholische Schulorganisation Deutschlands", "Alliance des maisons d'education chrétienne", de França, "Federation nationale de l'enseignement moyen libre de Belgique", "Union des établissements d'enseignement secondaire libre féminin" (França), "Catholic headmasters association" da Irlanda, "Katholieke Leerarenvereniging St. Bonaventura", de Hollanda, "Federacion de Amigos de la Enseñanza (Hespanha)", "Federazione nazionale Segli Istituti scolastici privati" (Italia), "Action populaire" de Paris e "Commission internationale d'éducation familiale" (Bruxellas).

Lamentamos a ausencia de noticias sobre o Brasil nos congressos e nas obras de informação pedagogica internacional. No "Lexikon der Paedagogik, des Gegenwart" obra de catholicos, mas louvada pelo Kerschensteiner por sua objectividade scientifica, não achamos nenhuma vez citado o Brasil, ao passo que estados sul-americanos de menor importancia tem o seu artigo proprio. Ha pouco tempo, o Pe. Schroeteler, em carta particular ao chronista, pediu noticias regulares

sobre o Brasil. Esperamos que os catholicos desta terra, interrogados, nos informem.

* * *

No livro em apreço, em seguida ao trabalho do Pe. Schroeteler, sobre a pedagogia internacional, vem estudos de grande interesse e bem documentados sobre a moderna educação na Allemanha e na Austria (Jos. Dolch) na Hollanda (L. Kleyheeg) na Inglaterra, Australia, Nova Zeelandia, Canadá. União sul africana, Irlanda, India, Rhodesia do Sul, Newfoundland, Escossia (J. T. F. Williams): Luminoso e de grande proveito para a orientação catholica parece-nos o estudo sobre a pedagogia russa pelo orthodoxo W. Zenkowsky. A educação slava, por J. Mirtschuk abrange a Polonia, Tchecoslovaquia, Ukrania, Yugoslavia e Bulgaria. Em remate, um relatorio breve mas bem informado sobre a Suissa (J. Beck).

Em proximo volume esperamos encontrar estudos sobre a Europa latina, os paizes escandinavos e os povos de ambas as Americas.

Em chronicas futuras, pretendemos publicar certos elementos desta obra digna do Catholicismo e da sciencia.

S. Paulo, 15-7-33.

LETRAS CATHOLICAS

Murillo Araujo — “As sete cores do Céu” — Livraria Catholica, 1933. Rio

Em um volume publicado ha dois annos pela solitudine benemerita da Sociedade Capistrano de Abreu e intitulado *Ensaios e Estudos*, encontra-se, entre varios outros, este pensamento, digno de attenção dos que pretendem ser conductores e não conduzidos, em qualquer esphera de actividade:

“Os homens só exercem influencia quando se adaptam ás tendencias contemporaneas... Quanto mais eminente é um homem, tanto mais nacional e do seu tempo é”.

Escreveu isto aos 21 annos de idade aquelle que poderia porventura ter sido um dos criticos mais notaveis do seu tempo, si outras seducções mais fortes não o houvessem dominado, arrastando-o para o campo em que veio a ser um dos maiores, e o maior sem duvida em sua geração. De facto em Capistrano de Abreu o historiador sobrepujou completamente o critico litterario, que se manifestára em precocidade admiravel, dadas as condições de idade, meio e epoca.

O pensamento que citamos, do seu livro postumo de ensaios e estudos de critica e historia, é discutivel em sua generalidade absoluta. Encerra todavia grande parte da verdade. Na philosophia como na politica. Na arte como no proprio dominio inferior da exploração de um ramo da industria. E' superfluo exemplificar.

Comprehendo que não fujam á regra os artistas mais requintados em sua esthese. E' humano. E' muitas vezes, em certo sentido uma inspiração providencial.

Mas dentro de que limites?

Eis o problema. E a interrogação interior se me apresentava, mais uma vez, em materia artistica, ao ler, com fino gozo intellectual que não dissimularei, as paginas do volume de versos de Murillo Araujo — *As Sete Cores do Céu*.

E' bem um representante das tendencias contemporaneas em seu dominio predilecto. Natural é que influa em outros poetas, mais jovens ainda e na inquietude dos primeiros passos. E' um artista premiado pela Academia Brasileira, que sentiu a belleza do seu poema *A Illuminação da Vida*. No volume anterior *A Cidade de Ouro* — já se reve-

lara elle artista, enamorado e vibrante ao contemplar a luz dos ceos e das praias, dos astros e das ruas, na alegria joven do Brasil que desperta.

Não é mais um estreante. Por que motivos psychologicos (e a interrogação interior me volta ao campo da consciencia) ha de preocupar-se tanto Murillo Araujo em seguir — e ás vezes exaggerar — certas excentricidades puramente de ordem material na apresentação de seus formosos versos, em que há, quasi sempre, a nota inconfundivel da poesia espontanea?

A preocupação typographica, evidente desde as primeiras linhas da folha de rosto, vai atravez de todo o volume, trahindo ou melhor fielmente revelando que o poeta não se esquece do aspecto material, em funcção do gosto predominante nas correntes mais avançadas. Um exemplo: o proprio titulo, no ante-rosto e no frontispicio:

as
sete
côres
do
céo

Outro exemplo: a suppressão systematica de maiusculas, quer no proprio nome do autor, quer nos titulos das obras anteriores enumeradas, ou dos varios poemas do volume.

Dir-se-á porventura: horror do que é banal. Pois não é licito ao artista da palavra estilizar o proprio arranjo material da pagina, fugindo á trivialidade, ao "já visto", como no dominio de qualquer arte?

Confesso que não vejo, na suppressão das maisculas, por exemplo, nenhuma perda lamentavel. Quem desconhece as incoherencias das velhas regras das grammaticas em tal capitulo?

Pois qualquer substantivo commum não adquire logo, em lingua allemã, o direito ás vistosas iniciaes que nas outras linguas só os nomes propios podem ostentar orgulhosos? E as minusculas de puro desprezo, como no caso de *diabo*, que, em rigor, quando significa Satanaz deverá ter, como este, a inicial grande?

No unico alphabeto racional e verdadeiramente scientifico, o da Sociedade Phonetica Internacional de Londres, não ha maiusculas, nem fazem falta alguma.

Mas no nosso imperfeitissimo alphabeto eu não vejo motivo para Murillo Araujo banir as letras capitaes do seu proprio nome. Nem se dirá que é modestia, porque o de Santos Dumont tambem assim está (a pag. 51). Bem sei que é simples originalidade typographica nos titulos e indices. Não vejo que augmente em um só atomo a belleza dos

poemas. Nem sei porque se haveriam então de conservar (e conservaram-se) todas as outras velhas convenções, no emprego de maiúsculas para começo dos periodos e dentro das varias estrophes.

Adivinho daqui a impaciencia do leitor: mas que importam estas futilidades? De accordo. E' a propria interrogação interior que se me renova.

E' tempo de folhearmos o volume. E não será tempo mal empregado. Desde os primeiros versos o rythmo nos vae suavemente embalando e sem esforço, em breve, estamos a meio volume.

Sente-se que o poeta não quer a rima, ella é que por assim dizer de vez em quando o obriga a acceita-la. É ainda bem. Porque, systematicamente, proscrevê-la? E' muitas vezes um dos elementos da belleza total de um grupo de phrases rythmicas. De proposito não escrevi "estrophes". Não ha, nesta poesia, livre de todas as velhas peias, a area limitada de cellas, ou cellulas ou cubiculos verbaes. O pensamento se expandirá no ambito que lhe fôr necessario. Como, porém, (e já o reconhecia Guyau ha tantos annos) os melhores versos são os que já vem metrificadados da imaginação creadora do artista, Murillo Araujo, que é poeta, não raro metrifica a rima, penso eu, sem querer, talvez até aqui e alli, em risco de parecer que está obedecendo aos velhos canones.

Assim na "Prece do Alto do Sonho", quasi toda.

*Lá embaixo as rocas e as escarpas frias
têm paraísos de amor a enflorcê-las
o mar, a enorme salamandra verde,
colleia em graça á orla das penedias...*

*Lá embaixo ha horas sem voz para dizê-las
ao luar em joia e ao sol em pedrarias!
Mas a minh'alma — Pae — cruza os golfos da noite
e se embriaga de estrellas,
quasi morta de luz, de illusão, de harmonias...*

O outro ceo e a outra infancia são as duas grandes divisões do livro.

O Poeta, logo ao abrir o volume, nos previne;

*Eu criei para o homem um outro ceo — a infancia.
e outra infancia — a poesia.*

*O Nascimento do Poeta é a historia do garoto pobre e vadio, intanguido com o gorrinho a cair sobre a face finoria, a calcinha esmaltada em remendos, descalço...
e afilhado de Nossa Senhora da Gloria.*

E' discutivel a naturalidade daquella *face finoria*. (O' Rima, ainda aqui tyrannizas?) Mas o poemeto é bem expressivo da feição do *Outro Céu*.

*Tomando a terra e o céu por divinos brinquedos,
O gury vagabundo,
De olhos rindo na luz, começou a cantar...*

Não comprehendo, porém, a ironia inutil (eu diria prosaica) das ultimas linhas: *E assim surgiu "então" mais um poeta no mundo.*

Para vosso pezar"

Ha poesia, e da mais legitima, em varias paginas do volume. *O Canto das ruas tocantes* é porventura das mais bellas. Assim tambem *O menino que se perdeu na festa*:

*Sem te achar eu serei um menino transviado
Perdido na extensão de uma sala vasia,
Que olha as molduras de ouro e os tapetes vermelhos
É se inquieta e se assombra...*

Pena é que — em diversas passagens — o preconceito de escola, o desejo de ser e *parecer* bem moderno e emancipado, leve um poeta legitimo a prosaismos, como o de citar o premio "Deutsch de La-Meurthe" e o primeiro salto de aeroplano de Santos Dumont, "heroe dos ventos", "em Issy-les-Moulineaux..."

Sei que é da nova esthetica... Como citar a rua Theophilo Ottoni, pelo nome actual e lembrar o antigo, "rua das Violas".

Mas eu prefiro *Ti' Anna*, que é bem moderno em toda a sua technica e consegue commover, sem artificios nem prosaismos. E com ella quero fechar esta pagina.

Que Murillo Araujo nos dê sempre o fino prazer de applaudi-lo em evocações de tamanha belleza. Estas não precisam de excentricidades typographicas para nos revelarem um genuino artista.

.....

*Para todos você era uma pobre preta mina;
para mim era clara como a graça do dia,
pois tinha a luz divina da alegria na face.*

*Ainda vejo você no terreiro lá em casa
junto ao forno de barro
assando para nós — e que festa! — pão doce;
o forno
até lembrava uma aurora assim em brasa...
Hoje, ti' Anna, apagou-se.*

.....

*Sua mão ignorante é que me guiou á escola.
sua lingua barbara
ensinou-me ladainhas.
(São negros no Brasil nossos anjos-de-guarda
e as fadas madrinhas
são negras assim...)*

.....

*Por onde anda você? Foi servir no Outro Mundo?
Faz brinquedos talvez com tentinhos de estrellas
para outro "sinhô-moço" — o Menino Jesus?
Mas de lá, como fosse
ainda não foi você quem me mandou Ti' Anna
a saudade — esse pão purissimo da infancia,
tão ingenuo e tão doce?*

SECÇÃO UNIVERSITARIA

A A. U. C. realizou uma sessão de despedida dos aucistas Emmanuel Pinheiro Hasselmann, Jorge Dale e Jovino Joffily, que vão ingressar na Ordem dos Dominicanos. A mesa tomaram assento os Revdmos. Pe. Leonel Franca, S. J., Fr. Pierre Secondi, O. P., Sr. Tristão de Athayde, Presidente da A. U. C., Prof. Robert Garric e aucistas citados. Fizeram uso da palavra o Sr. Presidente, Fr. Pierre Secondi, e o Pe. Leonel Franca, S. J., resaltando todos a alta significação do gesto desses moços que dão um bello exemplo aos demais. Além do aucista José Carlos Isnard falou ainda o aucista Renato Accioly, que proferiu o seguinte discurso:

Dale, Hasselmann e Jovino.

Venho aqui, procurar desincumbir-me do pedido, do nosso caro Presidente, Dr. Alceu Amoroso Lima, para que falasse em nome dos aucistas, nesta reunião de despedida de vocês trez.

Formam vocês a primeira leva de aucistas que preferiram, nesta vida, a este mundo, no qual, apesar de moços já começamos a sentir-lhe as desilusões, um outro Mundo melhor, mais elevado.

Sim, são vocês, — Dale, Hasselmann e Jovino, — os primeiros que a nossa tão querida A. U. C. vê, cheia de jubilo, passar das suas fileiras para outras, nas quaes muito mais poderão fazer por ella.

E essa alegria de que se sente possuida, tem a sua origem na constatação desse tão promissor resultado, devido em parte, á sua acção.

A nossa A. U. C. querida terá sido um dos meios de que Deus, na sua infinita sabedoria, se utilizou para que se esclarecessem melhor e pudessem escolher o caminho que vão seguir.

E para chegar até elle, muito terão pensado, muito terão meditado. Haverão considerado que nessa longa e perigosa viagem que é a vida de cada um, difficilmente podemos caminhar rectamente, sem quedas, se não encontramos um guia fiel que nos dirija os passos errantes. E tambem, que precisamos de uma regra certa que venha limitar, arrefecer, a

vehemencia das nossas paixões, os desejos injustos ou superfluos que nos assaltam, assim como, que nos é necessaria uma segurança, um repouso certo onde descançarmos das nossas inconstancias, das nossas incertezas.

Terão assim, verificado as nossas necessidades.

Mas, onde encontrar-lhes solução? Entre os homens?

Estes estão sempre vacillantes nas suas idéas; as suas regras são defeituosas; e, além disso, os bens deste mundo nada possuem de firme.

Concluíram, então, que era preciso elevar o espirito bem alto para encontrar a solução desejada. Viram que, somente, na lei de Deus — d'Aquella que disse "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", — somente nella se encontram uma direcção, um caminho infallivel que nos conduz sem incertezas; uma regra segura, invariavel, sem um unico defeito, pela qual dirigirmos a nossa vida; uma paz immutavel que faz com que as nossas almas vivam na doçura duma tranquillidade perfeita.

Nós, aucistas, penetrados dessas verdades, procuramos transmitti-las aos nossos companheiros que ainda não têm a ventura de as possuir.

Vocês, porém, receberam uma grande graça que não nos coube; a vocação sacerdotal! E por isso, ser-lhes-á, talvez, facilitada essa tarefa de que não nos devemos esquecer, isto é, a instrucção dos que se acham afastados de nós.

Deus chamou a todos trez para que se entregassem, inteiramente, de corpo e alma, ao seu serviço. E a Sua voz foi ouvida, por um mais cedo que por outro, mas a resposta de vocês foi a mesma: estão prestes a ingressar na milicia de Christo. Deixam todos os prazeres que o mundo lhes poderia trazer, para se dedicarem exclusivamente a essa cousa tão bella que é o sacerdocio. Serão, dentro em pouco, os mediadores entre nós, pobres mortaes, e Deus, principio e fim de todas as cousas.

E procuraram justamente a ordem que São Domingos fundou, no começo desse seculo de tanto brilhantismo para a Igreja, que foi o seculo XIII, ordem essa cuja missão especial é a oração e a pregação.

Escolheram a ordem que contou — para só citar os seus expoentes maximos — com Santo Thomaz de Aquino e com o mestre deste, Santo Alberto o Magno.

Foi com elles, sobretudo com o Doutor angelico, que a escolastica chegou ao seu apogeu "estabelecendo, não a identidade, mas a harmonia, isto é, (a distincção, concordancia, hierarchia) da graça e da natureza, da razão e da fé". "A graça não suprime a natureza, mas a perfaz, a completa" ensina Sto. Thomaz, na Summa Theologica. E accrescentta:

“A fé presuppõe o conhecimento natural, como a graça suppõe a natureza, e toda perfeição o seu objecto”.

A escolastica tem como ponto de partida a convicção do accôrdo inteiro, completo, da razão e da fé; e a paz do espirito ao contemplar “o espectaculo harmonioso de todas as verdades hierarchicamente organizadas, é o seu triumpho”.

Irão vocês, quem sabe, contribuir para a volta á escolastica e a philosophia thomista, que se tem feito notar principalmente depois de Leão XIII.

A ordem dos Dominicanos tambem é denominada dos *Irmãos pregadores*, o que bem indica o seu fim.

Depois de para ella entrarem, terão, por um lado a pregação no sentido do apostolado immediato junto aos fieis, e por outro, a pregação num sentido mais elevado de um magisterio superior.

Vão agora começar uma vida de preparação, de estudos, de meditação, para depois poderem applicar-lhes os frutos por meio dessas pregações.

— Esperamos que em todo esse tempo, se não esqueçam de orar, de pedir pela A. U. C. Não unicamente por estar sendo dirigida por uma ou outra determinada pessoa a quem estimamos mais, ou menos, mas pelo ideal que representa para todos nós essa associação que é nossa, a qual procuramos dar todos os nossos esforços afim de que venha a ser a orientadora, a esclarecedora de toda a mocidade do Brasil.

Orientadora, aperfeiçoadora dos que já têm a felicidade de ser catholicos, e que nella reunidos, poderão mostrar que o ser bons e verdadeiros catholicos não nos torna a vida triste, acabrunhada, mas, antes pelo contrario, nos dá a alegria sã, a tranquillidade de espirito que não possuirão, o pobre, o infeliz, os que não estão com a Verdade.

Darão, além disso, a prova concreta, pelas suas obras, seus empreendimentos, que catholicismo não é bater no peito, mas caridade, amor, dedicação, simplicidade.

Por outro lado, associação de fronteiras, — como tão, acertadamente a compreendeu o nosso tão caro Paulo Sá — aberta a todos aquelles que se quizerem esclarecer, aprender e verificar onde se encontra a Verdade, poderá a nossa A. U. C. continuar a cumprir com um dos seus fins mais uteis, e mais nobres.

Um, pelo menos, de vocês trez poderá dizer que é esse o espirito que deve ter a nossa associação e que foi devido a esse espirito que conseguiu entrar para a A. U. C., podendo hoje — extrema recompensa para ella — seguir para o ministerio de Deus.

E quando a nossa A. U. C. fôr aquillo com que sonhamos que temos a convicção firme que virá a ser, poderemos dizer

que, em parte, será isso devido a vocês trez, pela alegria que Deus terá sentido ao ver trez dos nossos entregarem-se ao seu sacerdocio, e pelas suas orações — orações dos trez primeiros padres aucistas!

Portanto, pedir-lhes-ei, em nome dos meus companheiros, que se não esqueçam, nas suas orações, de nós, aucistas que aqui ficamos, de toda essa juventude brasileira, catholica ou não-catholica, e da nossa muito e muito querida A. U. C.

THESE

{*Como acha que se devem applicar para o futuro as suas faculdades, para servir á Deus, á Patria e á Familia?*}

{No concurso promovido pelo Conde Montozon Brachet, ao qual concorreram diversos universitarios, foi premiada a these apresentada pelo aucista Moacyr de Oliveira, que assim a desenvolveu: }

“Não será difficil, no momento actual, a resposta a uma these formulada nos termos da presente.

Quando, em meio ás convulsões tremendas, por que atravessa a nossa geração, os dois caminhos se delineam:—de um lado, o caminho sangrento e vermelho do materialismo, que conduz á negação completa dos mesmos postulados já suppostos na proposição acima:—do outro, o caminho que conduz á affirmação serena de todas as theses contrarias ás do primeiro; quando os dois caminhos assim se delineam e se afastam irresistivelmente um do outro, digo, para alguém, informado nos principios da segunda via, não será difficil dizer como empregar, de futuro, as suas faculdades, para servir a Deus, a Patria e á Familia.

Se fôra esse alguém orientado para a primeira via, seria facil tambem a resposta, que importaria no emprego de 'udo o que tivesse de seu, na destruição e na negação mais completa, de *tudo* o que fosse Deus, de *tudo* o que fosse Patria, de *tudo* o que fosse Familia.

{No momento actual, com effeito, só póde ser admittido o *homem integral*, (quero dizer, no bom sentido, daquelle em que o empregamos, nós, os catholicos),—o homem de cacter, verdadeiramente firme em suas convicções, que, por onde quer que enverede, leva tudo ás suas ultimas e derradeiras consequencias.

E' o homem que tem horror ao meio termo, que deve vencer, nos tempos em que vivemos: — Ou o Mal, ou o Bem. Ou a Virtude Integral, ou o Vicio Integral. Ou a Religião, com *todos* os seus postulados e com *tudo*, até os mais pequenos detalhes; ou o materialismo rubro, o mais rubro que fôr possivel, levando tudo até ás suas ultimas finalidades.

O homem integral não titubeia diante dos dois caminhos a seguir. Elle escolhe o que lhe parece ser a Verdade e caminha por esta estrada, até o seu final.

O que é horrivel, é degradante, é profundamente triste e digno de compaixão, é o homem sem convicção.

E, quando, então, chega esta degradação ao jovem, é ainda mias triste, mais horriavel, mais *tudo*.

Pois que cumpre aos jovens da actual geração, uma tarefa tremenda em sua extensão e titanica em seu arrojo: — o corrigir os erros que as gerações passadas accumularam e lhes legaram, como um triste fardo.

No somno morno e sombrio de seculos, deixaram os que nos precederam, se ir minando, a pouco e pouco, o edificio que o passado lhes havia entregue, soberbo e cheio de vida. Naquella contemplação serena de sibaritas, deixaram que tudo se fosse destruindo; que tudo fosse, aos poucos, morrendo; e, depois, quando as convulsões causadas pela sua propria obra demolidora, os foram sacudir, em seu somno letargico de seculos, lançaram de sobre os hombros a carga, por demais pesada, que já não podiam supportar, e lançaram-na á frente dos olhares deslumbrados da geração que apenas começava a abrir os olhos para a Luz da Vida, e já recebia o mundo como um esqueleto; um ambiente tetrico, aonde iria desenvolver a sua mentalidade; e todo um futuro tremendo de responsabilidade, que lhe competia redimir dos erros passados.

A geração que não pode e que não póde sonhar! Que não teve e não tem tempo de ter mocidade! E que precisa, desde cedo, já muito antes mesmo de enfrentar as lides academicas, revestir a couraça da defesa e empunhar a lança do ataque, para se não deixar perecer tristemente, e sorver na immensidão monstruosa do cáos, que em todo o mundo impera.

A quem, pois, escolheu a *primeira via*, — a luta contra tudo e contra todos, e a subversão completa da ordem social, para a implantação do mais absoluto materialismo e a realização *integral* do dogma socialista.

A quem escolheu a *segunda via*, — igualmente, a luta contra tudo e contra todos, e a reversão aos valores sobrenaturaes, para a implantação completa do reinado do espirital e o triumpho *integral* do dogma catholico.

Ambos, correm á conquista do que julgam ser o Bem. Porque a alma do homem só póde ser atrahida para o que imagina ser um “bem”, embora este “bem”, seja, na verdade, o Erro. Ambos têm sêde de uma integralidade; de uma realização *inteira*, sem divisões e sem cavilações, dos postulados postos no inicio da escolha.

Somente,—um segue a Verdade:—outro segue o Erro. Ambos, porém, são dignos de admiração e dignos de estímulo.

E se ambos têm que lutar contra tudo e contra todos, é porque o mundo está cheio da *indifferença*.

Chegou o derrotismo do mundo a um tal ponto, que já não ha mais nem força para o Mal, nem força para o Bem. E o meio termo nojento é o que se alastra; é o que se implanta, e é o que se nota, em todas as attitudes do homem moderno.

Faz-se o Mal pela metade; como se fez o Bem pela metade. E como não se tem coragem nem para fazer esse Mal pela metade, busca-se justifica-lo, com a capa de um Bem ficticio, que nunca póde ser nem mesmo esse Bem, que, embora Erro, parece Verdade, á alma que tem a sede plena da realidade.

Este, o panorama que se patenteiou e se patenteia ainda, aos olhos desta geração, que abriu, ha pouco, os olhos para a Visão do mundo. De um lado, a facção minúscula do Bem Verdadeiro; do outro a facção, igualmente minúscula do Mal; e, no meio a rastejante massa dos indifferentes!

E, como a estes é natural que o Mal os admitta mais, em sua neutralidade estatelada, é a elle que dão o seu apoio, em tudo, em que não for preciso sair da indifferença covarde e desleal.

Resta, somente, portanto, numa Visão Plena da Realidade, um unico caminho a seguir: o da facção pequenina dos batalhadores do Bem.

E é esta, *certa e inexoravelmente*, a verdadeira via.

Nella, ninguem se póde deixar ficar na inactividade e na indifferença. Nella, ha sempre a Luz sublime de um Ideal Superior, a illuminar as trevas, que, porventura, se apresentem. E é na verdadeira integração dos seus principios á verdadeira realidade, que ella se expande e encontra a sua realização plena, na ACCÇÃO CATHOLICA.

Ah! essa sim! Com o facho ardente da verdadeira Piedade (é tão triste, ter-se que dizer, para tudo, "verdadeiro" e "verdadeira"!), a dirigir-lhe os passos, é ella integralmente digna da applicação, tambem integral, das faculdades do homem de character informado á Luz perenne do ensinamento catholico.

Na resposta, portanto, que eu poderia dar á pergunta proposta, eu diria, num resumo: "NA ACCÇÃO CATHOLICA, ILLUMINADA PELA PIRA ARDENTE DA PIEDADE E DA DEVOÇÃO".

Sim. Porque se servirmos a Deus, em toda a plenitude dos seus mandamentos, estaremos servindo, igualmente, á Patria e a Familia.

Impossivel é, com effeito, separar os elementos componentes desta admiravel trilogia. Na propria ordem de valores, em que estão collocados, exprimem elles uma regra de Accção;

— Deus, acima de tudo. Sem Elle, tudo o mais é inócuo e toda a acção é inexpressiva.

A Patria, sem Deus, é uma noção vasia e sem sentido, a que podem estar ligados, apenas, interesses mais ou menos egoistas, de momento, e que não póde deixar de ir resvalar até o fundo da concepção absurda e monstruosa da Patria universal, dos Communistas.

A Familia, sem Deus, é a degradação; é o Mal implanta-da na Cellula-mater da sociedade; e a sua consequente expansão por todos os dominios, levando á morte e á destruição, esta sociedade mesma, corroida em seus mais profundos fundamentos.

E' na realização plena da vontade de Deus, que está, portanto, todo o Ideal do emprego das faculdades da nossa alma.

E, para mim, jovem, filho desta geração que, somente ha pouco abriu os olhos para a Vida, é na obra dos moços que se póde achar o emprego total destas faculdades.

E' no reerguimento, — não tanto; na formação e na conservação desta mocidade tão cheia de vida e de entusiasmo, que se lança tão destemerosamente nos arcanos mais subtis da Realidade; é nisto que se póde empregar uma existencia inteira, sem que coisa alguma, a mais, nos possa absorver.

Os moços precisam de quem os diriga; de quem viva *no meio delles*, para lutar e vencer *com elles*; de quem os assista *de perto*; de quem não os deixe a sós, na labuta tremenda de todos os dias.

E os moços estão muito esquecidos. Fala-se por toda parte, da importancia culminante que tem a sua actuação, não só no presente, como, mormente, no futuro, mas se os deixa abandonados, com meia duzia de conselhos e palavras de entusiasmo, em meio ás suas proprias lutas.

O jovem, porem, mormente, quando luta pelo Bem, necessita, não só e, principalmente, de uma solida Devoção, mas, igualmente, — e a sua propria natureza humana o está a exigir — de um estímulo tambem humano; — *de alguém que vá constantemente a elles*, e não a quem *elles tenham que estar indo constantemente*.

Porque os que os dirigem, já melhor informados e já seguros de toda a Realidade, é que devem chama-los continuamente; metter-se entre elles; reprehende-lo, se fôr mister; e vibrar da sua mocidade; e não esperar que estes "herois" em formação, tenham, por si mesmos, *toda* a orientação; todo o entusiasmo e toda a acção necessaria, para virem ter, continuamente, com elles, os dirigentes.

O resultado fatal desta incompreensão da necessidade real dos moços, é que as suas obras estagnam; lutam com dif-

ficuldades intrinsecas, quasi insuperaveis e só avançam a passo diminuto, no caminho arido e cheio de espinhos, em que se quizeram iniciar.

E eu, que sinto, mormente na realidade carioca, esta falta de "vocações inteiras", na direcção dos moços, julgo que, melhor não poderei servir a Deus, e, com elle, á Patria e á Familia, do que dedicando-me, por inteiro, agora e no futuro, na obra de formação e conservação dessa mocidade; vivendo no meio delles, como moço de idade, emquanto o fôr, e como moço de coração, quando o corpo fraquejar, mas a alma ainda estiver de pé, para conservar sempre accesso o fogo sagrado do Ideal da Mocidade. ASSIM DEUS ME PROTEJA!

REGISTRO

UM RAIOS DE BOM SENSO NO MEXICO

A provincia de Veracruz, no Mexico, assignalou-se (tarefa, de si bastante notavel, naquella Republica) na politica estupidamente sectaria contra a Igreja, florão sangrento com que se adornam os pseudo-estadistas que desgovernam o infeliz povo irmão. Pois precisamente em Veracruz acaba de surgir um raio de bom senso. Segundo informações da imprensa, o novo Governador daquella provincia solicitou uma entrevista com as autoridades ecclesiasticas locais, deportadas pelo seu odiento antecessor, afim de propor-lhes um accordo para que se normalise a vida catholica na referida provincia. Ainda que as bases da solução proposta pelo dito Governador não correspondam ao quinhão de justiça social a que a Igreja tem direito, em todo caso significa uma melhora sensível na iniqua situação com que actualmente se deixa a consciencia catholica no Mexico.

UMA PEDRA NO SAPATO DA REPUBLICA...

Uma das formas que assumiu o odio monarchico na irrequieta Republica espanhola consistiu em expropriar os Grandes de Espanha, somente porque são grandes, porque representam a tradição nobiliarchica do paiz. Essa expropriação tem o caracter de confisco, porque se faz sem indemnização alguma aos proprietarios. Estão surgindo agora no emtanto, as primeiras difficuldades á essa ligeiresa da novel Republica. E entre ellas merece referencia a reclamação do Governo inglez contra a expropriação dos bens do Duque de Wellington y Ciudad-Rodrigo, que é cidadão britannico. Em vista desta reclamação o Governo espanhol passou a respeitar o titulo nobiliarchico do Sr. de Wellington, alem de resolver indemnizal-o pela expropriação das suas propriedades. De modo que a Grandeza Espanhola é considerada criminosa pela Republica do Sr. Niceto. Salvo tratando-se de Grandes de Espanha que não sejam espanhoes... e sejam subditos de alguma grande potencia militar...

BELLEZAS DA LAICIZAÇÃO
DO ENSINO...

Outro dia nos referimos aqui á extensão dada pelo actual Governo francez ao programma de laicização e gratuidade do ensino em seu paiz. Constan agora, para assignalar a imprudencia e o fracasso de um tal programma, os seguintes informes do insuspeito "Le Temps": "Entre as 71.000 escolas publicas se contam 45.000 de typo mixto a que assistem apenas de dez a 15 alumnos, havendo algumas com a cifra de 5 e até 3 escolares". Por este motivo foram ellas reduzidas a 30.000. E registre-se ainda que, para chegar á esse fracasso, a França dispende nada menos de 4.107.000.000 de francos annualmente... Quanto custa a politica sectaria!...

UMA PRECIOSA ESTATIS-
TICA

Agora que tanto se agita a questão do ensino das ordens Religiosas é interessante saber que paizes o admittem e que o prohibem. Paizes que o admittem: Inglaterra, Irlanda, Belgica, Hollanda, Allemanha, Italia, Austria, Hungria, Suecia, Tchecoslovaquia, Dinamarca, Polonia, Finlandia, Estonia, Letonia, Lituania, Yougoslavia, Portugal, Bulgaria, Rumania, Grecia, Albania, Canadá, Estados Unidos, Cuba, Nicaragua, Costa Rica, Panamá, Equador, Colombia, Venezuela, Brasil, Perú, Bolivia, Paraguay, Uruguay, Argentina, Chile, Japão, China, India, Philippinas, Australia, Nova Zelandia, Egypto, Colonias, europeas de Asia, Africa e Oceania.

Em França embora prohibidas por lei, não obstante cerca de 100 Communidades religiosas exercem ali seus fins fundacionaes. Identica é a situação em S. Salvador.

Paizes em que se prohibe o ensino só á Companhia de Jesus: Noruega e Suissa.

A ERUDIÇÃO DOS CRIMI-
NALISTAS LAICOS

Um miseravel assassinou a sangue frio, em Pamplona, (Espanha) a um querido sacerdote catholico. Encarregando-se da defesa de sua causa o sr. Jiménez Asúa, deputado ás Cortes espanholas, obteve a absolvição do criminoso sob a allegação de que elle é "um psycopatha constitucional e egocentrico". E o jurado illustre daquella provincia espanhola ficou sabendo que matar Padre não é nenhum crime, se o assassino tem pae Alcaide na Republica. O mais que lhe poderá acontecer será dar pasto á pedante erudição dos criminalistas laicos que empreitam sua liberdade.

OS FRUCTOS DO ENSINO
LAICO

Da presente situação escolar da França ainda o menos que se pode dizer é que está concorrendo para difficultar a obra da cultura popular. Della, no emtanto, ainda se pode dizer

mais e... peor. Pode-se dizer, por exemplo, que constitue hoje um factor ponderavel na degradação da propria sociedade. Responda-nos sinceramente o leitor, se exaggeramos, ao conhecer o episodio seguinte que foi commentado na imprensa europeá: Em Saint Paul de Weuse, graciosa aldeia situada á borda dos Alpes, um professor, ainda jovem, dado ás investigações freudianas, transformou sua escola em um campo de experimentação. Procurou a intimidade dos alumnos, depois do que, os estimulou a, diariamente, escreverem os sonhos que haviam tido durante a noite passada. As crianças desempenhavam a tarefa a contento do mestre, e este escolhia dentre as narrativas as que lhe pareciam mais sugestivas e fazia publica-las em um boletim pedagogico, Aconteceu, no emtanto, que, certo dia, um dos pequenos sonhara com o assassinio do prefeito municipal. E escreveu o seu sonho, ajuntando-lhe uma serie de pormenores impudicos. Claro está que o professor havia de gostar do escripto, o que, de facto, se verificou, pois o enviou para ser publicado. O prefeito, a quem se referia o sonho do somnambulico escolar, irritou-se e promoveu um processo contra o jovem pedagogo. Toda a aldeia solidarizou-se com o professor.

Agora começa a parte mais interessante da narrativa: As autoridades francesas julgaram o caso digno de punição. Mas a Federação Universitaria do Ensino, que constitue uma potencia no magisterio da grande Republica, declarou-se solidaria com o mestre de Saint Paul de Weuse, e appellou para todos os amigos da escola laica afim de apoia-la nesse movimento em prol do "direito de opinião".

E o caso, está bem visto, não tem semelhante caracteristica. A pessoa visada pelo morbido sonho infantil não se queixa de que a seu respeito se tenha formado esta ou aquella opinião, porém de se ver envolvido em uma publicação de feitio obsceno. Não, é tanto, o homicidio imaginario de, que foi objecto, que o determinou a exigir a reparação a que tem direito, porem o desrespeito á sua pessoa e á sua autoridade, que resulta da narrativa francamente immoral.

A immoralidade, entretanto, não constitue crime para um verdadeiro laico. Mesmo porque a immoralidade forma a base da conhecida moral laica.

UMA DRAMATICA SITUAÇÃO NO ENSINO AMERICANO

Para alguma cousa devem servir as desgraças alheias. Pelo menos para que da sua experiencia tirem proveito os observadores cautelosos e se precatem. Assim, nada

mais opportuno do que chamar a atenção dos que se occupam com o problema do ensino para a presente situação do magisterio na grande Republica do Norte. Esta situação não podia ser mais angustiosa. O Estado está sem poder pagar-

lhe os vencimentos. Em Chicago, por exemplo, lhe deve nada menos que 30 milhões de dollars... No Estado de Alabama, por falta de recursos para financial-as, foram fechadas 85 por 100 das escolas sem que se possa garantir ás restantes melhor destino. No dia 1.º de Abril ultimo o Governo fechou mais 2.400 escolas secundarias despedindo 7.000 mestres e 263.000 alumnos... E' evidente que a presente crise financeira contribuiu immensamente para esse descalabro. Mas tambem é incontestavel que a imprudencia dos governantes em materia de politica escolar não concorreu menos para elle. Houve alli uma verdadeira allucinação pela cultura. Os pedagogos officiaes quizeram transformar em poucos annos uma nação inculta em um povo de sabios. Crearam escolas, museos, bibliothecas, laboratorios, etc., etc., de proporções gigantescas e em numero phantastico. Tudo isso passou a pezar enormemente sobre os orçamentos do paiz. A carga foi soffrivelmente supportada nos tempos das "vaccas gordas". Agora, porém, que chegou o das "vaccas magras" a nação arreia a carga que não pode já conduzir. E passa a comprehender que deve a presente humilhação á pernesticidade dos seus pedagogos officiaes que, delirando com a escola unica preparavam o monopolio da cultura multiplicando insensatamente os centros de ensino do Estado.

UMA ARRANCADA DO ESPIRITISMO

Que o planeta Marte seja ou não habitado, é uma questão que só á sciencia importa elucidar. Do ponto de vista estrictamente religioso é indifferente que haja mais mundo habitado além do nosso. E' que esse conhecimento não accresceria em nada a idéa que formamos da grandeza e da omnipotencia de Deus dado que consideramos seus attributos como infinitos. E tambem não contribuiria para que os homens se tornassem melhores, pois que nada influiria sobre os seus instinctos egoisticos. Não pensam deste modo os espiritas europeos. Tanto que, a bem dizer, concentram no momento sua actividade em promover communições com o referido planeta. Sabe-se que encommendaram, com este objectivo, a uma casa inglesa, uma lente poderosissima para installar em um pharol que pretendem construir no cume de Jungfrau, Suissa. E deste modo, com o auxilio de 15 milhões de vellas, contam entrar em relações com os "martinos", dizemos, os habitantes de Marte. A razão pela qual o Espiritismo europeu tenta essa famosa aventura é facilmente comprehensivel. Depois de um largo periodo de invejavel popularidade no Velho Mundo, entrou elle alli, em triste decadencia. Seu nome, ligado á historia de tantos fracassos, para rehabilitar-se necessita de apparecer unido a um successo colossal. Dahi a gigantesca empresa que agora tenta. Dahi esse desespe-

rado appello aos longinquos habitantes de Marte, já que a clientela europea se mostra cada vez mais arredia, mais escassa e mesmo desdenhosa sinão, indifferente.

A COMEDIA ESPANHOLA O publico brasileiro está inteirado das occurrencias da ultima crise politica espanhola. Porém não comprehenderá as razões pela qual foi resolvida com a reimplantação do mesmo Governo demittido. Tudo isto, no emtanto, tem uma explicação muito simples: em Espanha as cousas se fazem segundo as ordens que vêem de fora. Ordens da Franco-Maçonaria e da III.^a Internacional. E' sabido que o Governo Azana se demittira imprevisamente. O Sr. Alcalá Zamora, sem a devida ponderação, creou um incidente que obrigou o Presidente do Conselho a entregar-lhe o bastão do mando. Mal chegou a noticia a Pariz, como era de prever, partiram dalli as determinações para que a situação se refizesse volvendo á chefia do Governo o Presidente demittido. E taes determinações foram cumpridas. Tudo o mais não passou de uma comedia para "tapear" a opinião publica.

A PAZ PELA ESCOLA As organizações pacifistas da Sociedade das Nações tomaram esse thema para ser glozado pelos estadistas de todo mundo. O assumpto é suggestivo. A these, em si mesma, é verdadeira. A escola, a verdadeira escola, bem entendido, é um centro de cordialidade de que pode irradiar pelo todo social um espirito de concordia e de amor. Acontece, no emtanto, que a Maçonaria a transformou em um campo de batalha. Sob a allegação hypocrita de defender a neutralidade e a liberdade do ensino, transformou a escola em um instrumento de deschristianização do povo. O programma laico, eis a verdade, não visa outro fim. Viviani o disse abertamente. E como a deschristianização da massa escolar exija sua substracção ás influencias paternas, a escola laica insurge-se contra a ingerencia da familia em materia escolar. O estudante passa a ser sua propriedade. E como si não bastasse á sua sêde de tyrannia impedir aos paes a escolha dos mestres e do ensino que deseja para seus filhos, experimenta-se no fracasso no momento, mais uma violencia contra o poder paterno e contra a propria liberdade do escolar. Trata-se da "selecção" a qual se comprehende como um direito do Estado em impôr um destino ao estudante. Quer isto dizer: o estudante perde o direito de escolher a carreira a que pretende se dedicar ou a que o pae o destinara. O Estado se arroga a si esse direito. Temos, assim, mais um motivo de discordia na escola. E o temos por causa da Maçonaria que é quem dirige em toda parte a politica escolar. E essa politica escolar, o dissemos já, é uma politica de guerra ao Christianismo. Não importa que o Dr. Anisio,

que desorganiza a instrução do Districto Federal, e outros pedagogos igualmente "engravidados" pelo pedantismo scientista, não pertençam á Maçonaria. A cousa se explica facilmente: meros copistas das novidades que sobre ensino apparecem nos outros paizes, não indagam de sua procedencia, bastando-lhes que seja novidade com que possam *épater le bourgeois*...

A "SELECÇÃO" PROMETTE
ALGO...

A "selecção", no entanto, não consiste somente em impôr ao estudante a carreira que os seus mestres lhe ditaram. Importa ainda

em algo mais grave: em declarar-se oficialmente sua inaptidão para a carreira que pretendia e em impedir que venha a concluil-a. Para bem ajuizar do alcance dessa violencia conste que até agora não ha um criterio geral admittido como base para a dita selecção. Todos soffrem criticas as mais rudes dos varios sectores sociaes. Porque ha qualidades que podem ser communs, digamos, aos filhos do burguez e do operario e outras existem em que o filho do operario está mal aparelhado para concorrer em condicções de igualdade com o filho do burguez. E neste caso estão quasi todos de ordem physica. Além disto, que influencias extranhas não viriam a influir no meio escolar para inclinar seu veredictum em favor de candidatos menos aptos? Não esqueçamos ainda que a aptidão para uma determinada funcção nem sempre madruga nos individuos. Em summa, ainda mesmo collocando o mestre em condicções de incorruptibilidade celestial fôra necessario dotal-o do dom da infallibilidade para que suas decisões viessem a estar isentas das injustiças costumeiras de trato ordinario dos homens. Tudo isso está sendo posto em fóco pela imprensa francesa, no momento, a proposito da determinação do Ministro da Educação daquelle paiz, de instituir a "selecção" nas escolas officiaes. E, felizmente, está provocando tambem uma salutar reacção de estudantes, de paes dos mesmos a que se solidarizam varias organizações sociaes. Este movimento tem uma tal significação que "Le Populaire", de Paris, affirma ser capaz de desacreditar a escola unica antes mesmo de ser instaurada.

BIBLIOGRAPHIA

UMA NOVA PANACÉA EUGENICA

Com a autoridade de seu nome e da posição de director da Secção de Estudos Demographo-genealogicos do Instituto Alemão para Pesquisas Psychiatricas de Munich, apresentou Ruedin perante a Associação Criminalistica Internacional, reunida em Francfort s. M., em meados de setembro ultimo, um trabalho (1) onde são estudadas as questões da esterilização e da interrupção da gravidez por motivos eugenicos. O excepcional valor scientifico do autor e a maneira original de por em pratica as medidas eugenicas merecem um commentario critico.

Como base para sua argumentação escolheu o terreno de que é senhor incontestemente:—a hereditariedade das perturbações mentaes. Cita, de inicio, as 3 enfermidades, cujos mecanismos de transmissão hereditaria são bem conhecidos, para exemplo da precisão desse dominio da sciencia. Sendo, porém, muito raras essas enfermidades e necessitando de grandes numeros para alicerçar suas conclusões, passa a enfrentar as psychoses mais frequentes. Com toda probabilidade affirma não serem conhecidas exactamente suas leis de transmissão. Sendo, comtudo, muito importante o papel da herança nessas doenças mentaes (schizophrenia, psychose maniaco-depressiva e epilepsia) e dada sua grande frequencia, Ruedin é de opinião que a actual imprecisão dos factos geneticos não prejudica as conclusões eugenicas. Para melhor impressionar expõe resumidamente os resultados obtidos com um systema que ideou para empiricamente obter o prognostico hereditario de um caso. As condições de saude que um individuo herda dependem, segundo elle, de 2 factores: 1) do estado de saude de um ou dos dous paes e 2) do gráo de parentesco com um dado typo de doença. Pelo seu systema, determinaram Ruedin e seus collaboradores a frequencia de transmissão hereditaria das principaes

(1) Ruedin—Die erblichen Grundlagen einer eugenischen Unfruchtbarmachung und Schwangerschaftunterbrechung—Deutsche medizinische Wochenschrift—28 de Outubro de 1932.

psychoses. Os numeros a que chegaram podem, muito approximadamente, em presença de um dado caso de doença mental, servir como indices de probabilidade de transmissão da doença aos descendentes. Não cabe aqui discutir o valor do systema de Ruedin, que é baseado rigorosamente em verificações de arvores genealogicas, em estatisticas e no calculo de probabilidades. O que deve ser fixado mais uma vez é o facto, já assignalado, que o mechanismo proprio da transmissão hereditaria das doenças mentaes ainda não é exactamente conhecido.

Retomando o fio do artigo de Ruedin encontramos, para reforçar o gritante dos Algarismos achados pelo alludido methodo empirico, as porcentagens das diversas enfermidades mentaes hereditarias na Allemanha. São cifras impressionantes. E, ainda assim, longe da realidade. Inqueritos estatisticos, feitos em seu Instituto e em determinadas localidades, por seus discipulos, demonstram que os dados officiaes são 3 e 4 vezes inferiores á verdade. Isto em se considerando apenas as doenças psychicas. Englobando-as com as demais de character hereditario, os numeros são ainda mais elevados. Cita Verschuer, cujo calculo dá para a Allemanha actual 300.000 doentes de males herdados (5 por mil da população), dos quaes 220.000 são debeis mentaes, zchi-zophrenicos ou maniaco-depressivos. A vista desses numeros, exclama que é preciso vêr que especie de homens é desejavel, para interesse da raça, que se aconselhe á reprodução.

Até aqui o problema é exposto, como pela maioria dos especialistas, apenas com uma abundancia de factos, expressos em Algarismos e porcentagens, bem deduzidos, que não podem deixar de fazer reflectir sobre o serio problema da frequencia e augmento progressivo das psychoses. Quanto á solução proposta, (esterilização) cabe dizer que ha muito passou em julgado e sua refutação não necessita ser aqui repisada. No modo de pô-la em execução é que é original o professor de Munich.

Vamos rapidamente assignalar que a interrupção da gravidez por justificação eugenica é considerada, no trabalho analysado, como uma circumstancia excepcional, quando foram frustrados os meios anti-concepcionaes, para ser completada por medidas esterilizantes. Praticamente resume-se, pois, a questão no problema de tornar esteril o portador manifesto ou latente de uma tara.

Ao portador latente tambem quer Ruedin tornar esteril, baseado em que a corrente hereditaria não poderia ser extincta si fossem impedidos de procrear só os grandes anormaes e os pequenos ou apparentemente sãos a continuarem transmittindo, aggravada como de commum observação. Cremos que a extensão da reprovação eugenica aos não attingidos manifestamente, mas provaveis transmissores,

foi uma das razões que levou Ruedin a defender a *esterilização eugenica espontanea* (Freigabe der eugenischen Sterilisation). E esta é a maior originalidade dos processos purificadores a Ruedin.

Na verdade seria attentar demais á liberdade individual, obrigando por lei á esterilização os parentes proximos dos doentes mentaes hereditarios. Recorra-se portanto ao sacrificio espontaneo em beneficio da raça e do futuro dos povos culturaes. Por outro lado Ruedin é declarado inimigo da esterilização compulsoria (zwangsweise), pedindo até ao plenario da Reunião que não se declarasse favoravel a leis penaes com esse fito. Parece-nos que assim se colloca Ruedin em impasse, porquanto os mais atacados pelos males hereditarios (loucos maniaco-depressivos e schizophrenicos) ficariam fóra das medidas eugenicis, incapazes que são de uma decisão espontanea (conforme o espirito das legislações sobre insanos).

Não visaria o fim principal e por outro lado seria uma porta aberta a grandes abusos a entrada em pratica do criterio de Ruedin. Aliás, prevendo a critica que o multiplicar das esterilizações espontaneas acarretaria uma diminuição da natalidade, flagello ameaçador em seu proprio paiz, propõe como correctivo uma campanha contemporanea em favor de maior numero de nascimentos nas familias em condições de procrearem filhos hygidos. Parece-nos insignificante em face da provavel gravidade do mal o remedio suggerido e por isso aqui deixamos apontada a perniciosidade da formula ruediniana.

Seria, apenas, o desejo de incluir os portadores das enfermidades hereditarias em latencia dentro do programma eugenico que levou Ruedin a propôr a esterilização espontanea? Não agiria, tambem, o sentimento da insufficiencia ou da incapacidade da sciencia biologica para dictar codigos ethicos, moderando seus enthusiasmos eugenizantes? Um pequeno resto de respeito pela liberdade humana ou a crença que aos poucos a sciencia aclarará com suas luzes as intelligencias humanas, o detem de propôr as medidas coercitivas, que outros hasteiam como bandeira de redempção das raças. E antes assim, porque muitos ha que desejam transformar quanto antes a terra e a humanidade em "haras humain", como o pseudo-scientifico Binet-Sanglé.

6/XII/32.

J. L. L.

A Educação Funcional—ED. CLAPAREDE—
Trad. de JAYME GRABOIS—Companhia Editora
Nacional—São Paulo—1933.

Que será educação funcional? Segundo o proprio Claparede é a educação que se propõe desenvolver os proces-

mentos mentaes, considerando-os, não em si mesmos, mas quanto á sua significação biologica, ao seu papel, á sua utilidade para a acção presente ou futura, para a vida. A educação funccional é a que toma a *necessidade* da criança, o seu interesse em attingir um fim, como alavanca da actividade que se lhe deseja despertar.

Não é uma concepção nova, pois Dewey já tratou demoradamente do assumpto no seu livro "L'ecole et l'Enfant". Tem no entanto, origem muito mais antiga, vem desde Montaigne, Comenius, Ratch, Fenelon e Rollin. Assim, educação funccional seria uma especie de educação attrahente. Mais do que esta, porém, porque não deve apenas chamar a atenção, deve despertar um desejo de possuil-a.

Para os que se dedicam ao estudo da escola nova tem seu algo de interessante mais este volume da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, editado pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

Noções de Historia da Educação—AFRANIO PEIXOTO—Companhia Editora Nacional—S. Paulo 1933.

Noções de historia da Educação, e não a historia da educação. Simples noções, na verdade. Porque a historia da educação é a historia analitica da civilização humana. E essa historia não pode ser contada num volume, porém exige milhares delles. Neste seu trabalho, Afranio Peixoto traçou uma perspectiva panoramica, a campos microscopicos meramente documentaes, da historia da educação. Com aquella sua mestria demasiado conhecida, o autor passa por alto, e nem podia ser de outro modo, por sobre todas as formas educacionaes até hoje adoptadas. Vem desde os tempos selvagens até os dias de hoje. E destina uma parte especial á America Latina, o Brasil inclusive.

Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe—Ordenadas e annotadas por WANDERLEY PINHO—Companhia Editora Nacional—S. Paulo—1933.

"Os papeis ineditos dos reis e dos homens de Estado reservam sempre novidades e surpresas", diz o sr. Wanderley Pinho ao prefaciare o volume que a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, acaba de editar com as cartas de Pedro II ao barão de Cotegipe. Lendo esses interessantes documentos, vê-se como o imperador brasileiro era minudente, pesquisador, tudo querendo saber e de tudo pedindo informações. As cartas abrangem largo periodo da Guerra do Paraguay e, por isso, constituem optima contribuição para o estudo daquella parte da Historia do Brasil.

O que é para admirar nessas cartas imperiaes é a fraquesa do estylo e o desataviado da linguagem. Não parecem documentos sahidos das mãos de um homem que conhecia varias linguas, inclusive o latim, o grego e até o hebraico.

A respeito da questão dos Bispos, ha a seguinte carta de 3 de outubro de 1875: "Eu não soube que se mandaram pagar as congruas que os Bispos deixaram de perceber, por estarem cumprindo sentença. Faça-o o Ministerio; mas sem approvação de minha parte a esse acto d'elle. Podia-se dar dinheiro aos Bispos para a viagem, sem se lhe pagarem congruas, a que elles não têm nenhum direito. Eu entendo que, mesmo não falhando o meio conciliatorio, que o Ministerio julgou acertado, e não ficou, segundo a opinião deste, dependente do levantamento dos interdictos, para que se não tomem as medidas de que se falla, serão estas indispensaveis para que se acautele o futuro contra a repetição duma surpresa como a do procedimento passado dos dous Bispos. Diz o despacho: "Sem prescindir do que é da sua competencia, etc."; mas eu não posso deixar de repetir que os Bispos praticaram um crime, excluindo das irmandades membros dellas, sem ser em virtude dos compromissos approvados pelo poder civil, e fazendo-o elles em cumprimento de bullas não placitadas. E' preciso que o despacho não seja redigido de modo a pôr isto em duvida".

1930—ADHEMAR VIDAL—Companhia Editora Nacional—São Paulo—1933.

O sr. Adhemar Vidal, que já publicára "O Incrível João Pessoa", acaba de reunir a materia daquelle livro a outras notas sobre a revolução na Parahyba, dando ao seu novo trabalho, volumoso de 460 paginas o titulo de 1930.

Documento indispensavel aos que desejarem conhecer os podromos da revolução de 1930, nesse livro está narrada, quasi passo a passo, a historia daquelle agitado periodo politico nacional. Das suas paginas resalta a figura impressionante de João Pessoa, em torno do qual girou e desenvolveu-se grande parte da offensiva revolucionaria contra o sr. Washington Luis. O povo já está cansado de ler depoimentos sobre a revolução de outubro de 1930, mas esta contribuição do sr. Adhemar Vidal tem alguma coisa de novo e de ainda inedito, que transforma o seu livro, apesar do estylo de reportagem que lhe foi dado em um trabalho que se lê com agrado.

I. S.